

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Maurício Engroff Bratz

**NO IR E VIR DA Balsa: O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NAS
PAISAGENS LINGUÍSTICAS DA FRONTEIRA PORTO XAVIER/ SAN
JAVIER**

Santa Maria, RS
2023

Maurício Engroff Bratz

**NO IR E VIR DA Balsa: O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NAS PAISAGENS
LINGUÍSTICAS DA FRONTEIRA PORTO XAVIER/SAN JAVIER**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana Rosa Sturza

Santa Maria, RS

2023

Maurício Engroff Bratz

**NO IR E VIR DA Balsa: O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NAS PAISAGENS
LINGUÍSTICAS DA FRONTEIRA PORTO XAVIER/SAN JAVIER**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovada em 28 de abril de 2023.

Eliana Rosa Sturza, Dra. (UFSM) – Videoconferência
(Presidente/Orientadora)

Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM) – Videoconferência

Marilene Aparecida Lemos, Dra. (UFFS) – Videoconferência

Kelly Cristini Granzotto Werner, Dra. (UFSM) – Videoconferência
(Suplente)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por iluminar meus caminhos com sabedoria e discernimento, sendo meu amparo nos momentos difíceis.

A minha orientadora, Professora Doutora Eliana Rosa Sturza, por confiar no meu trabalho, apontar direções e contribuir para minha formação acadêmica.

A minha família, em especial meus pais Arci e Tereza, minha irmã Giulia, meu filho Artur e minha namorada Gabriela, pelo apoio incondicional, por compreender minhas ausências e por me dar força com palavras de carinho e incentivo.

Aos colegas de trabalho das duas escolas onde atuo, por compreenderem que abdiquei de alguns projetos interdisciplinares para conseguir desenvolver a pesquisa e a escrita da dissertação.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGL pela amizade que construímos, seja de forma virtual ou presencial, oportunizando diálogo e muitas trocas de experiências acadêmicas.

À banca, pelas valiosas contribuições para meu amadurecimento acadêmico e para a qualidade do trabalho.

RESUMO

NO IR E VIR DA Balsa: O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NAS PAISAGENS LINGUÍSTICAS DA FRONTEIRA PORTO XAVIER/SAN JAVIER

AUTOR: Maurício Engroff Bratz

ORIENTADORA: Eliana Rosa Sturza

O presente estudo está inserido na linha de pesquisa “Língua, Sujeito e História”, e aborda a situação de contato social e linguístico na zona limítrofe de Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR). Nosso objetivo é compreender a constituição política e identitária do sujeito fronteiriço-missioneiro e sua relação com a língua neste espaço de enunciação. Interessa-nos também demonstrar como a dinâmica social local, ou seja, a vida da fronteira, possibilita uma intercompreensão no uso das línguas portuguesa e espanhola, em especial, pelo ir e vir da balsa, que transporta pessoas e produtos, movimentando a economia e fomentando interações sociais diversas. O espaço de enunciação constituído no dizer desses sujeitos, no uso das línguas, inclusive do portunhol nas práticas sociais cotidianas, faz parte da constituição da identidade do fronteiriço. Deste modo, pretendemos responder à seguinte questão: quais são os sentidos políticos no uso do português, do espanhol e do portunhol por falantes fronteiriços, na zona de fronteira Porto Xavier/*San Javier*? Apresentaremos, num primeiro momento, uma revisão teórica dos estudos sobre as línguas em contato nas zonas de fronteira. Após, apresentamos nosso *corpus*, constituído de “Paisagens Linguísticas” (PLs), representadas por fotografias de placas de espaços públicos e privados, que compõem o espaço de uso das línguas e as significam politicamente. Realizaremos uma análise interpretativa desses enunciados, sob a luz do conceito de “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, de Sturza (2006) e dos princípios da “Semântica do Acontecimento”, de Guimarães (2002), utilizando como categoria analítica o movimento das noções de “nomeação” e “designação”.

Palavras-chave: Fronteira. Portunhol. Enunciação. Sujeitos fronteiriços. Paisagens Linguísticas.

ABSTRACT

ON THE COMING AND COMING FROM THE FERRY: THE ENUNCIATION SPACE IN THE LINGUISTIC LANDSCAPES OF THE PORTO XAVIER/SAN JAVIER BORDER

AUTHOR: Maurício Engroff Bratz

ADVISOR: Eliana Rosa Sturza

This study is part of the line of research “Language, Subject and History”, and addresses the situation of social and linguistic contact in the border area of Porto Xavier (BR) and San Javier (AR). Our objective is to understand the political and identity constitution of the frontier-missionary subject and his relationship with the language in this space of enunciation. We are also interested in demonstrating how the local social dynamics, that is, life on the frontier, makes possible an intercomprehension in the use of the Portuguese and Spanish languages, in particular, by the coming and going of the ferry, which transports people and products, moving the local economy and fostering diverse social interactions. The enunciation space constituted in the saying of these subjects, in the use of languages, including Portuguese in everyday social practices, is part of the constitution of the frontier identity. In this way, we intend to answer the following question: what are the political meanings in the use of Portuguese, Spanish and Portunhol by border speakers, in the Porto Xavier/San Javier border area? We will present, at first, a theoretical review of studies on languages in contact in border areas. Afterwards, we present our corpus, consisting of “Linguistic Landscapes” (PLs), represented by photographs of plaques of public and private spaces, which make up the space for the use of languages and signify them politically. We will carry out an interpretative analysis of these utterances, under the light of the concept of “Border Enunciation Space”, by Sturza (2006) and the principles of “Event Semantics”, by Guimarães (2002), using as an analytical category the movement of the notions of “nomination” and “designation”.

Keywords: Frontier. Portunhol. Enunciation. Border subjects. Linguistic Landscapes.

RESUMEN

EL IR Y EL VENIR DE LA Balsa: EL ESPACIO DE ENUNCIACIÓN EN LOS PAISAJES LINGÜÍSTICOS DE LA FRONTERA PORTO XAVIER/SAN JAVIER

AUTOR: Maurício Engroff Bratz

DIRECTORA: Eliana Rosa Sturza

Este estudio hace parte de la línea de investigación “Lengua, Sujeto e Historia”, y aborda la situación del contacto social y lingüístico en la zona limítrofe de Porto Xavier (BR), y San Javier (AR). Nuestro objetivo es comprender la constitución política e identitaria del sujeto fronterizo-misionero y su relación con el lenguaje en este espacio de enunciación. También nos interesa demostrar cómo la dinámica social local, es decir, la vida en la frontera, posibilita una intercomprensión en el uso de los idiomas portugués y español, en particular, por el ir y venir de la balsa, que transporta personas y productos, moviendo la economía local y fomentando diversas interacciones sociales. El espacio de enunciación constituido en el decir de estos sujetos, en el uso de las lenguas, incluyendo el portuñol en las prácticas sociales cotidianas, es parte de la constitución de la identidad del fronterizo. De esta forma, pretendemos responder a la siguiente pregunta: ¿cuáles son los sentidos políticos en el uso del portugués, español y portuñol por los hablantes fronterizos, en la zona fronteriza Porto Xavier/San Javier? Presentaremos, en un primer momento, una revisión teórica de los estudios sobre lenguas en contacto en zonas de frontera. Posteriormente, presentamos nuestro corpus, conformado por “Paisajes Lingüísticos” (PLs), representadas por fotografías de placas en espacios públicos y privados, que configuran el espacio del uso de las lenguas y las significa políticamente. Realizaremos un análisis interpretativo de estos enunciados, a la luz del concepto del “Espacio de Enunciación Fronterizo”, de Sturza (2006) y de los principios de la “Semántica del Acontecimiento”, de Guimarães (2002), utilizando como categoría analítica el movimiento de las nociones de “nominación” y “designación”.

Palabras-clave: Frontera. Portuñol. Enunciación. Sujetos fronterizos. Paisajes Lingüísticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. NO IR E VIR DA Balsa: UM MOVIMENTO HISTÓRICO	13
1.1 UM CORREDOR MISSIONEIRO: PORTO XAVIER	20
1.2 DO OUTRO LADO DO RIO: SAN JAVIER.....	25
1.3 COMÉRCIO INTERNACIONAL: O IR E VIR ENTRE O LEGAL E O ILÍCITO..	30
1.4 ACORDOS E DISCURSOS SOBRE A INTEGRAÇÃO: OS MOVIMENTOS NA E DA FRONTEIRA.....	36
2. LÍNGUAS QUE SEPARAM E UNEM: O FLUIR DO RIO	45
2.1 ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS E FRONTEIRAS	46
3. YO PERGUNTO, TU CONTESTAS: NÓS ENUNCIAMOS	58
3.1 O ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO NA E DA FRONTEIRA	68
3.2 PAISAGENS LINGUÍSTICAS: O ENUNCIAR EM IMAGENS	75
4. PAISAGENS LINGUÍSTICAS: A SIGNIFICAÇÃO NO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO DA FRONTEIRA	78
4.1 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E POSSÍVEIS GESTOS DE INTERPRETAÇÃO	84
5. APORTANDO O IR E VIR: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	105

INTRODUÇÃO

As fronteiras não existem apenas para delimitarem territórios, mas para serem transpostas. Talvez isso passe despercebido no dia a dia de quem vive na fronteira do “ir e vir”¹, como é o caso de Porto Xavier/*San Javier*. Atravessar o rio, “cambiar”² dinheiro, ser abordado na rua por um argentino e falar um pouco português e um pouco espanhol para ser compreendido, é prática comum. Ser fronteiriço sempre me³ permitiu vivenciar estas experiências, entretanto não me fez observar tantos outros aspectos que fazem da fronteira um lugar único, carregado de simbologias. Foi somente em minha caminhada acadêmica que lancei outros olhares e passei a observar, questionar e compreender o que faz da fronteira entre Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR) um lugar singular.

A escolha por cursar Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - campus Cerro Largo foi motivada pela proximidade com a Argentina e pela relação com o espanhol, pois basta atravessar o rio e estamos no país vizinho. Ao longo do curso, tive a oportunidade de ser bolsista do PIBID Letras⁴, bem como atuar como bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica (PIICT), da UFFS, no projeto “Inter-relações culturais entre o português e o espanhol na zona de Fronteira Porto Xavier (BR) e San Javier (AR)”⁵, no ano de 2011. Em 2012, fui bolsista de extensão no projeto “*El cine como acercamiento a la lengua y culturas hispánicas*”⁶. No mesmo ano, fui bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa intitulado “*Primavera con una esquina rota. O exílio de cada um. Uma leitura da obra de Mario Benedetti*”⁷. Em 2013, trabalhei no projeto “Trânsitos entre fronteiras: interculturalidade e ensino de línguas em escolas do Brasil e da

¹ O ir e vir representa a mobilidade que constitui a fronteira territorial, como observa Sturza (2006).

² Trocar o dinheiro da mesma moeda por notas de valores menores ou trocar uma moeda pela outra. Exemplo: Quero cambiar Real por Peso.

³ Por ser da fronteira e habitar a fronteira, abordando um tema do qual também faço parte, peço licença para escrever em 1ª pessoa.

⁴ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, coordenado pelo professor Dr. Demétrio Alves Paz, nos anos de 2014 e 2015, na UFFS campus Cerro Largo.

^{5, 6, 7} Projetos Coordenados pela professora Dra. Neiva Maria Graziadei Fernandes, na UFFS campus Cerro Largo.

Argentina⁸”, vinculado à Ação 20RJ do MEC. Foi um longo percurso trilhado entre a linguística, a literatura, o cinema, a interculturalidade e as práticas de ensino, mas foram as temáticas ligadas à fronteira que me cativaram e se tornaram tema do meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Inter-relações culturais entre o português e o espanhol na zona de fronteira Porto Xavier/*San Javier*”, pesquisando as relações cultura/língua presentes entre as cidades gêmeas⁹ de Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR), separadas pelo rio Uruguai e unidas pela travessia de balsa e pela necessidade de “ir e vir”.

Ao lançarmos outros olhares para os enunciados que constituem as falas e que circulam na fronteira, nos deparamos com situações que antes não eram tomadas como objetos de estudo. Uma destas situações ocorreu em um jogo de futebol, num campeonato municipal, onde foi cometida uma falta violenta e, no momento, um jogador disse: “– Mas tem que sê que tão jogando por *puchero!*”. Tanto jogadores como torcida riram. Sabemos que *puchero* é uma sopa de legumes com carnes e ossos, bem comum na Argentina, pelo menos em *Misiones*, o que no contexto simbolizava que a falta violenta foi cometida porque estavam jogando por carne. Este mesmo enunciado, dito em outro local que não fosse esta fronteira, não teria o mesmo sentido, isso porque a fronteira aproxima as culturas, as línguas, e promove uma inter-relação única, pois cada comunidade possui sua dinâmica de funcionamento, onde circulam sujeitos e línguas.

A fronteira é muito mais do que um espaço geográfico, ela vai além dos territórios. Ela separa e une, ela é integração e conflito, ela é “ir e vir”. É neste conflito, característica constitutiva do político, que sujeitos e línguas são afetados e atravessados pela história, nesta mobilidade, que significa a fronteira.

Sendo assim, a presente dissertação de mestrado, situada na área de concentração em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, filiada ao projeto de pesquisa “Da História e da Política: as línguas, as

⁸ Projeto Coordenado pela professora Me. Roberta Kolling Escalante, na UFFS campus Cerro Largo.

⁹ Segundo o Ministério da Integração Nacional, são considerados cidades gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, integrada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar a unificação da malha urbana com cidade do país vizinho. Disponível em: <https://shre.ink/1rdM>. Acesso em nov.2022.

fronteiras e as instituições”, adotando como perspectiva teórico-metodológica os estudos enunciativos em interface com a análise do discurso de linha francesa – AD, e recorrendo a outras áreas do conhecimento, como os estudos históricos e geográficos, buscará entender os sentidos políticos do uso do português, do espanhol e do portunhol por sujeitos fronteiriços, no espaço de enunciação da fronteira de Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR). Para compreender o funcionamento dos sentidos políticos no uso dessas línguas da e na fronteira, propomos uma análise interpretativa de “Paisagens Linguísticas”, compostas por fotografias de fachadas e placas de espaços públicos e privados, utilizando como pressupostos teóricos o conceito de “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, de Sturza (2006) e os princípios da “Semântica do Acontecimento”, de Guimarães (2002), tomando como categoria analítica os movimentos de “nomeação” e “designação”.

O presente trabalho pretende contribuir para os estudos sobre as línguas em circulação entre as fronteiras do Brasil e da Argentina, em especial na região das Missões, na qual estão situadas as cidades gêmeas de Porto Xavier e *San Javier*, onde tem se verificado que há poucos estudos que abordam a situação linguística desta fronteira, dado o contato linguístico existente, sobretudo tomando como perspectiva de abordagem os estudos enunciativos.

Nosso trabalho está dividido em quatro momentos: no primeiro, apresentamos a história das Missões e das cidades de Porto Xavier e *San Javier*, bem como as práticas, discursos e acordos que constituem a vida cotidiana dos fronteiriços dessa região.

No segundo momento, abordamos a relação dos sujeitos com a língua e as pesquisas desenvolvidas sobre as línguas em contato na fronteira entre Brasil e Argentina, em especial na região missioneira.

No terceiro momento, explicitamos as concepções teóricas que norteiam nosso trabalho, tratando da “Enunciação”, da “Semântica do Acontecimento” e do “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, bem como das categorias analíticas utilizadas para nossa análise interpretativa.

No quarto momento, apresentamos nosso *corpus*, composto de “Paisagens Linguísticas” (PLs), nas quais estão presentes os enunciados que constituem o

espaço de enunciação da fronteira. Em seguida, procedemos nossa análise sobre as textualidades apresentadas.

Para encerrar, trazemos nossas considerações finais, onde observamos que o “ir e vir” é constitutivo na e da fronteira, bem como o político marca a disputa que atravessa esse espaço limítrofe, que divide e ao mesmo tempo integra Porto Xavier e *San Javier*, por meio de um passado em comum, marcado pelas missões jesuíticas. Desse modo, o espaço de enunciação significa os sujeitos e seu modo de habitar e conviver entre culturas e línguas, afetados pela história.

Portanto, o presente trabalho procura contribuir para os estudos das línguas em circulação nas fronteiras da região missioneira do Rio Grande do Sul, em especial na fronteira entre Brasil e Argentina, observando a significação nos modos de enunciar, neste movimento constitutivo da vida dos fronteiriços.

1. NO IR E VIR DA BALSA: UM MOVIMENTO HISTÓRICO

A mobilidade é constitutiva da fronteira. É a travessia da balsa que propicia o contato entre brasileiros e argentinos, e nos permite observar como funciona o dia a dia da fronteira a qual nos propomos estudar. Nesse contexto, o presente capítulo pretende situar geograficamente as cidades de Porto Xavier e *San Javier*, bem como apresentar um apanhado histórico da criação dos municípios, desde as Missões Jesuíticas, da qual fizeram parte, até os dias atuais. Também abordaremos como se dão as relações comerciais entre as duas cidades e os discursos que circulam sobre essa integração. Tais informações contribuem para analisar os possíveis sentidos relacionados à identidade e às línguas nas quais os sujeitos enunciam.

Para compreender a dinâmica local da fronteira entre Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR), faz-se necessário, primeiramente, observar sua localização geográfica, como ocorre a articulação entre os territórios¹⁰, e como se deu a constituição histórica dessas cidades. Fazer este percurso geográfico e histórico, parece-nos imprescindível para entender como se constituem os sujeitos que habitam este espaço, e como seu enunciar é afetado pela história, na constituição de sua identidade e nas suas práticas cotidianas.

Na Figura 01 podemos observar que Porto Xavier e *San Javier* estão frente a frente, apenas separadas pelo rio Uruguai, que sempre teve um papel importante por ser navegável e servir para a pesca e abastecimento de água.

¹⁰ Segundo Haesbaert (2004), "(...) o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural." (HAESBAERT, 2004, p. 79). Para o autor, "Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação." (HAESBAERT, 2007, p. 20-21)

Figura 01 - Foto aérea que mostra a localização de Porto Xavier e *San Javier*



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Xavier, 2022.

É no movimento do “ir e vir” da balsa¹¹ que as culturas se entrelaçam, que a língua se significa e que a inter-relação acontece. Para que isso ocorra, a localização geográfica de Porto Xavier é privilegiada. O município fica situado nas margens do Rio Uruguai¹², na região das Missões, fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul, divisa com Argentina, onde localiza-se a cidade gêmea de *San Javier*, pertencente à *Província de Misiones*. O limite territorial é o Rio Uruguai, e a passagem entre as cidades gêmeas se dá pela ligação de balsa, que transporta pessoas e produtos diariamente, fortalecendo os laços comerciais, familiares e de turismo, possibilitando, portanto, interações sociais diversas.

Para nos situarmos neste espaço geográfico, trazemos um mapa com as cidades-gêmeas da fronteira brasileira na região da Bacia do Rio da Prata, destacando os tipos de articulações que se dão entre estas (fluvial com ponte, fluvial sem ponte

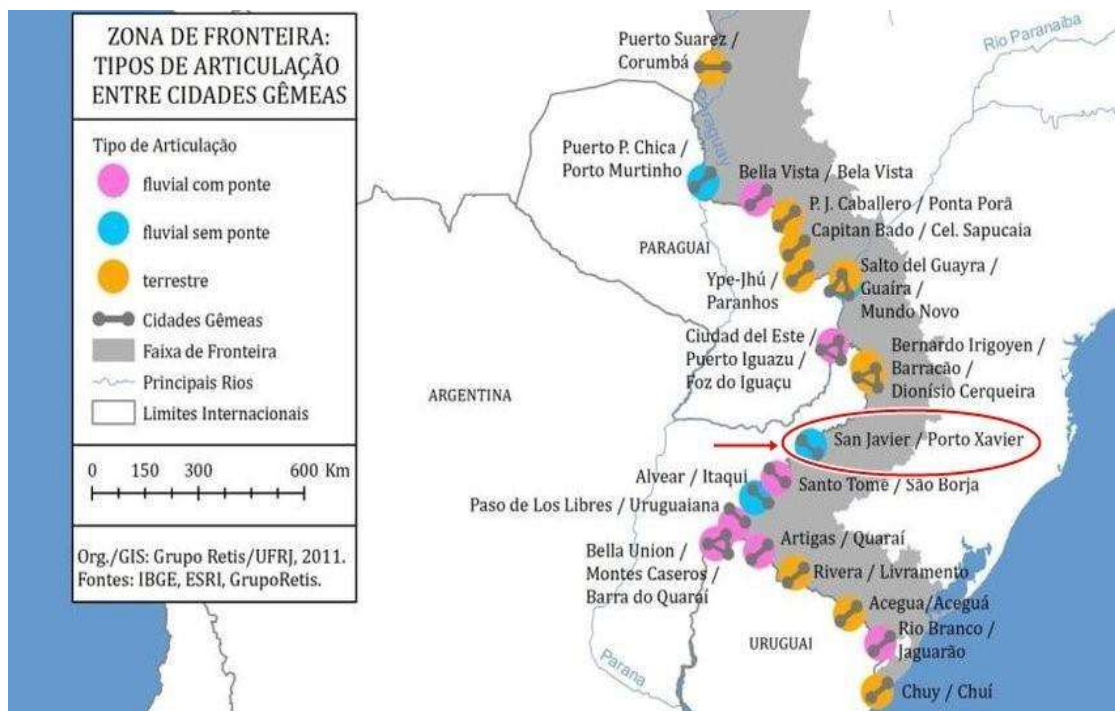
¹¹ Nesta fronteira, balsa e barca são sinônimos. Ambas fazem a travessia de carros e pedestres. A lancha faz a travessia apenas de pedestres.

¹² A Região Hidrográfica do Uruguai apresenta grande importância para o país em função das atividades agroindustriais desenvolvidas, do seu potencial hidrelétrico e por servir de passagem para a importação e exportação internacional. Juntamente com as regiões hidrográficas do Paraná e Paraguai ela forma a grande região hidrográfica do Prata. O rio Uruguai possui 2.200 km de extensão e se origina da confluência dos rios Pelotas e do Peixe e assume, nesse trecho, a direção Leste-Oeste, dividindo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Após a sua confluência com o rio Peperi-Guaçu, apresenta direção sudoeste, servindo de fronteira entre o Brasil e a Argentina. Após receber a afluência do rio Quaraí, que limita o Brasil e o Uruguai, na região sudoeste do estado do Rio Grande do Sul, toma a direção sul, passando a dividir a Argentina e o Uruguai até sua foz. A região hidrográfica abrange porções dos estados do Rio Grande do Sul (73%) e Santa Catarina (27%). A área total da bacia do rio Uruguai é de 385.000 km², sendo que 45% está situada em território nacional (2% do País). A vazão média anual da Região Hidrográfica do Uruguai corresponde a 2,6% da disponibilidade hídrica do País. Fonte: http://www.comiteibicuí.com.br/bh_002.html . Acesso em jan. 2023.

ou terrestre), bem como a demarcação dos limites da faixa de fronteira. Este conjunto de cidades gêmeas está concentrado no chamado Arco Sul das fronteiras brasileiras, que inclui a faixa de fronteira dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que, segundo Sturza (2019), são fronteiras reconhecidamente com maior densidade demográfica.

A articulação entre as cidades de Porto Xavier e *San Javier* se dá por meio de travessia fluvial sem ponte, com a utilização de balsa e lancha, e está destacada em vermelho na Figura 02:

Figura 02 - Mapa das zonas de fronteira e os tipos de articulação entre as cidades gêmeas.



Fonte: IBGE, ESRI, GrupoRetis. Org./GIS: Grupo Retis/UFRJ, 2011.

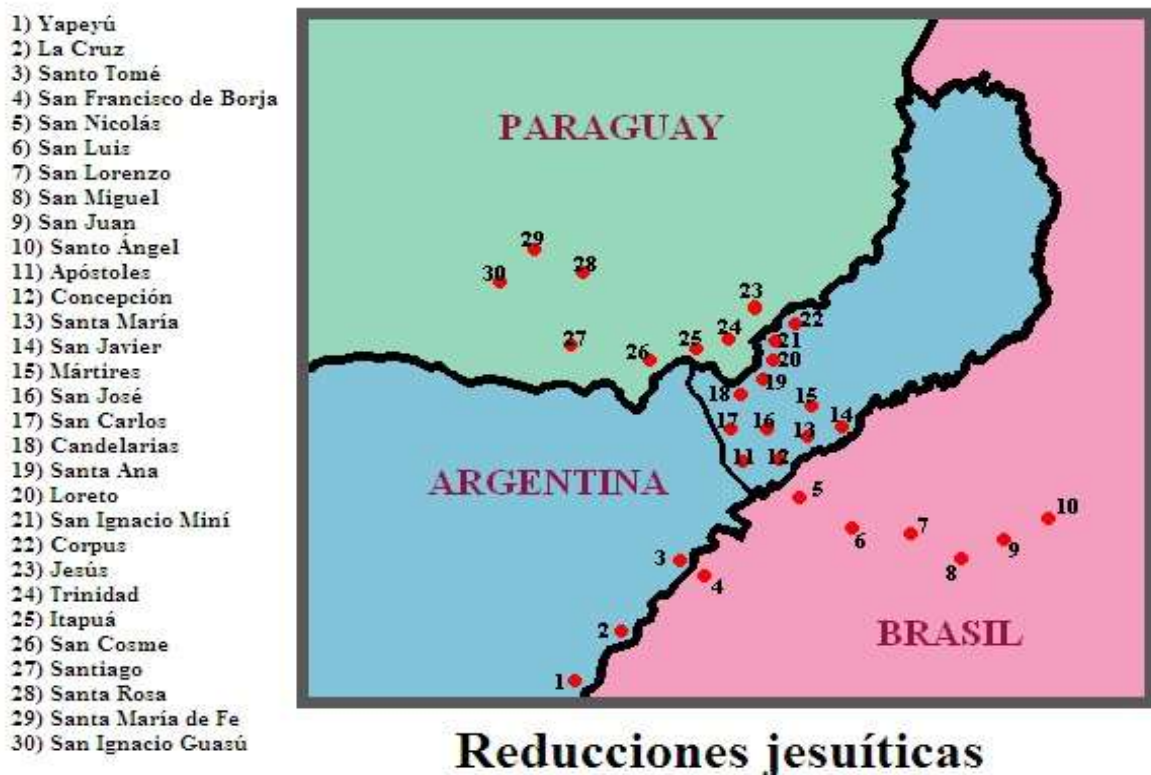
Porto Xavier e *San Javier* tiveram fortes influências do domínio jesuítico-guarani, durante a construção e o funcionamento das reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões, que foram destituídas a partir da expulsão dos padres jesuítas deste território, em 1767, como observam Porto (1943) em sua obra **História das Missões Orientais do Uruguai**, publicada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e Golin (2014), na obra **A guerra guaranítica: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha**.

Segundo Golin (2014), os Sete Povos das Missões, integravam com outros vinte e três, os trinta povos missioneiros:

Os Sete Povos das Missões faziam parte da Província Jesuítica do Paraguai, unidade administrativa do Reino Espanhol que se estendia por partes do atual Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. No total havia na província trinta povos missioneiros – 23 localizados na margem direita do rio Uruguai, em territórios que hoje pertencem ao Paraguai e à Argentina, e sete localizados na margem esquerda do rio, em território que atualmente faz parte do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, e da República do Uruguai. (GOLIN, 2014, p. 23).

Na Figura 03, observamos a localização geográfica dos Sete Povos das Missões, situados em território brasileiro, juntamente com os outros 23 povoados, que formavam o conjunto das 30 reduções jesuíticas:

Figura 03 - Mapa com a localização das 30 reduções jesuíticas



Fonte: Missões Orientais, Wikimedia Cammons, 2023.

Desde os primeiros povoamentos, o Rio Uruguai já servia como “corredor¹³” para comunicação entre as reduções jesuíticas do lado argentino e brasileiro. O

¹³ Termo regionalista gaúcho. Segundo o Dicionário de vocábulos gaúchos, no Pampa, nomeia uma estrada que atravessa campos de criação, separados por cercas em ambos os lados. Disponível em: <https://abre.ai/fiGO> Acesso em nov.2022. Na fronteira, o termo é utilizado para se referir ao que serve

território onde encontra-se o atual município de Porto Xavier era utilizado pelos indígenas guaranis¹⁴ como estância para criação de gado, levando em conta que a redução ficava no lado argentino, hoje município vizinho de *San Javier*, e que tudo era um só território, pertencente à Coroa Espanhola. Hoje, o mesmo rio que demarca/limita os territórios, também serve como elo de ligação entre os países, por meio da travessia diária da balsa, como já mencionamos.

Porto Xavier e *San Javier* fazem parte de uma história de lutas por seus territórios. Segundo Golin (2014), a expansão territorial pretendida pela Coroa Espanhola no continente sul-americano envolveu diversas ordens religiosas, entre elas, a Companhia de Jesus, fundada pelo padre Ignácio de Loyola, durante a Contrarreforma, resposta à Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. O projeto de conquista por meio da religião, liderado pelos padres católicos, envolveu quatro países: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. As reduções comandadas pelos Jesuítas formavam uma só nação, povoada por nativos, em sua maioria, indígenas guaranis.

O encontro de duas culturas: a europeia e a indígena, produziu vários deslocamentos e desencontros e engendrou novos sentidos num âmbito global. A língua, como elemento cultural, muitas vezes, é empecilho para a comunicação entre os povos, mas os padres da Companhia de Jesus, ordem religiosa que buscava a conquista espiritual dos indígenas, aprenderam a língua indígena, e puderam se comunicar com os povos que aqui habitavam. Segundo a revista **O roteiro do Mercosul**¹⁵, que conta a história da região das Missões, editada nos anos 90 pela Mercotur – Turismo e Negócios, disponível na Biblioteca Pública Municipal de Porto Xavier¹⁶, o modelo de sociedade arquitetado pelos padres jesuítas chegou a preocupar a Coroa Espanhola, culminando na derrocada do projeto jesuítico-guarani, em 1769, com a expulsão dos jesuítas:

de passagem entre os leitos dos rios navegáveis. Faz alusão ao slogan do Centro de Tradições Gaúchas de Porto Xavier – “o corredor missioneiro”.

¹⁴ “Os trinta Povos principais, com suas cidades e espaços territoriais, eram formados por etnias indígenas, majoritariamente guarani (...)” (GOLIN, 2014, p.43)

¹⁵ A revista não possui dados catalográficos para citação dentro das normas ABNT.

¹⁶ Para elaboração deste trabalho foi realizada pesquisa documental junto à Biblioteca Pública Municipal de Porto Xavier, no ano de 2022, sendo que os documentos das gestões municipais, bem como a Revista Mercotur – Turismo e Negócios, foram as únicas fontes encontrados que versam sobre a história do município.

A província Jesuítica do Paraguai colonizou a partir de 1609 um imenso território onde foram criados 30 povoados num território hoje dividido entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Ao longo de quase 160 anos desenvolveu-se um sistema social que chegou a preocupar as cortes européias. O modelo de uma sociedade sem Estado gerou a economia de reciprocidade [...] Em 1613, já haviam 52 padres da Companhia de Jesus. Em cada missão havia dois padres e até seis mil índios. Um dos padres cuidava dos serviços religiosos. O outro organizava as atividades do povoado. (MERCOTUR TURISMO E NEGÓCIOS, s.d. p.6)

O projeto jesuítico-guarani nas Missões ocorreu em duas fases - em 1626 e 1707 - pois os indígenas se viam obrigados a atravessar o rio para fugir dos ataques constantes dos bandeirantes paulistas, que tentavam capturá-los para escravizá-los, fundando assim, em outros locais, novos povoados. Segundo Golin (2002), “de 1680 a 1756, a fronteira entre os dois impérios coloniais (...) esteve representada pelos Sete Povos, pelos povoados e pelas estâncias e ervais missioneiros” (GOLIN, 2002, p.48-49).

É a segunda fase de implementação do projeto jesuítico-guarani que dá origem aos Sete Povos das Missões, atual região das Missões do Rio Grande do Sul, compostos na época, segundo o encarte **Dados históricos e estatísticos do Município de Porto Xavier** (1995), pelas reduções de São Nicolau do Piratini, São Francisco de Borja, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio, dissipadas em 1769 por militares portugueses e espanhóis, após a assinatura do Tratado de Madrid, firmado em 1750, com o intuito de definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas, pondo um fim às disputas territoriais. O respectivo tratado, segundo Golin (2014) determinava que “Portugal entregasse a Colônia de Sacramento à Espanha, para receber em troca os Sete Povos das Missões, localizados na margem leste do Rio Uruguai, então sob domínio espanhol” (GOLIN, 2014, p. 14). Uma das exigências dos portugueses foi a retirada dos indígenas e padres jesuítas deste território. Alguns indígenas e padres acabaram indo para o lado argentino, outros se recusaram a sair, o que acabou gerando uma divisão entre padres e indígenas, que foram expulsos pelos exércitos. Foi em 1801, que o território missioneiro, do lado brasileiro, se tornou efetivamente português.

Este viés diferenciado historicamente, onde os territórios, antes de serem fronteiras políticas, eram um só, habitados por indígenas, colocam em evidência a importância de estudar a constituição das fronteiras do Cone Sul, como destaca Grimson (2001):

En el Cono Sur, (...) recién comienza a asumirse el desafío de pensar como agentes fronterizos a los jesuitas de las reducciones, a los guaraníes, a los bandeirantes, a los fazendeiros riograndenses y a muchos otros sectores sociales que tuvieron un papel relevante a través de sus propios éxitos y sus fracasos, como la Guerra Guaranítica de mediados del siglo XVIII– en la construcción de las fronteras políticas en el Cono Sur. Si el proceso de construcción y definición de las fronteras políticas no se agota en las acciones de estos actores locales, ya que los respectivos estados tuvieron un papel clave, tampoco puede comprenderse la propia acción estatal sin analizar sus complejos vínculos con los actores sociales en las fronteras. (GRIMSON, 2001, p. 92)¹⁷

Estudar esta fronteira requer que façamos este movimento de “ir e vir”, rememorando o passado, onde o rio Uruguai não servia como marco divisório, pois no lado argentino estava instalada a redução de *San Javier*, e o lado brasileiro, atual território de Porto Xavier, servia de estância da redução para criação de gado, formando uma só povoação de indígenas.

É indispensável conhecer a história, desde que este território pertencia à Coroa Espanhola, depois com a dominação portuguesa, a expulsão dos indígenas e a chegada dos imigrantes europeus, pois assim, compreenderemos a constituição dos sujeitos que habitam esta fronteira, que são descendentes de indígenas, escravos africanos, italianos e alemães, em sua maioria.

Destacamos que os sujeitos carregam consigo um repertório cultural importante, que influencia nas interações sociais, seja no âmbito familiar, afetivo ou comercial, especialmente se tratando de como as práticas linguísticas estão afetadas pela conjuntura sócio-histórica, bem como pela intervenção do Estado na política linguística das línguas em circulação. Portanto, o repertório linguístico dos falantes é determinante para o espaço de enunciação, em que os dizeres são tão particulares,

¹⁷ As citações serão mantidas na Língua Espanhola sem tradução, para ilustrar o que ocorre na fronteira: as duas línguas convivem no mesmo espaço de enunciação.

como veremos adiante, pois os marcos divisórios não limitam a dinâmica de interação e de contatos, como destaca Sturza (2006):

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações. (STURZA, 2006, p. 26).

A fronteira, deste modo, pode ser vista pelos fronteiriços como uma representação social¹⁸. Para Sêga (2000), a representação é sempre atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade. Assim, toda representação social é “representação de alguma coisa ou alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.” (SÊGA, 2000, p. 129). Logo, os sujeitos que habitam a fronteira se identificam e se significam pelo seu modo de falar, carregado de representatividade pelas relações que são estabelecidas com o mundo. A fronteira se configura com um novo território imaginário, não é aqui, nem lá, é um território exclusivo tomado pelos habitantes que se autodenominam fronteiriços. Segundo Sturza e Tatsch (2016) o “contato” é algo constitutivo da cultura fronteiriça e está relacionado com a história da própria formação do estado do Rio Grande do Sul, que no seu processo de ocupação e povoamento passou por vários conflitos para delimitação do território, incorporando etnias e culturas variadas, o que caracteriza um espaço definido por uma cultura híbrida.

1.1 UM CORREDOR MISSIONEIRO: PORTO XAVIER

Para abordar a história da formação do município de Porto Xavier, realizamos uma pesquisa documental junto à Biblioteca Pública do referido município. Nortearão

¹⁸ “As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem.” (SÊGA, 2000, p. 128). O autor busca desenvolver este conceito com base nos estudos das representações sociais, desenvolvidos pela professora Denise Jodelet. Outras áreas do conhecimento também consideram a representação social como a construção do imaginário sobre a realidade, que leva também a pensar sobre o simbólico.

nosso trabalho, documentos elaborados pelas gestões municipais, bem como a Revista **Mercotur – Turismo e Negócios**, editada nos anos 90, que versam sobre a história da cidade.

Porto Xavier é um município localizado na mesorregião Noroeste Rio-grandense – região das Missões - e segundo dados do IBGE de 2010, possui um território de 281,497 km² e uma população de 10.558 pessoas. O município é conhecido como o “Corredor Missioneiro do RS” por servir de passagem ao lado argentino e movimentar o comércio de importação e exportação de vários produtos, especialmente da cebola, com destino a vários estados e países, por meio do Porto Internacional, que possui uma infraestrutura aduaneira e conta com a Inspeção da Receita Federal, instalada há mais de 60 anos, que é responsável pela fiscalização fitossanitária. Assim, o Porto Internacional de Porto Xavier serve como uma importante porta de passagem para o Mercado Comum do Sul - MERCOSUL¹⁹ - bloco econômico criado em 1991, que estabelece uma integração de livre-comércio entre os países-membros, como veremos com mais detalhes na seção 1.4.

Segundo documentos referentes aos dados históricos do município, levantados junto à Biblioteca Pública Municipal, na gestão 1989 a 1992, a origem do atual território de Porto Xavier teve início com as reduções jesuíticas, que foram fundadas na região das Missões pelo Padre Roque Gonzales, na primeira metade do século XVII. A povoação do atual município de Porto Xavier se deu em razão da localização geográfica, servindo de ponto de ligação entre as reduções da Banda Oriental e Ocidental do Rio Uruguai:

Contam os historiadores, entre eles C. Lugon, na obra “República Comunista Cristã dos Guaranís”; Riograndino da Costa e Silva, na obra “Notas à Margem da História do Rio Grande do Sul”; bem como do historiador francês Charlevoix, em obra “Histoire du Paraguay”, que pela fundação da Redução de San Javier, no ano de 1626, em frente a esta cidade e no mesmo local onde hoje encontra-se a cidade Argentina de mesmo nome, na margem direita do Rio Uruguai, bem como a redução de Assunção do Ijuí, no ano de 1628, distante cerca de 15 km, de Porto Xavier, aqui se iniciou a povoação [...] (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER– REGIÃO DAS MISSÕES - HISTÓRICO, p. 1-2, Gestão 1989/1992)

¹⁹ São Estados Partes: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela; São Estados Associados: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname; Atualmente, a República Bolivariana da Venezuela se encontra suspensa de todos os direitos e obrigações inerentes à sua condição de Estado Parte do MERCOSUL, em conformidade com o disposto no segundo parágrafo do artigo 5º do Protocolo de Ushuaia, e o Estado Plurinacional da Bolívia se encontra em processo de adesão. Disponível em: <https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/paises-do-mercosul/> . Acesso em jan.2023.

O documento também relata sobre a célebre batalha naval do Mbororé, no ano de 1641, entre os exércitos das reduções e os mamelucos – indivíduos que reuniam características do branco e do índio, e desempenhavam papel importante como elemento de ligação entre as culturas europeias e indígenas, guiando as expedições dos bandeirantes – às margens do Rio Uruguai, nas proximidades da redução de *San Javier*.

Após a batalha, por um período de “quase um século”, aponta o documento, os mamelucos não mais “causaram incômodo” aos Sete Povos das Missões, corroborando para o fortalecimento das reduções, o que trouxe a convicção de que o “território atual de Porto Xavier tenha crescido paralelamente ao desenvolvimento das Reduções Jesuíticas” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER – REGIÃO DAS MISSÕES - HISTÓRICO, p. 2, Gestão 1989/1992).

Em 1750, após firmar o Tratado de Madrid, em que a Coroa Portuguesa recebeu da Coroa Espanhola o território das Missões em troca da Colônia de Sacramento, como consequência, muitos indígenas e padres jesuítas não aceitaram a negociação e se rebelaram, dando origem a chamada Guerra Guaranítica, que findou com a destruição das reduções em solo gaúcho, em 1767.

O documento aponta que desde 1767 até a primeira metade do século XIX, não há maiores referências a Porto Xavier. Somente no ano de 1880, é que outros documentos citam a criação da Vila de São Francisco Xavier, pertencente ao município de São Luiz Gonzaga e, posteriormente, em 1916, a designação de Vila de Porto Xavier, sugerindo-se que o nome levou em conta o grande trânsito entre Brasil e Argentina, o que também exigia a fiscalização de um órgão governamental:

Na segunda metade do século XIX, com a fixação de nacionais e os primeiros imigrantes vindos da Europa, pela lei Provincial nº 1238 de 3 de junho de 1880 era criada a Vila de São Francisco Xavier, 4º Distrito de São Luiz Gonzaga. Os imigrantes de origem européia começaram a chegar em maior número e a povoação foi aumentada, com a colonização do território. Posteriormente, segundo referem vários documentos da época, este local passou a se denominar abreviadamente de San Javier e também de Cerro Pelado, cuja designação aparecia nos mapas geográficos. Em 1916, com a criação através do Decreto Federal da Mesa de Rendas Alfandegadas, passou a se denominar de Porto Xavier [...] (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER – REGIÃO DAS MISSÕES - HISTÓRICO, p. 2, Gestão 1989/1992).

Foi neste mesmo período que Porto Xavier teve sua vila mapeada e foi realizada a demarcação de ruas e praças. Além disso, mostra-se a localização geográfica da vila, que já estabelecia um intercâmbio evidente entre Brasil e Argentina, pois na quarta década do século XX havia uma linha internacional de ônibus, ligando *Posadas*, localizada na *Provincia de Misiones* – Argentina, à Santo Ângelo, na região das Missões, no Rio Grande do Sul, a 120 km de Porto Xavier, “que foi interrompida com a eclosão da Segunda Guerra Mundial”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER – REGIÃO DAS MISSÕES - HISTÓRICO, p. 3, Gestão 1989/1992).

Entre os marcos históricos do município de Porto Xavier, até tornar-se emancipado, está a vinda do Corpo de Fuzileiros Navais, em 1946, com a missão de proteger a fronteira, que estava sujeita a invasões e ao contrabando. O Quartel dos Fuzileiros Navais foi inaugurado em 02 de maio de 1954.

No ano de 1955, o município de Cerro Largo, distante pouco mais de 60 km de Porto Xavier, foi emancipado e Porto Xavier passou a integrar o território do mesmo, na condição de 3º Distrito. A área de abrangência era de 528km² e fazia parte deste território o subdistrito de Rincão Vermelho, hoje pertencente ao município de Roque Gonzales.

A população de Porto Xavier manifestava o desejo de tornar-se independente e, para tanto, criou uma Comissão de Emancipação, que obteve êxito com a promulgação da Lei Estadual nº 5214, de 06 de janeiro de 1966, quando o povoado foi elevado à categoria de município, sendo nomeado, posteriormente, o primeiro Administrador Interventor Federal, o qual tomou posse em 15 de maio de 1966. Foi em 15 de novembro de 1985, com a extinção das áreas de Segurança Nacional, que Porto Xavier elegeu seu primeiro prefeito através do voto direto.

Em relação à economia, o documento da década de 90 menciona a predominância da produção agrícola e agropecuária, a instalação de uma usina de álcool carburante, a ALPOX – Álcool Porto Xavier S/A, que movimentou o município para sua instalação, bem como o crescimento do plantio da cana-de-açúcar, matéria-prima utilizada para fabricação do etanol. Além disso, cita-se a importância que o comércio internacional tem para o município, com um grande “fluxo diário de

Argentinos e Paraguaio, que buscam avidamente nossos mercados, atraídos pelas vantagens cambiais” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER – REGIÃO DAS MISSÕES - HISTÓRICO, p. 4, Gestão 1989/1992), apontando assim, uma característica peculiar da década de 90, que foi o grande fluxo de argentinos e paraguaio no município, servindo de fomento ao comércio e movimentando a economia local, devido às vantagens cambiais.

Em se tratando de festividades culturais, destacamos a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, realizada no mês de fevereiro. As festividades iniciam com a procissão, carregando a imagem da santa, com saída da igreja matriz até as margens do rio Uruguai, no Porto Internacional, seguida de procissão fluvial, na balsa, com benção aos pescadores. Além disso, é realizada a festa em comemoração ao padroeiro do município, São Francisco Xavier, em dezembro, bem como as festas comunitárias do interior ao longo do ano. Destacamos também a realização da Feira do Livro, no mês de maio, quando é comemorado o aniversário do município, bem como a realização do “Natal sem fronteiras”, eventos que envolvem escolas, entidades, comércio e população em geral.

No turismo, Porto Xavier é destaque regional na prática da pesca esportiva, atraindo aficionados por pescaria de todas as regiões e de outros países, o que fomentou a construção de três empreendimentos: a Pousada Biguá, o Pesqueiro do Cabrita e o Rancho Costeiro, que oferecem o serviço de hospedagem e locação de embarcações, contando com acompanhamento de guias para a pescaria. Ademais, o Rancho Costeiro conta com piscinas, restaurante e espaço para lazer. Outro ponto turístico é o “Cerro Pelado”, que possui uma trilha que dá acesso ao alto da colina, na qual há uma gruta para orações e exibe a paisagem natural do local, de onde também podem ser vistas as cidades de Porto Xavier e *San Javier*.

Outro marco importante para Porto Xavier, foi a lei que possibilitou a instalação de free shops²⁰ no município, o que faz com que muitos visitantes venham comprar no Caturra Freeshop, a primeira loja franca instalada na cidade, que oferece uma

²⁰ Free shops são semelhantes às lojas disponíveis em área internacional de aeroportos. Contam com isenção de ICMS e impõem um limite de compras por consumidor. As lojas francas foram criadas em 2012, pela lei federal 12.723, que autorizou a instalação dessa modalidade em cidades gêmeas, na linha de fronteira. Em março de 2018, a Receita Federal emitiu os critérios para instalação das lojas. Disponível em: <https://abrir.link/W4YOW> .Acesso em dez.2022.

variedade de bebidas, perfumes, eletrônicos, utensílios para casa, brinquedos, malas, comestíveis e climatizadores, dentre outros produtos nacionais e importados.

Por integrar a Rota Missões²¹, Porto Xavier se posiciona como uma cidade turística e histórica, um “corredor” que dá acesso às Missões de ambos os lados do rio Uruguai, a qual está em fase de desenvolvimento e apta para receber visitantes e investidores.

1.2 DO OUTRO LADO DO RIO: SAN JAVIER

Para elaboração desta seção, buscamos, como pesquisadores, nos apropriarmos de documentos e obras que abordam a formação da cidade de *San Javier - Argentina*. Nos deparamos com dados compilados em uma pesquisa realizada pelo *Centro de Estudios Históricos, da Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Misiones - FHyCS-UNaM*, coordenados pela *Directora de Proyectos de Extensión PROFAE I y II e Investigación*, professora Norma Oviedo.

O objetivo do projeto foi reunir dados por meio de uma pesquisa de campo, que contou com o trabalho de pesquisadores da graduação e da pós-graduação, realizando entrevistas e coleta de documentos e fotos junto às pessoas e instituições, tanto da localidade como da província, a fim de contar a história de *San Javier*, em um único livro, tendo em vista reconstruir, preservar e difundir a história local.

En ese camino, de búsqueda de registros y de charla permanente, reconocimos que una de las distinciones de San Javier, compartida con otros pueblos del sur de la actual Provincia de Misiones, es la doble celebración fundacional, como antiguo pueblo jesuítico (1629) y como reciente localidad argentina (1877). Respecto de la primera fundación, no sólo quedan los restos materiales del antiguo pueblo, enterrado bajo las calles y las veredas, adosados a las casas y aflorando en las propiedades de los pobladores sino, también, en el imaginario de la gente; vivificados en las anécdotas, las leyendas y los comentarios cotidianos. Por ello es que, recientemente, tras el conocimiento de algunas prospecciones arqueológicas y de las excavaciones para la construcción de nuevas viviendas; este hecho histórico es percibido como participe en la construcción de la identidad sanjavierina en el presente [...] (OVIEDO, et al., 2022, p. 28).

²¹ Projeto composto por 26 municípios da região das Missões, com o objetivo de alavancar o turismo religioso e histórico. Disponível em: <https://www.rotamissoes.com.br/index.html> .Acesso em dez.2022.

San Javier é um município localizado na *Província de Misiones – Argentina*, que faz divisa com Porto Xavier – Brasil. É capital departamental²² e agrega atualmente ao seu departamento as cidades de *Mojón Grande*, *Ameghino* e *Itacaruaré*, Segundo Oviedo (2022), a população local conta com 11.869 habitantes, que somados às demais cidades do departamento chegam a 19.000 mil pessoas, sendo ponto estratégico de conexão entre Brasil e Argentina em solo missioneiro:

San Javier como localidad actualmente se encuentra ubicada a 120 km. de la ciudad de Posadas, es además capital del departamento homónimo y está integrada por los municipios de San Javier, Mojón Grande, Ameghino e Itacaruaré, referenciada tradicionalmente en la región del Alto Uruguay. A su vez, formó parte de la denominada región misionera en la que nació como pueblo jesuítico; y allí ocupó un espacio estratégico siempre conectado a otras reducciones jesuíticas establecidas a uno y otro lado del río Uruguay, de hecho que en esa trama de relaciones características de una región de frontera, su vinculación fue permanente con las poblaciones de los llamados 7 pueblos orientales: San Borja, San Nicolás, San Luis, San Lorenzo, San Miguel, San Juan y Santo Angel. (OVIEDO, et al., 2022, p. 61).

A origem da cidade inicia com a redução Jesuítica de “*San Francisco Javier*”, no ano de 1629, conforme cita Oviedo (2022):

La fundación del pueblo de San Francisco Javier se remonta al pasado jesuítico, fue fundado por el Padre José Ordoñez el 3 de Diciembre de 1629. Es decir, que San Javier es uno de los pueblos jesuíticos que, como Santa Ana, Candelaria, San Ignacio, Loreto y muchos otros, fueron fundados durante el período colonial, en el transcurso del Siglo XVII en la zona sur de la actual Provincia de Misiones. (OVIEDO, et al., 2022, p. 35).

Após a expulsão dos indígenas, mais de cem anos depois, com a chegada dos primeiros colonos imigrantes (brasileiros, alemães, russos, suecos e italianos), por meio de uma campanha de migração realizada pelo governo para povoar o local, a cidade foi refundada em 02 de outubro de 1877, recebendo o nome atual, de *San Javier*.

Cabe o destaque para a língua falada que predominava na época de sua refundação, que era o português, “*debido a la cantidad de inmigrantes de origen brasileño y por el contacto frecuente con las localidades del país de enfrente*”

²² O sistema administrativo e político da Argentina está estruturado em províncias (23 províncias mais a cidade autônoma de Buenos Aires) que, por sua vez, se dividem em departamentos (378) e, no caso de Buenos Aires, partidos (134). Cada província dita sua própria constituição. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt/paises/5/system> . Acesso em dez.2022.

(OVIEDO, et al., 2022, p. 87). A seguir, no capítulo 2, veremos estudos que apontam para essa variedade de português falado em *Misiones*, hoje chamado por pesquisadores de “Português Missioneiro de Fronteira - PMF”, como veremos na seção 2.1.

A pesquisa sobre *San Javier* aponta para um dado importante, que é a falta de estudos sobre o contexto histórico de fundação do município, pois na segunda fundação da cidade, “*no existe un conocimiento del contexto histórico en el que renace la localidad ya que se lo registra automáticamente como parte del territorio provincial*” (OVIEDO, et al., 2022, p. 29). Este é um dos objetivos principais: reunir dados e difundir a história, para que haja uma valorização do passado:

[...] luego de esa fecha de nacimiento (1877), el territorio misionero es integrado como una entidad autónoma denominada Territorio Nacional de Misiones (1881) y es a partir de ese momento que espacio geográfico asignado a la colonia de San Javier se transforma en Departamento (1895) ya dentro de los límites que hoy corresponden a la Provincia de Misiones y, desde entonces, va constriñéndose paulatinamente con el desgranamiento que se produce por la formación de nuevos pueblos, Itacaruaré, Oberá, Leandro N. Alem, entre otros; hasta llegar a la jurisdicción que actualmente reconocemos a la localidad. Otro dato relevante es la localización/percepción fronteriza que persiste en la habitual relación que vincula a los pobladores de las localidades de San Javier/Porto Xavier, en términos de sentido de pertenencia/identitario en torno a la región del Alto Uruguay. (OVIEDO, et al., 2022, p. 29).

Como observado, assim como Porto Xavier, a cidade argentina também enfatiza a importância da ligação entre os dois países, que vai além das relações comerciais, afetando a identidade e a cultura de quem habita a fronteira. Destacamos a notoriedade dada a este aspecto no site oficial²³ do município:

Cabe resaltar que su paso fronterizo denominado ‘Paso Barca’ hermana a los países de Argentina y Brasil, creando lazos entre los habitantes, quienes comparten sus culturas, creencias e intercambios, beneficiándose mutuamente y volviendo al municipio en un lugar único por conocer. (MUNICIPALIDAD DE SAN JAVIER MISIONES, 2022)

Fica evidente a importância que o Porto Internacional Porto Xavier/*San Javier* tem para ambos os países, pois o mesmo é responsável pela movimentação de cargas

²³ Site do município de San Javier, sob responsabilidade da Prefeitura: <http://www.sanjavier.misiones.gob.ar/index.php/municipio/historia#>. Acesso em jul. 2022.

por meio do comércio internacional, o que resulta numa grande circulação de pessoas, facilitando o intercâmbio e os contatos em todas as esferas.

Além do Porto Internacional, a economia de *San Javier* é movida pelas pequenas propriedades, com produção de erva, tabaco e especialmente cana-de-açúcar.

[...] el azúcar Alto Uruguay y el Ingenio azucarero, que inscribe la nota de presentación de la localidad en la Provincia, en el país y en el mundo: “San Javier, La dulce”, como registro identitario que traspasa el pasado y el presente anunciando acerca de quiénes son, que hacen y como son en ese pueblo. (OVIEDO, et al., 2022, p. 29).

Atualmente, o *ingenio azucarero* é responsável por boa parte da movimentação comercial da cidade, sendo símbolo da marca de *San Javier* para o mundo: “*La dulce*”, marcando a importância que a agricultura tem para o município.

No passado, a redução de *San Javier* também se destacava entre as demais na produção agrícola. Segundo Oviedo (2022), a redução possuía grandes ervais e laranjais, mantinha a produção de algodão, a criação de gado e ovelhas e a produção de cana-de-açúcar, sendo que o excedente era transportado para outras reduções vizinhas, utilizando principalmente como meio de transporte o rio Uruguai, além das picadas²⁴ que foram abertas em meio a mata para facilitar a comunicação entre as reduções.

A pesquisa também cita a batalha de Mbororé, que ocorreu no rio Uruguai, nas imediações da cidade de *San Javier*, contra os bandeirantes, que buscavam capturar indígenas para escravizá-los:

En las inmediaciones del pueblo de San Javier, el 11 de Marzo de 1641 se produjo la batalla de Mbororé, en la que los guaraníes se enfrentaron y resistieron la ofensiva sobre el río agua abajo del arroyo Acaraguá - actual ubicación del poblado de Barra Bonita, aproximadamente 20 km. - a las bandeiras que eran grupos de cazadores de esclavos. Luego de 7 días de combate, el 18 de marzo, los guaraníes derrotaron a las tropas portuguesas.” (OVIEDO, et al., 2022, p. 43).

²⁴ Passagem estreita aberta na mata.

Outro dado importante da história de *San Javier* é que a redução contou com um serviço de imprensa, que resultou na publicação de dois livros. Segundo Oviedo (2022), entre 1700 e 1721, os padres Juan Bautista Neumann e José Serrano providenciaram a vinda de um “*hermano impresor*”, de Loreto, pela necessidade de produzir e distribuir livros a fim de instruir os indígenas do povoado na fé católica: “*En San Javier fueron impresos dos libros, uno de ellos era: “Sermones y Ejemplos en lengua Guaraní” por Nicolás Yapuguay y el otro “Carta a Antequera”, que fuera el ultimo publicado en la imprenta jesuítica (...).*” (OVIEDO, et al., 2022, p. 49).

De todos os municípios de *Misiones*, *San Javier* foi um dos primeiros que recebeu escolas e destacamento policial, por ser zona de grande tráfego portuário e ser um dos mais antigos povoados. Mas foi nos finais da década de 60 que *San Javier* se desenvolveu a longos passos, pois foram surgindo várias instituições:

En esa década, el pueblo contaba con diversas oficinas públicas; Oficinas Provinciales: una municipalidad de segunda categoría con Departamento Ejecutivo y Honorable Consejo Deliberante, Policía, Juzgado de Paz y Registro Civil, Oficina de Bosques y Oficina de Rentas, Hospital Rural; Oficinas Nacionales: Ayudantía Marítima, Sección de Gendarmería Nacional, Receptoría y Resguardo de rentas aduaneras, delegación del Banco de la Nación, oficinas de puertos, sucursal del Correo y Telecomunicaciones-teléfonos del Estado, Centro de Salud. Además, de los establecimientos educacionales, primaria y secundaria, Iglesia parroquial y diversas sociedades (Cooperadora Hospital- Cooperadora Escuela N° 33 y 275, Cooperadora policial, Cooperadora Escuela Secundaria- Pro templo-Cooperadora Capilla Cerro Monje) y clubes (Social y deportivo- Hércules, Fluvial, Juventud Unida, Independiente, Victoria, Aero Club). (OVIEDO, et al., 2022, p. 110).

Um marco importante da história de *San Javier*, que movimenta a economia, é a produção de açúcar, que culminou no final da década de 60 com a fundação da “*Cooperativa Azucarera de San Javier*”, que hoje fabrica açúcar, álcool e licores, gerando emprego e renda e fomentando o comércio local e regional. O empreendimento recebe incentivos do governo de *Misiones*.

Em relação à cultura e à religiosidade, destaca-se o “*Cerro Monje*”, que recebe vários turistas em sua capela. Oviedo (2022) observa que há uma lenda que conta a história de um monge italiano que vivia no Brasil e foi até o lado argentino, e ao fazer um buraco para cravar uma cruz, viu surgir uma água milagrosa que curava todos os males. O local segue até hoje sendo visitado por vários peregrinos que vão em busca

de cura e percorrem o caminho distante sete quilômetros da cidade em procissão. Além disso, a cidade de *San Javier* é reconhecida pelas festividades de carnaval realizadas no mês de fevereiro, no sambódromo da avenida *Queirel*, movimentando toda a província. Destaca-se ainda a festa do “Azúcar” e a festa de *San Francisco*.

Portanto, observamos que o povo de *San Javier* é um dos mais antigos do Sul Missioneiro da Argentina e possui características particulares, como a dupla fundação, a heterogeneidade de imigrantes, e a estreita ligação com o país vizinho por meio do comércio de importação e exportação.

“*San Javier y Porto Xavier es habitada y pensada por sus pobladores como una región donde el río representa la extensión de relaciones y representaciones en permanente movimiento*” (OVIEDO, et al., 2022, p. 148). Assim, o rio segue sendo não o que limita, mas o que estreita os laços entre os países dessa região limítrofe, neste movimento do “ir e vir”, o qual damos destaque em nosso texto.

1.3 COMÉRCIO INTERNACIONAL: O IR E VIR ENTRE O LEGAL E O ILÍCITO

O rio e a fronteira guardam histórias, porque a memória não se apaga, ela percorre gerações: são mitos, lendas e “causos²⁵” de pescadores e “chibeiros²⁶”, que contam como é “passar” as mercadorias de um lado ao outro do rio. Discorreremos sobre o comércio legal e ilegal de produtos, que ocorre nessa zona limítrofe.

O comércio ilegal é chamado de contrabando, inclusive sendo enquadrado na lei brasileira como um crime. Popularmente, o contrabando é chamado nesta fronteira de “chibo²⁷”. Já as pessoas que o praticam são denominadas “chibeiros”. Essa designação não está presente somente na fronteira ora estudada. Mari (2017) aponta que a prática do “chibo” também ocorre em Santo Antonio do Sudoeste, localizado no

²⁵ Gênero textual ou oral, que tem como função sociocomunicativa materializar a cultura popular brasileira, sendo importante instrumento para preservação e disseminação dessa cultura.

²⁶ Na fronteira entre Porto Xavier/*San Javier* é a denominação do indivíduo que traz mercadorias da Argentina de forma ilegal, sem passar pela Receita Federal, para comercializar.

²⁷ Nesta fronteira, é a prática do comércio “formiga”: levar e trazer produtos sem passar pelo controle aduaneiro, ou seja, de forma ilegal. O dicionário Online de Português, traz outros sentidos: chibo é um bode até um ano de idade; Cabrito não castrado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/chibo/>. Acesso em jan. 2023.

Extremo Sudoeste do Paraná, que faz divisa com *San Antonio*, localizado no Extremo Leste da Argentina, cujas localidades possuem como limite o Rio Santo Antonio.

Mari define o chibeiro como “(...) a pessoa que pratica o comércio ‘formiga’, o leva e traz de mercadorias úteis, sem o propósito de formação de comércio organizado ou em escala.” (MARI, 2017, p. 143). A autora ainda acrescenta que “é interessante dizer que os chibeiros, realizam o comércio de pouca monta, e para sobrevivência (...)” (MARI, 2017, p. 149). Desse modo, contrabandear, tem outros sentidos para os fronteiriços. Se for de pequena monta, é chamado de chibo; se for de grande monta e transportando mercadoria proibida, é denominado contrabando, o que caracteriza crime.

Em sua tese de doutorado, Dorfman (2009) faz uma breve diferenciação sobre o que é contrabandear aos olhos dos moradores do local e o que é contrabandear aos olhos do estado:

Localmente, contrabandear é representado como um trabalho que implica no desrespeito a algumas regras vigentes nos limites estatais, a partir de um conhecimento do lugar, das práticas possíveis e legítimas nele. Quando enunciado a partir do Estado-Nação, o contrabando define-se como o transporte ilegal de mercadorias entre Estados-Nação, elidindo os tributos por estes estabelecidos, o que mostra uma fronteira de regulação, de permeabilidade seletiva e controlada pelos agentes políticos hegemônicos. Segundo a legislação vigente no Brasil (artigos 334 e 318 do Código Penal da República Federativa do Brasil), contrabando ou descaminho é “importar ou exportar mercadoria proibida ou iludir, no todo ou em parte, o pagamento de direito ou imposto devido pela entrada, pela saída ou consumo de mercadoria”. (DORFMAN, 2009, p. 81)

Desse modo, observamos que o comércio legal é controlado pelo Estado, especificamente entre Porto Xavier e *San Javier*, é aquele que passa pelo controle aduaneiro do Porto Internacional, com fiscalização de entrada e saída e recolhimento de tributos, conforme legislação de importação e exportação vigente. Já o comércio ilegal, o contrabando de poucas mercadorias, designado nessa fronteira como chibo, é a prática que burla o controle do Estado, desrespeitando as regras, mas é de conhecimento da população, faz parte da cultura do local e é legitimado como prática de subsistência para muitas famílias, visto como “inocente”. Para os fronteiriços dessa localidade, o contrabando visto como crime, é aquele que transporta mercadorias proibidas, como maconha, cocaína, cigarros e agrotóxicos, por exemplo.

Dorfman (2009), em seu artigo **A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória**, observa que a história, como narração de um passado compartilhado, faz parte da memória do fronteiroço. A autora cita o exemplo dos museus europeus, que valorizam o contrabando como “saber tradicional” nas fronteiras europeias²⁸:

A memória (e sua construção como história) que se ancora à fronteira encontra, assim, diferentes ambientes políticos que condicionarão sua formação. Na Europa, uma série de museus e outros lugares de memória têm surgido nas fronteiras nas últimas décadas. O contrabando local é valorizado como ‘saber tradicional’ em vias de extinção, motivando a criação de ‘lugares de memória’ [...] A criação de numerosos museus de aduana, contrabando e fronteira se dá a partir do incentivo financeiro da União Européia [...] (DORFMAN, 2009, p. 4)

Para a autora, a prática do contrabando nas fronteiras revela um paradoxo: “há um segredo necessário a essa prática – dado seu caráter ilegal perante o estado – mas também há um acervo de causos, anedotas, contos, canções e outras formas narrativas (...)” (DORFMAN, 2009, p. 6) e é esta história, que perpassa gerações, e faz do chibo, como é designado na fronteira a qual estudamos, uma prática vista aos olhos da população como inocente e comum do cotidiano do fronteiroço, pois era e é utilizado para abastecer a população e fez parte da constituição dos territórios.

O principal objetivo de integração na fronteira entre Porto Xavier e *San Javier* sempre foi comercial. Como destacamos, a importância do Porto Internacional fica evidenciada na memória e na história quando se trata do comércio de produtos. Esse “ir e vir” sofre mudanças de fluxo dependendo da valorização da moeda brasileira, argentina e paraguaia. Dorfman (2009) observa que a fronteira cria picos de centralidade e “chama a si certos tipos de práticas legais e ilegais (comércio, transportes), atrai pessoas que desejam beneficiar-se das vantagens presentes no local”. (DORFMAN, 2009, p. 3), neste caso, as vantagens comerciais possibilitadas pela facilidade de passagem na fronteira, bem como pela valorização ou desvalorização da moeda, dependendo da situação.

²⁸ Na Europa, acordos entre os Estados estão dando fim às fronteiras internas e às barreiras fiscais, estimulando inclusive uniões aduaneiras que possibilitam a livre circulação.

Nas décadas de 80 e 90, no século XX, o comércio de Porto Xavier tinha um grande fluxo de argentinos e paraguaios devido às vantagens cambiais que atraíam os vizinhos para fazer suas compras. A vinda maciça dos “*hermanos*”²⁹ mudava a dinâmica da cidade. A chamada “Rua do Porto”, a Avenida Marechal Floriano Peixoto, rua onde se localiza o maior número de estabelecimentos comerciais, por ser a rua central, abrigava, nas proximidades da aduana, o maior número de lojas de roupas, cama, mesa e banho, restaurantes, agropecuárias e lojas de peças, pois era ali a primeira parada dos turistas argentinos. Além disso, para atraí-los, os brasileiros se esforçavam para falar a língua dos *hermanos* e estampavam, na vitrine, promoções com dizeres em espanhol, muitas vezes misturados com português.

A tentativa de compreender e ser compreendido gerava essa mistura das duas línguas, com o intuito de dinamizar a comunicação. O importante era vender. Essa dinâmica já foi diferente em outros momentos, pois o câmbio favorecia aos brasileiros comprarem produtos na Argentina, o que fazia com que ocorresse o movimento contrário. Com as mudanças do câmbio, o comércio lojista foi diminuindo. Nos anos 2000, descobriu-se que a produção de cebolas em solo argentino superava a produção e qualidade brasileira, o que fez com que alguns comerciantes brasileiros fossem para Argentina abrir “galpões de cebola”³⁰ para comprar, embalar e comercializar o produto, utilizando o Porto Internacional para escoar a produção que seria vendida para várias regiões do Brasil.

Em Porto Xavier, também foram instalados vários “galpões de cebola” para reclassificar o produto que chegava da Argentina, gerando emprego e renda aos munícipes. O comércio internacional de cebolas já teve momentos de altos e baixos, pois depende das condições de clima em ambos os países. Quando chove muito nas regiões produtoras de cebola no Brasil, e o clima é favorável para a produção na Argentina, o comércio é rentável e a exportação é feita em grande escala, gerando muito movimento de pessoas, especialmente caminhoneiros argentinos e paraguaios na cidade brasileira.

²⁹ Irmãos, na tradução do português. Palavra comumente usada pelos brasileiros, nesta fronteira, com conotação positiva para se referir aos argentinos. Entretanto, pode assumir outros sentidos, quando adentrarmos no campo dos esportes, por exemplo, o que desperta rivalidade e a palavra pode ser usada associada a um cunho pejorativo.

³⁰ Local utilizado para classificar e embalar o produto para exportação.

Abordamos a dinâmica do comércio legalizado de produtos. Mas nem sempre é assim, pois muitas vezes a importação dos produtos não ocorre dentro da legalidade que estipula a circulação na fronteira por parte do Estado. Observamos que as fronteiras permanentemente representam “perigo” para a soberania nacional, tanto que são vigiadas de forma rígida e são criadas operações especiais pelos órgãos policiais e de fiscalização sanitária. Essa preocupação sempre esteve presente, tanto que em 1946, um marco para o município de Porto Xavier foi a vinda dos Fuzileiros Navais, com a missão de proteger o país dos “invasores e contrabandistas”, como apontam os documentos oficiais do município.

O comércio ilegal em pequena escala, muitas vezes, é a forma de sobrevivência de famílias ribeirinhas, que compram na Argentina e revendem os produtos no Brasil sem passar pela fiscalização aduaneira. Para Dorfman (2009) essa forma de contrabando é legitimada pela sociedade fronteiriça por ser uma necessidade social:

[...] sua legitimação pela sociedade fronteiriça liga-se à posição periférica do grupo em relação ao estado insensível às necessidades sociais. Tal compreensão traduz-se no entendimento local de que se trata de um ‘comércio de subsistência’: nos comentários mais elaborados sobre a atividade emprega-se com frequência essa expressão, numa reinterpretação bastante livre da idéia de agricultura de subsistência – aquela que não entra no mercado – enfatizando tratar-se de um comércio que administra pequenas quantidades e gera pouco lucro, ou de uma inocente estratégia de sobrevivência. (DORFMAN, 2009, p.7)

Nessa prática, são trazidos de forma ilegal farinha, doce de leite, pêssego, cerveja, vinhos, alfajores, produtos de limpeza e vários outros que compensam pelo preço, pela qualidade e pela procura. O trânsito desses produtos é feito de chalana³¹ ou barco a motor durante a noite, e é conhecido popularmente por chibo. Os chibeiros contam muitas histórias heroicas de conflitos com os “*gendarmes*”³² argentinos, que possuem uma fiscalização bem rígida e muitas vezes os fazem abandonar suas cargas ou pular nas águas do Rio Uruguai para não serem baleados ou presos.

³¹ Embarcação feita de madeira, que serve para transportar pessoas e mercadorias.

³² A Gendarmería Nacional Argentina (GNA) é o corpo de gendarmeria nacional da República Argentina, sendo também a principal força de segurança do país. Diferencia-se das restantes Forças de Segurança e Policiais (PFA, PNA, PSA e Polícias Provinciais), por ser de natureza militar, com características de Força Intermediária, também denominadas de duplo emprego (policial e militar).

Porto Xavier já foi cenário do filme “Contrabando³³”, dirigido por João Pedro Gottardo, que abordou o comércio ilícito de pequena monta, o chibo. No referido filme, ficam evidenciadas as relações entre brasileiros e argentinos, misturando costumes, línguas, raças e amores, pois a fronteira é este lugar representativo, construído a partir das inter-relações e mesclas dos sujeitos que a habitam. No filme, fica evidente que a prática do chibo é uma forma de sobrevivência dos habitantes do local, ao mesmo tempo que retrata as inter-relações entre brasileiros e argentinos, em seus dizeres e costumes. Como ato heroico, o que reforça os causos dos chibeiros, a história do filme também mostra a fuga dos brasileiros, perseguidos pela fiscalização dos *gendarmes*.

Com tantas histórias contadas por chibeiros, inferimos que esta prática carrega um valor sentimental, folclórico e identitário para o fronteiro, pois o rio Uruguai sempre serviu de fonte de renda para os moradores de Porto Xavier e *San Javier*. Antes mesmo de serem municípios, quando ainda habitados por indígenas, estes já levavam alimentos de uma margem para outra e de uma redução para outra, em ambos os lados. A criação de gado, a produção de erva-mate, os laranjais e, posteriormente, a produção de cana-de-açúcar eram destaque, como já referimos.

Mais tarde, com a expulsão dos indígenas e a chegada dos europeus para cultivar as terras, não foi diferente. O rio Uruguai era utilizado para escoar o excedente produzido pelos colonos. Até lenha era levada para São Borja, onde havia mais campos e poucas árvores para extração de madeira. A lenha era transportada por meio dos “catres”, que eram madeiras amontoadas e amarradas, que ficavam na margem do rio e flutuavam com a cheia, descendo rio abaixo. As pessoas que vendiam as lenhas, acompanhavam os catres em embarcações até o seu destino, e depois retornavam rio acima, em longas viagens, que duravam vários dias.

Tanto dentro da lei ou na ilegalidade, a travessia e os contatos não são contidos. A fronteira é um simples marco criado pelo homem, pois a inter-relação é algo natural que sempre ocorreu e é potencializada pela compra e venda de produtos, hoje denominado comércio internacional. Porém, o que é considerado pelo Estado

³³ Reportagem sobre o longa *Contrabando*, apresentando seu roteiro: <https://www.youtube.com/watch?v=KIVdT6xcpSE>

como contrabando, faz parte da cultura dos habitantes destes territórios, que convivem nessa tensão entre o legal e o ilícito.

1.4 ACORDOS E DISCURSOS SOBRE A INTEGRAÇÃO: OS MOVIMENTOS NA E DA FRONTEIRA

Quando utilizamos a palavra fronteira, são vários os sentidos que perpassam nosso imaginário sobre o que ela representa. Cataia (2011) conceitua fronteira como “a cristalização de um limite legal, físico e simbólico, de ação de um projeto social hegemônico pelo Estado-nação” (CATAIA, 2011 p. 19). Entende-se, por este ponto de vista, que as fronteiras têm a função de normatizar o espaço de ação do Estado. Elas existem dentro de um território político condicionado pela figura do Estado territorial. Para Oliveira (2016), “fronteiras são fator e contingência da existência dos Estados Nacionais”. São elas que:

Marcam o alcance de um poder, permitem medir a capacidade de imposição da violência legítima, definem a inclusão e a exclusão, o dentro e o fora, são o termômetro para as mudanças na balança da hegemonia. Definem, enfim, uma grandeza essencial para a existência humana: o território. (OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Hoje, porém, num período de globalização, o Estado moderno abriu as barreiras para o mercado internacional, com objetivo de facilitar a operação de empresas transnacionais, dando maior fluidez ao comércio transfronteiriço dentro dos territórios, embora as fronteiras políticas ainda tenham no cerne de seu funcionamento o objetivo de ser uma barreira jurídica. Conforme Cataia (2011), as fronteiras políticas “não perderam seu significado de barreira jurídica estabelecida pelo Estado - que é a sua razão de ser -, sobretudo quando nos referimos ao trânsito de pessoas e mercadorias (...)” (CATAIA, 2011, p. 16).

Na fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*, é o rio que demarca os territórios, mas ao mesmo tempo é por meio dele que se promove a integração através da travessia da balsa, como destacamos, que é regulada tanto pelo Brasil como pela Argentina, pois ambos os países transportam veículos e pessoas em suas embarcações.

Há mais de 60 anos, o Porto Internacional fica localizado na Rua Marechal Floriano Peixoto, rua central da cidade de Porto Xavier, que termina nas margens do rio Uruguai. Entretanto, no passado, a travessia ocorria na comunidade de Barra do Pindaí, poucos quilômetros acima da cidade. Assim, em *San Javier*, o porto também ficava localizado um pouco mais acima do local onde hoje está instalado. As Figuras 04 e 05 ilustram como era a balsa e a movimentação de turistas entre os anos de 1956 e 1960.

Figuras 04 e 05 - Balsa *Don Humberto* e movimentação de turistas em *San Javier*



Fonte: Página "Una História para San Javier"/Celso Candia, 2023.

As Figuras 06 e 07 mostram a aduana do Porto Internacional atualmente, e a figura 08 mostra a travessia das balsas brasileira e argentina, uma chegando e a outra saindo.

Figuras 06 e 07 - Porto Internacional de Porto Xavier – atual aduana



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2023.

Figura 08 - Travessia das balsas brasileira e argentina



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2023.

No site³⁴ da prefeitura de Porto Xavier, estão disponíveis os horários de travessia das embarcações, sendo que a balsa é utilizada para transporte de veículos de carga e de passeio e seus respectivos passageiros, e a lancha é responsável pelo transporte de pessoas que ingressam a pé nos países.

Um dos primeiros marcos dessa integração binacional é quanto à dinâmica do funcionamento da travessia da balsa e da lancha no Porto Internacional, pois estas funcionam por meio de acordos entre as autoridades de fiscalização e os donos das embarcações de ambos os países, que estipulam os horários em que elas farão essa travessia. Estes acordos também levam em conta os fuso-horários, dias da semana e feriados, para que haja equilíbrio entre os calendários e horários do Brasil e da Argentina. Isso demonstra o pleno funcionamento da fronteira, regulamentando a mobilidade entre os países, num processo de inter-relação, construído nas bases locais, por agentes dos dois territórios. Ademais, tanto o posto de fiscalização do lado argentino como o do lado brasileiro mantém constante contato, informando as entradas e saídas de pessoas e veículos, para que haja um controle rigoroso nessa

³⁴ Site da Prefeitura de Porto Xavier: <https://www.portoxavier.rs.gov.br/site>

vários os discursos que circulam na fronteira, tanto por parte de autoridades, como por parte de moradores da comunidade, que veem na ponte uma grande conquista para o desenvolvimento da região.

Nos últimos anos, os estudos de viabilidade e a destinação de recursos por parte de governos para a construção da ponte tiveram alguns avanços. A obra foi incluída recentemente como prioritária, em encontro entre os presidentes do Brasil e da Argentina. Em 08 de fevereiro de 2023, ocorreu a assinatura da ordem de serviço, autorizando os trâmites de início da obra. Diante disso, a Prefeitura de Porto Xavier, por meio do discurso institucional de seus representantes, apresenta a construção da ponte internacional Porto Xavier/*San Javier* como um projeto prestes a iniciar, e que muito em breve contribuirá para o crescimento do comércio de importação e exportação e para a geração de empregos e renda, bem como servirá de incentivo para implementação da Rota Missões, que consolidará o turismo internacional.

Do outro lado, ressoa o discurso dos porto-xavierenses, que em contraponto ao discurso institucional, acreditam que a construção da ponte é uma utopia, pois há mais de 40 anos se luta para a concretização deste projeto.

Na Figura 10, observamos o traçado do projeto de construção da ponte internacional sobre o rio Uruguai:

Figura 10 - Traçado do projeto de construção da ponte Porto Xavier/*San Javier*



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Xavier, 2022.

Quando falamos do acesso ao outro país pela balsa, tanto como quando expomos a luta para a construção de uma ligação via ponte, falamos de mobilidade, desse “ir e vir”, do atravessar a fronteira numa relação dialética, conforme destaca Benedetti (2011):

Existe, pues, una relación dialéctica entre movilidad y frontera: los lugares de frontera atraen movildades y las movildades dan vida a estas localizaciones. En otras palabras, hay frontera en la medida que haya movildades y que busque, de algún modo, afectarlas; hay movildades en la medida que existe interés por acceder a aquello que está en la frontera o del otro lado. (BENEDETTI, 2011, p. 37).

Desse modo, é a necessidade de mobilidade, de acessar o que está do outro lado, que resulta na existência da fronteira. No caso Porto Xavier/San Javier, o maior atrativo presente do outro lado é o comércio internacional.

A necessidade de desburocratizar essa mobilidade em todas as fronteiras da América, tornando-as mais fluidas, resultou nos anos 90, na criação do MERCOSUL, que tem como principal intuito alavancar o comércio internacional entre os países vizinhos. Barrios (2003), destaca um ponto importante que merece destaque nos tratados da União Europeia e no MERCOSUL, referindo-se à inclusão de políticas linguísticas:

[...] en el ámbito de la Unión Europea y el Mercosur, bloques regionales que incluyen en sus agendas el tema de las políticas lingüísticas en el marco de la integración regional, a diferencia de otros tratados como el NAFTA, en que tales consideraciones están prácticamente ausentes. (BARRIOS, 2003, p. 11)

Diante disso, observamos que o MERCOSUL trata as questões das línguas como instrumentos importantes para a concretização da integração entre os países, apontando, inclusive, para políticas de promoção das línguas como essenciais para os intercâmbios, o que fica expresso em documentos oficiais deste tratado, conforme explicita Barrios:

La cuestión de la oficialidad de lenguas se dirime en el Art. 17 del Tratado de Asunción (26/3/91): “Los idiomas oficiales del Mercado Común serán el español y el portugués”. En el Protocolo de Intenciones (13/12/91) se señala además “el interés de difundir el aprendizaje de los idiomas oficiales del Mercosur –español y portugués– a través de los sistemas educativos, en todos sus niveles y modalidades”. El tema de la diversidad aparece en los objetivos estratégicos del Tratado, que señala la necesidad de fortalecer una conciencia ciudadana favorable al proceso de integración regional “que valore la diversidad cultural”. (BARRIOS, 2003, p. 18)

Desse modo, ficam evidentes as intenções de promoção das línguas portuguesa e espanhola presentes no tratado, mais tarde regulamentadas pelas leis de obrigatoriedade da oferta do ensino de Língua Espanhola no Brasil, em 2005, e obrigatoriedade do ensino de Língua Portuguesa na Argentina, em 2009. Todavia, observa-se que ainda hoje tais leis não são cumpridas em sua totalidade, por mais que seja um passo importante para a integração. Para os governantes, porta-vozes do Estado, investir em rodovias que liguem as fronteiras, construir pontes e estreitar laços por meio de acordos, parece ser o melhor caminho para fomentar a integração, deixando em segundo plano outros aspectos, como as políticas de promoção das línguas.

Grimson (2001) traz outra problemática, tendo em vista as particularidades de cada fronteira. Para o autor, nem sempre essa lógica dos investimentos em infraestrutura funciona, como cita no exemplo:

En 1990 se inauguró un puente que une la ciudad argentina de Posadas con la paraguaya de Encarnación. Los actores locales y los funcionarios nacionales de ambos países festejaron el nuevo viaducto como símbolo de la “integración latinoamericana” y como “fin de las fronteras entre los pueblos”. Sin embargo, el incremento cualitativo de cruces de personas, automóviles y mercancías constituyó un marco en el cual se desarrollaron disputas entre sectores sociales. Las nuevas facilidades para que los posadeños realizaran sus compras en Encarnación y para los cruces de las tradicionales “paseras” paraguayas (mujeres que desde hace más de un siglo viven del cruce de pequeñas mercaderías) afectaron los intereses de los comerciantes posadeños. Diversas organizaciones de Posadas comenzaron a reclamar mayores controles aduaneros, denunciando que el dinero argentino sale del país por el puente, acusando a los paraguayos de tener una economía informal y afirmando en privado que el puente provocó la “debacle económica de la ciudad”. Frente a los nuevos controles y los maltratos en la aduana argentina, se desarrolla desde 1992 una serie de protestas de las paseras y los taxistas paraguayos a través de bloqueos del puente, reclamando la flexibilización de la frontera. (GRIMSON, 2001, p. 95-96.)

O exemplo acima traz uma problemática comum das fronteiras, que é essa tensão entre conflitos e cooperações, o que não condiz, em muitos momentos, com os conceitos e práticas de integração presentes no imaginário dos sujeitos fronteiriços. Por ora, para estes sujeitos, o interessante é a integração de forma fluida, por outro, a integração é vista como ameaça para o território e conseqüentemente para a economia, e é melhor blindar-se com ajuda do poder normatizador e fiscalizador do Estado.

Segundo Grimson (2001), os estudos das zonas fronteiriças têm mostrado a heterogeneidade desses territórios:

Los estudios en las zonas fronterizas parecen indicar una gran diversidad de situaciones, una heterogeneidad vinculada a historias diferentes y contextos específicos distintos. Esta diversidad no impide reconocer ciertas tendencias predominantes en un contexto espacio-temporal específico. Los procesos de regionalización del Cono Sur están produciendo combinaciones peculiares en la relación estado/ nación/frontera. (GRIMSON, 2001, p.96)

Assim, destacamos que os imaginários e os discursos sobre a integração na fronteira, especialmente a partir da criação do MERCOSUL, com o principal objetivo de alavancar o comércio internacional bioceânico, podem não condizer com a realidade esperada pelos sujeitos que habitam as zonas fronteiriças. Os impactos políticos podem gerar novas divisões e disputas, tendo em vista a complexidade que é habitar a fronteira.

Considerando que as condições socio-históricas-políticas incidem sobre os modos de viver, se relacionar e falar na fronteira, abordaremos, no próximo capítulo, a relação dos sujeitos com a língua e buscaremos traçar um percurso das pesquisas que vem sendo desenvolvidas sobre as línguas em contato na fronteira entre Brasil e Argentina.

2. LÍNGUAS QUE SEPARAM E UNEM: O FLUIR DO RIO

A língua, assim como o rio, está em pleno movimento, livre para fluir, de acordo com a necessidade de seus falantes. Referindo Orlandi (1988), tomamos o conceito de “língua fluída”, que é aquela “que não pode ser contida nos arcabouços e fórmulas”. (ORLANDI, 1988, p.34). Desse modo, como o rio, a língua perpassa as barreiras.

Tendo como objetivo analisar os enunciados presentes nas “Paisagens Linguísticas” na e da fronteira Porto Xavier/*San Javier*, no presente capítulo abordaremos a relação dos sujeitos com a língua, bem como discorreremos sobre pesquisas desenvolvidas e em andamento sobre o contato linguístico entre o português e o espanhol na América do Sul, em especial na fronteira com a Argentina.

Entre os resultados do contato entre os falantes e suas línguas, a prática linguística mais referida e reconhecida é o “portunhol”. Segundo Sturza (2019), o contato entre o português e o espanhol produziu o portunhol, ao que ela aponta “como uma prática comunicativa usada pelos fronteiriços em situações específicas e para determinados propósitos” (STURZA, 2019, p. 98). A autora ainda observa que o portunhol não possui uma gramática estável e que este tema é estudado por vários pesquisadores:

[...] é uma língua que tem falantes, mas não tem ainda uma gramática estável, nem há uma regularidade na construção linguística de suas formas. Esse contato linguístico, tem sido tema de pesquisas em diferentes perspectivas teóricas. (Albuquerque, 2014; Barrios, 2014; Fenner & Corbari, 2014; Lipiski, 2011; Maia & Méndez, 2017; Sturza, 2006, 2019³⁵). (STURZA, 2019, p. 98)

Observamos que o estudo das línguas na fronteira é tema de interesse de vários pesquisadores, sob várias perspectivas teóricas, entretanto, o recorte que propusemos para nossa pesquisa, abrangendo a fronteira de Porto Xavier e *San Javier*, carece de estudos específicos, pois sabemos que cada comunidade tem sua dinâmica local, que é significada pela relação dos sujeitos com o território em que vivem e, no caso da fronteira, como organizam sua vida cotidiana na interação com os outros, os do outro lado da ponte, do rio, com o exterior. Para Sturza (2019) “cada comunidade tem uma história, uma formação social e cultural e uma confluência de

³⁵ Para saber mais sobre o portunhol, o texto “Portunhol: língua, história e política”, está disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621/19608> . Acesso em: 16. Fev.2022.

línguas” (STURZA, 2019, p. 98). A autora observa que “nessas zonas, o uso do portunhol é mais recorrente, em especial, nas comunidades fronteiriças nas quais há um maior fluxo de pessoas e onde as relações são mais intensas” (STURZA, 2019, p. 98-99), como é o caso de Porto Xavier e *San Javier*.

2.1 ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS E FRONTEIRAS

Estudar o contato entre as línguas nas fronteiras geopolíticas tem sido tarefa de vários pesquisadores ao longo dos anos, pois o mundo globalizado trouxe uma dinamicidade muito maior para as interações sociais, o que coloca em relação sujeitos, culturas e línguas. Discutiremos, a seguir, trabalhos que envolvem o contato entre o português e o espanhol na América do Sul.

Barrios (2014), em suas pesquisas sobre o contato entre o Português e o Espanhol na fronteira com o Uruguai, levando em conta as particularidades desses territórios, observa que o portunhol, já mencionado anteriormente, remete a um falar mesclado, é aceito e rechaçado ao mesmo tempo pelas comunidades brasileiras e uruguaias, mas não deixa de simbolizar a integração entre as duas línguas:

[...] la denominación “portuñol”, para referirse al portugués hablado en la frontera norte de Uruguay, remite a una representación de mezcla que puede ser cuestionada o reivindicada, según el punto de vista que se privilegie. Quienes la rechazan consideran que el término es engañoso porque, aunque con influencias del español, se trata básicamente de una variedad del portugués; quienes la aceptan argumentan que es un término habitual en la propia comunidad y que, más allá de las connotaciones negativas que puedan atribuírsele, simboliza la simbiosis cultural uruguayo-brasileña que caracteriza esta frontera. (BARRIOS, 2014, p. 194)

Observamos que este falar diferente, misturado, muitas vezes é sinônimo de desprestígio, como apresentado pelas pesquisadoras Argentinas Maia e Méndez (2018), ao tratarem do Português Missioneiro de Fronteira – PMF – como um fenômeno que cobre boa parte da província de *Misiones*, na Argentina. As autoras apontam que as migrações dentro do próprio território argentino fizeram com que os habitantes de regiões mais periféricas se deslocassem até a capital, *Posadas*, trazendo sua bagagem cultural e com ela a língua em uso. Assim, as autoras nos trazem questionamentos que contribuem para pensar a mistura de línguas, onde

indagam: “O que acontece com essa língua desprestigiada numa cidade tão isolada da fronteira? (...) Como é o convívio do PMF com o espanhol num contexto urbano?” (MAIA; MÉNDEZ, 2018, p.154).

As autoras constataram, em sua pesquisa, que os informantes reconhecem o PMF como uma versão de português com um pouco de mistura do espanhol. Os falantes chamam esta mistura de “fala atravessada”, “brasileiro misturado” e “portunhol”. Relatam também que a variedade não foi transmitida para as novas gerações, tendo em vista o desprestígio frente ao espanhol e ao português, e as dificuldades que enfrentaram no contexto escolar, onde era exigido o uso da língua espanhola. Assim, nos dias atuais, essa variedade só é falada entre os mais velhos do grupo familiar e em contextos bem íntimos, já que seu uso o deixa “envergonhados” (MAIA; MÉNDEZ, 2018).

Em *Misiones*, que tem como língua oficial o espanhol, espera-se que os falantes tenham domínio dessa língua, todavia, a história mostra que diferentes correntes migratórias formam a identidade dos falantes desse território:

[...] a história desta província está atravessada por diferentes correntes migratórias que foram gerando uma identidade plurilíngue. Não chegou nestas terras somente população européia, senão também população de outras províncias da República Argentina, bem como, cidadãos dos países com os quais linda: Paraguai e Brasil. Deste modo, cabe-lhe melhor a identidade de multicultural e plurilíngue. (MAIA; MÉNDEZ, 2018, p.155)

Maia e Méndez (2018), ao estudar os fenômenos linguísticos de *Misiones*, elucidam que pesquisas antecedentes apontam para o PMF não como uma mistura entre as línguas portuguesa e espanhola, mas como uma “variedade não escolarizada e coloquial do português brasileiro, com pouco prestígio social, se comparado com o espanhol da Argentina ou com o português padrão do Brasil” (MAIA; MÉNDEZ, 2018, p.156). Segundo as autoras, as pessoas que falam o PMF, geralmente “são pessoas com pouca formação escolar, sobretudo, nunca estudaram formalmente o idioma português. Moram em contextos rurais ou de fronteiras” (MAIA; MÉNDEZ, 2018, p.156). Desse modo, observamos que as pessoas que falam o PMF são brasileiros que foram morar na Argentina por necessidades econômicas, geralmente na zona rural, levaram consigo o idioma e convivem com as duas línguas nacionais. Destacamos que as pesquisadoras chamam essa variedade do português de “PMF”,

todavia, para os falantes, a variedade é reconhecida como “fala atravessada”, “brasileiro misturado” e “portunhol”.

Ainda em se tratando da mistura do português e espanhol, Albuquerque (2014), destaca que não há línguas puras. Elas “são processos sociais constituintes de zonas de contatos e de múltiplas interações sociais (...) Todos os idiomas são formados a partir de processos de intercâmbios, misturas, apropriações e significações de palavras.” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 89). O autor aborda que existem diferentes contatos linguísticos, em se tratando de bilinguismo ou multilinguismo de uma nação, o que faz surgir outros espaços de enunciação. As fronteiras, segundo Albuquerque, são lugares mais intensos no que diz respeito ao cruzamento das línguas, o que proporciona o surgimento de novas possibilidades de aprendizagens na forma de se comunicar, como é o caso do portunhol, que começa a se fazer presente não só na oralidade, como também na escrita:

[...] as regiões de fronteiras, especialmente aquelas que são bastante povoadas e que acontecem múltiplos deslocamentos de pessoas de um lado e do outro da linha de fronteira, são lugares intensos de cruzamento de línguas. Os processos de interlínguas possibilitam novas aprendizagens e formas de comunicação, especialmente em torno dos negócios, por meios dos sinais das TVs e rádios do país vizinho e no espaço de convivência doméstica. Nas regiões de fronteiras entre o Brasil e os países vizinhos se efetivam múltiplas situações de portunhol (junções variadas de termos em português e espanhol) na fala diária dos habitantes, nas letras das músicas e nas propagandas. A oralidade em portunhol é um fenômeno secular que atravessa as experiências de vida das gerações que viveram e vivem nesses lugares de encontros e desencontros de povos e culturas. O acontecimento novo é a escrita do portunhol, especialmente nas letras de músicas, em livros de poesia e em alguns romances e peças teatrais. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 90).

Desse modo, o viver e habitar a fronteira é expresso por meio da língua, num sentimento de pertencimento ao local, constituinte da identidade do fronteiriço, como aponta Sturza (2019), quando ressalta que o sentido identitário da língua para os habitantes que vivem na fronteira como a do Brasil/Argentina, “relaciona-se ao modo como os fronteiriços se reconhecem e como atuam politicamente”. (STURZA, 2019, p. 98). O fato descrito por Albuquerque como um novo evento, que é a escrita em portunhol, nos alude para um acontecimento da ordem do político. Para Guimarães (2002), enunciar é um acontecimento de linguagem, e por “se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político” (GUIMARÃES, 2002, p. 17), pois entramos

em conflito com a divisão desigual do real, que é a língua em funcionamento, afetada por fatores que condicionam os modos de dizer. Assim o político é

“[...] caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. (...) deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada.” (GUIMARÃES, 2002, p. 16)

Os sujeitos querem ser incluídos e afirmar seu pertencimento, e isso se dá por meio da língua. Utilizar o portunhol em seus enunciados, marca sua identidade como sujeitos fronteiriços. Sturza e Tatsch (2016) destacam que “os sujeitos que estão inseridos nestas comunidades fronteiriças se significam pelas línguas que escolhem enunciar. E esta escolha é política.” (STURZA; TATSCH, 2016, p. 85). Para as autoras, essa “escolha³⁶” considera os interlocutores, os espaços de enunciação, as cenas onde uma ou outra língua produz maior ou menos efeito de sentido, marcando o modo de como esses sujeitos se relacionam com as línguas as quais estão expostos.

O modo de atuação política dos sujeitos, está atrelado a história e ao grupo social a que pertencem, fazendo com que estes, ao serem tomados pelas línguas, tomem também posição, agenciados por fatores externos à língua. Para Fenner e Corbari (2014), a língua “simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos”. (FENNER; CORBARI, 2014, p. 493)

Desenvolvendo pesquisas sobre as línguas em contato nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, Fenner e Corbari destacam que as cidades de Guaíra (Oeste do Paraná) e Capanema (Sudoeste do Paraná), estão inseridas em contextos multilíngues e multiculturais, seja “em virtude da colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias, seja em virtude do contato com os habitantes dos países vizinhos – Paraguai e Argentina” (FENNER; CORBARI, 2014, p. 489).

³⁶ A palavra está entre aspas para destacar que esta não é uma escolha consciente. Ela se dá pelo agenciamento do sujeito, que é motivado por fatores sócio-históricos, conforme destaca Guimarães (2002) em **Semântica do Acontecimento**.

Assim como Porto Xavier, que foi colonizado por várias etnias, e que faz fronteira com a Argentina, em Guaíra (divisa internacional com *Salto del Guairá*, capital do Departamento de *Canindeyú*, no Paraguai) e Capanema (que se limita com a localidade argentina de *Comandante Andresito*, na província de *Misiones*), a proximidade entre os países também intensificou as relações comerciais, sociais e de empregos, fazendo com que se produzisse “uma situação favorável à manutenção de práticas linguísticas hibridizadas” (FENNER; CORBARI, 2014, p. 490). Em entrevista, um informante destaca essa necessidade:

É espanhol forçado pela necessidade, né, trabalhando. Trabalho há mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala, assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né, um dialeto da região. (Inf. 11 – Guaíra). (FENNER; CORBARI, 2014, p. 490)

Ao serem interpelados, os sujeitos apontam que na fronteira entre Guaíra com *Salto del Guairá* existe um modo de falar diferente, que é descrito pelos próprios falantes como “fala misturada”, “fala fronteira”, “portunhol”, entre outras formas, mas fica evidente que este falar é único dessa zona.

Destacamos que o modo de “nomear” ou “designar” como é a fala por parte dos sujeitos que habitam a fronteira, marca a relação de identificação que estes têm com as línguas que convivem. O pesquisador descreve, classifica e identifica os modos de falar, com o objetivo de construir conhecimento por meio de uma perspectiva teórica, e também acaba nomeando ou designando a língua. Observamos, entretanto, que a forma como o próprio falante ou o pesquisador “nomeia” ou “designa” a língua, é determinada por uma posição política. O falante tem outra relação de identificação com a língua, que não é a mesma do pesquisador. Isso estabelece um caminho para o modo de “nomear” e “designar” a língua praticada.

Tendo em vista que estamos tratando sobre os estudos das línguas de fronteira, consideramos relevante apresentar um conjunto de pesquisas a fim de referir o quanto a temática das línguas e das fronteiras tem sido abordada pelos pesquisadores sul-americanos, em diferentes perspectivas teóricas.

Em *Misiones - Argentina*, já existem vários estudos que versam sobre a interferência do português no falar dos *misioneros*, que povoam uma grande extensão do país, que faz fronteira com o Brasil, o qual é nosso objeto de estudo. Lipski (2017),

em seu artigo ***La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas***, constata que “*en las comunidades de habla bilingües, es frecuente la alternancia de lenguas (“code-switching” o cambio de código) dentro del mismo discurso*” (LIPSKI, 2017, p. 170), sendo este o caso de vários locais em *Misiones* – Argentina, onde segundo o autor são falados os dois idiomas: português e espanhol, com a finalidade de se comunicarem:

A lo largo de la frontera de Brasil con los países hispanoparlantes se producen contactos lingüísticos entre el castellano y el portugués. En la mayoría de los casos, los residentes de países hispanoparlantes solo emplean el portugués con interlocutores brasileños, sobre todo los que cruzan la frontera para satisfacer necesidades inmediatas de comercio o gestiones administrativas. Pocos hispanoparlantes en las ciudades fronterizas dominan completamente la lengua portuguesa a menos que hayan tenido una experiencia extensa a causa de estadías en Brasil, estudios formales o matrimonio. (LIPSKI, 2017, p. 172)

Assim, fica evidente que a forma como a região foi ocupada e as línguas que os imigrantes trouxeram influenciam o modo de falar dos fronteiriços. A região de *Misiones*, na Argentina, recebeu seus primeiros moradores a partir de uma campanha de recrutamento de imigrantes europeus, no ano de 1883, com a finalidade de povoar o território e ajudar a resguardar a soberania nacional na fronteira.

Segundo Lipski (2017), os imigrantes europeus que vieram ao país nos anos de 1883 e depois com o fim da Primeira Guerra Mundial, são principalmente poloneses, ucranianos e alemães. Eles chegaram falando a sua língua e criando comunidades agrícolas, mas estas línguas não foram transmitidas para as novas gerações, em muitos casos. O autor ainda destaca que entre a população rural, o português predomina como língua nativa³⁷ em “*la franja oriental de la provincia, que se extiende desde las comunidades fronterizas hasta casi el centro de la provincia*” (LIPSKI, 2017, p 175). Ainda destaca que a língua portuguesa é empregada como língua de preferência nessas comunidades essencialmente agrícolas:

La zona de Misiones donde se habla el portugués se caracteriza por una intensa explotación agroforestal, siendo los productos más importantes yerba mate, té, tabaco, caña de azúcar (San Javier), citronela (El Soberbio) y madera. El hilo común que vincula todas las comunidades argentinas de la franja fronteriza misionera es el empleo de la lengua portuguesa como lengua

³⁷ O autor entende como língua nativa, neste caso, a língua trazida pelos primeiros imigrantes que chegaram para povoar a região, que difere da língua nacional oficial do país e da língua indígena.

de preferencia entre muchos individuos nacidos y criados dentro del territorio argentino. (LIPSKI, 2017, p. 175)

A proximidade com o Brasil, a interferência dos meios de comunicação brasileiros, bem como as várias famílias que foram, no passado, para o lado argentino em busca de trabalho nas comunidades agrícolas é o que fomenta o uso do português. Além disso, Lipski (2017) aponta que *“la gran cantidad de elementos cognados, compartidos por el español y el portugués, facilita la compenetración de lenguas en el entorno sociolingüístico de Misiones”* (LIPSKI, 2017, p. 184) e que os habitantes de *Misiones* reconhecem as duas línguas, e estão convencidos de que falam o “portuñol”, uma mistura de português e espanhol e, dependendo do contexto, usam uma língua ou outra e até misturam as duas, de forma involuntária. Já em outros casos, são obrigados a utilizar somente a língua espanhola, em especial na escola e em contextos formais, caracterizando assim o bilinguismo na região.

Em seu artigo ***Portugués, Español, Alemán y brasilero. Lenguas y variedades en contacto en el Alto Uruguay (Misiones, Argentina)***, o pesquisador Leonardo Cerno (2019), observa que a diversidade linguística de *Misiones* está imbricada com a história de ocupação do território, com os programas de colonização criados pelo governo argentino com o intuito de povoar a fronteira, refundando povoados, pois ali já havia população três séculos antes, no tempo das reduções jesuíticas, que foram posteriormente abandonadas:

En el extremo nordeste argentino, la provincia de Misiones, lindante con Brasil y Paraguay en un 90% de su frontera, cuenta con una diversidad lingüística derivada de su historia, su posición geopolítica y su composición étnica. Su entrada en los tiempos modernos comienza hacia 1880, después de la Guerra de la Triple Alianza (1864-1870). Al terminar el conflicto que enfrentó a Paraguay con Argentina, Brasil y Uruguay, el territorio misionero, entonces sólo habitado por indígenas, recibió migración de los países limítrofes (Paraguay y Brasil) y de la vecina provincia de Corrientes. El Estado nacional acompañó parcialmente el proceso poblacional con la (re-)fundación de pueblos y el desarrollo de programas de colonización. (CERNO, 2019, p. 132)

O pesquisador também evidencia que há, atualmente, poucos trabalhos dedicados a estudar o cenário do multilinguismo de *Misiones*. Segundo o autor *“el conocido especialista del contacto entre portugués y español, John Lipski, ha sido prácticamente el único en aproximarse a la variedad misionera de portugués, y sólo en los últimos tiempos (Lipski 2015, 2017)”* (CERNO, 2019, p. 134), destacando que

o campo de investigação em *Misiones* se assemelha com o caso “fronterizo uruguayo”, onde também se fala uma variedade de português.

As pesquisas coordenadas por Cerno (2019) estão em fase de coletas de campo, a fim de compreender o entorno linguístico da região. O pesquisador realizou entrevistas na cidade argentina de *Itacaruaré*, departamento de *San Javier*. Trata-se de uma cidade com 3500 habitantes, distante 15 quilômetros de *San Javier*, que também faz divisa com Porto Xavier, no Brasil, separadas pelo rio Uruguai. Segundo Cerno (2019), *San Javier “Tuvo mayoría de población de origen brasileño hacia fines del siglo XIX”* (CERNO, 2019, p. 136). Já a cidade de *Itacaruaré “existe desde la década de 1920, fundada en vistas a usar las fértiles tierras para yerbales, teales y arroz. Desde 1960 produce caña de azúcar en mayor escala”*. (CERNO, 2019, p. 136).

O autor ressalta que grande parte dos habitantes destas cidades são descendentes de imigrantes brasileiros que atravessaram o rio em busca de trabalho, e ali formaram suas famílias. Atualmente, a travessia para o lado brasileiro se dá principalmente para adquirir mercadorias, por trabalho em algumas temporadas e para passeios em família, tendo em vista que há muitos matrimônios entre brasileiros e argentinos. Segundo Cerno (2019), o português que é falado em *Misiones*, não deve ser associado ao português brasileiro, tido como padrão, já que possui característica “caipira”, de interior. Também não deve ser confundido com o “portunhol”:

El portugués de Misiones es por el contrario una lengua nativa, que llegó con los campesinos sur-brasileños que hablaban variantes rurales que todavía existen y que se conocen como portugués caipira. Se trata entonces de una extensión regional de esos dialectos, ocurrida por emigración” (CERNO, 2019, p. 137)

Observamos que estudar a fronteira não é tarefa simples. Demanda remontar este mosaico que carrega relações étnicas, geográficas, históricas e sociais, pois elas permeiam as práticas políticas do fronteiro. Compreender o espaço de enunciação na fronteira entre Porto Xavier e *San Javier* requer este movimento de conhecer sua história, sua constituição como espaço povoado por indígenas e mais tarde por imigrantes europeus, colocando em contato línguas, costumes e identidades. Grimson (2001) aponta que as tensões entre as fronteiras, seja no plano territorial ou econômico é uma característica comum entre os Estados que compõem o MERCOSUL, por se tratarem de regiões periféricas aos grandes centros, carregando

consigo suas especificidades, incluindo, desse modo, as particularidades linguísticas de cada espaço fronteiriço:

Esta doble tensión atraviesa diversas fronteras de los estados del Mercosur, que constituyen en general regiones periféricas de las grandes metrópolis de cada país. Para comprender ese proceso de transformación, se hace necesaria una dimensión histórica de la sociedad y la cultura en el proceso de constitución de la frontera. (GRIMSON, 2001, p. 97)

Diante do exposto, destacamos a singularidade deste espaço fronteiriço, que requer um estudo de sua constituição como fronteira nos mais diversos âmbitos, sendo um deles o linguístico, pois os habitantes destes territórios se constituem na e pela língua, marcando seu espaço de pertença, levados pela necessidade de comunicação, conforme destaca Sturza (2010):

Das fronteiras do sul do Brasil, ao longo do sul e do oeste do Rio Grande do Sul, encontramos alguns pares de cidades correspondentes a cidades da Argentina e do Uruguai. Essas comunidades, fincadas em ambos os lados das fronteiras geopolíticas, estabelecem suas relações cotidianas, na maioria das vezes, por processos de inter-relações construídas nas bases locais. Quer dizer, os sujeitos entram em contato por necessidades de toda ordem, criam modos de intercomunicar-se como, por exemplo, mesclar duas línguas para melhor interagir com o seu vizinho, o seu cliente, o seu visitante, o seu parente. (STURZA, 2010, p. 87)

Este é o caso de Porto Xavier, cidade gêmea com *San Javier*, onde para que haja compreensão no diálogo, os falantes utilizam ora o português, ora o espanhol e, muitas vezes misturam as duas línguas nacionais³⁸. Esse modo de falar marca uma identidade, a identidade do fronteiriço, que está calcada na história e no imaginário deste povo. Segundo Oliveira (2016):

Ser da fronteira, portanto, é pertencer a uma comunidade de prática: em muitos casos aquela que usa, em maior ou menor grau, diferentes línguas em contextos adequados, alternando-as, ou conversando em mais de uma língua concomitantemente, mesmo que às vezes apenas passivamente, e mesmo que às vezes a contragosto. É pertencer, portanto, a mais de uma comunidade linguística, o que coloca vários problemas para as identidades pessoais construídas sob a orientação de Estados monolíngues. (OLIVEIRA, 2016, p. 64)

³⁸ Guimarães (2003) define língua nacional como “a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.” (GUIMARÃES, 2003, p. 48)

Outro aspecto relevante de ser tratado sobre a fronteira é a relação entre a identidade e o nacionalismo. Historicamente, a identidade de um povo está relacionada com sua língua. A língua sempre será instrumento de controle ideológico do Estado, causando aos sujeitos o sentimento de pertença à nação. O Estado detém o controle sobre a língua por meio de artifícios como a gramatização e a normatização, oficializando-a como símbolo nacional do território e até combatendo outras línguas ou modos de falar que diferem desta, pois são tidas como ameaça à identidade nacional, como elucida Albuquerque:

Os sistemas nacionais de educação geralmente tendem a combater essas “misturas”, muitas vezes vistas como uma ameaça à identidade nacional. Mesmo as nações assumidamente bilíngues buscam ensinar bem as duas ou mais línguas, combatendo as mesclas e as “falas erradas”. As nações criaram historicamente políticas de Estado em defesa da língua nacional contra ameaças externas, especialmente nas áreas fronteiriças. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 90)

Todavia, na fronteira, o ideário nacionalista de uso de uma só língua não se sustenta, pois Sturza (2010) pontua que os sujeitos são políticos e históricos. São eles que habitam as fronteiras e circulam entre os territórios. É esse movimento que “tem colocado as línguas portuguesa e espanhola em relação. As línguas servem aos sujeitos e vice-versa, para assim se significarem como fronteiriços”. (STURZA, 2010, p. 84). Além disso, temos aqui a construção de um imaginário de identidade e de território, como bem destaca a autora:

Parte-se, então, da ideia de que fronteiras e sujeitos se significam ao moverem-se entre uma língua e outra, decorrentes de uma mobilidade social, atravessada pelas condições sócio-históricas que vão impondo a construção de uma nova territorialidade. Ao levar em conta a fronteira social, a questão da identidade dos fronteiriços emerge e explicita-se também na língua, pois, na fronteira, as línguas (e aqui estamos tratando de duas línguas nacionais em contato) são constitutivas das relações dos sujeitos com o seu espaço social. (STURZA, 2010, p. 85).

É nessa nova territorialidade que os sujeitos vão marcar seu lugar identitário por meio da língua que utilizam para sua comunicação nas relações cotidianas de intercâmbio social, comercial, cultural, entre outros. O modo de falar, alternando as línguas e fazendo empréstimos lexicais, muitas vezes passa despercebido por quem habita a fronteira, pois já é rotina do dia a dia e no seu modo de viver e habitar este

espaço, assim como citamos a prática do chibo, que faz parte da cultura dos sujeitos fronteiriços.

Para Sturza (2010) a constituição dessa nova territorialidade dos fronteiriços, ocorre pelo desejo dos mesmos de marcarem “seus lugares identitários”, sendo que desta maneira, “os processos identitários enunciar-se-iam na língua e pela língua, e significar-se-iam através dos modos e dos lugares onde essa identidade ou desejo dela se marcassem na enunciação” (STURZA, 2010, p. 85). A autora ainda aponta que é importante esclarecer dois conceitos para estudar a relação língua e sujeitos, levando em conta as comunidades fronteiriças. São eles: “espaço de enunciação e línguas em contato”, conforme Sturza (2010) pauta:

[...] não tratamos de gramáticas de línguas em contato, porém de um modo de enunciar particular, o de quem habita a fronteira, que é tomado pelas línguas, pelas condições nas quais essas línguas vão funcionando, onde elas circulam mais ou menos, em que espaços elas têm maior domínio de circulação e o que isso representa para a constituição de um espaço de enunciação que não se repete e que não vai se reproduzir em outros espaços de enunciar do português ou do espanhol. Principalmente, que contribuição apresenta uma abordagem que desloca esse conceito de línguas em contato, para pensar o contato como constitutivo dessas línguas da fronteira. (STURZA, 2010, p. 86)

Assim, destacamos que a língua não é algo abstrato. Ela é histórica e política, como já mencionamos. O sujeito se marca como fronteiriço por meio da enunciação, onde o contato entre as duas línguas constitui sua identidade. Para Sturza e Tatsch (2016), falar portunhol, por exemplo, tem sentidos muito específicos na fronteira, pois “ele funciona para marcar politicamente como estes sujeitos querem se significar no mundo” (STURZA; TATSCH, 2016, p. 85). Isso se materializa nas práticas linguísticas em que o contato é constitutivo. Assim, o sujeito é agenciado pela história e produz significações para aquele determinado momento, que é sempre único, irrepetível, como observa Guimarães (2002), ao evidenciar que os sentidos “são pensados historicamente, e não como uma ação particular numa situação particular” (GUIMARÃES, 2002, p. 8).

Diante disso, interessa-nos ilustrar, por meio de “Paisagens Linguísticas”, os sentidos que a língua em funcionamento produz afetada pelo político e pelo histórico, numa relação em que o “ir e vir” da balsa ocasiona o contato entre as culturas

portuguesa e espanhola, que afeta a identidade e o modo de viver dos fronteiriços, e é marcado na e pela enunciação.

3. YO PERGUNTO, TU CONTESTAS: NÓS ENUNCIAMOS

Neste capítulo, apresentaremos nosso aporte teórico, a Semântica Histórica da Enunciação, na qual está vinculada a “Semântica do Acontecimento”, desenvolvida por E. Guimarães (2002), onde encontramos os procedimentos metodológicos e analíticos que buscam analisar o funcionamento semântico e histórico da enunciação, considerando “tempo” e “espaço”, noções filiadas aos princípios de E. Benveniste e Ducrot. Após, discorrermos sobre as “Paisagens Linguísticas”, as quais contém os enunciados que ilustram o funcionamento da língua nas cidades fronteiriças de Porto Xavier e *San Javier*. Neste sentido, E. Sturza (2006) também dialoga com os autores apresentados, trazendo sua contribuição com o “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, um espaço onde convivem o português, o espanhol e o portunhol, assim como nosso título pretende ilustrar na presente seção.

Entendemos que a enunciação, na perspectiva tomada por Guimarães (2002), considera o sujeito falante usando a língua, agenciado pelo político e pelo histórico, em um determinado espaço que se encontra dividido de modo desigual. Nesses acontecimentos de linguagem, os sentidos se constituem.

Guimarães (2002) desenvolve suas reflexões a partir dos estudos de Benveniste, que considera que o sujeito da enunciação toma a língua e a coloca para funcionar “por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Benveniste trata a enunciação como um acontecimento de linguagem, assumida por um sujeito subjetivo, que é o centro do dizer. Já Guimarães (2002), em “Semântica do Acontecimento”, apresenta uma abordagem semântica, destacando que “as coisas são referidas enquanto significadas e não enquanto simplesmente existentes” (GUIMARÃES, 2002, p. 10). Desse modo, o autor entra no campo dos estudos da significação, onde as expressões linguísticas significam nos enunciados, no acontecimento do dizer, porque há sujeitos históricos que enunciam, e o sujeito é tomado como um lugar constituído pelo dizer, e não como o dono do dizer.

Marchesan (2023), ao buscar conceituar enunciação em seu trabalho de doutorado, observa que além de Émile Benveniste, Oswald Ducrot também têm grande relevância na reflexão em torno do conceito de enunciação que motivou os estudos de Guimarães. Segundo a autora, Oswald Ducrot acrescenta que “(...) a enunciação é o acontecimento que constitui o surgimento de um enunciado em

determinado tempo e espaço” (MARCHESAN, 2023, p. 18). Essa abordagem contribuiu para uma reflexão sobre o conceito de enunciação. Além disso, assim como Benveniste insere o sujeito como peça fundamental na enunciação, Ducrot afirma que é o locutor quem constitui o enunciado. Desse modo, ambas as conceituações demonstram um caráter em comum, que é a não repetibilidade.

Guimarães parte de Benveniste e Ducrot, e acrescenta aos seus estudos o caráter sócio-histórico na enunciação, considerando-a uma prática social inscrita na história, caracterizando um acontecimento. Marchesan esclarece que Guimarães “reforça que algo somente é enunciado se estiver relacionado com outros enunciados. Portanto, um enunciado pertence às condições de existência de outros, um só existe na relação com os outros.” (MARCHESAN, 2023, p. 21). Sendo assim, o acontecimento enunciativo sempre será novo e estará inscrito na história.

Se retomamos Benveniste (1988), entendemos que para Teoria da Enunciação o homem nunca está separado da linguagem. Ele está no mundo, falando para outro homem, produzindo um discurso, um enunciado:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (BENVENISTE, 1988, p. 285)

Este homem que fala no mundo, denominado “Locutor” na teoria benvenistiana, produz enunciados carregados de sentidos e subjetividade na inter-relação com o outro. O “Locutor” se apropria da língua e se constitui como sujeito ao fazer uso desta por meio do discurso, na enunciação:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego” [...] A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será a minha alocação um *tu*. (BENVENISTE, 1988, p. 286)

Assim, segundo o autor, temos um “eu” falando para um “tu”, numa condição de diálogo, que é “constitutiva da pessoa”, num determinado tempo e espaço. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como um sujeito, “remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Assim, o *eu* propõe um *tu*, aquele

com quem estabeleço a relação de interação, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que, me diz *tu*” (BENVENISTE, 1988, p. 286), na reversibilidade da enunciação e da interação. Para o autor, uma língua “sem expressão da pessoa é inconcebível” e para que haja diálogo entre “eu” e “tu”, necessita-se da reciprocidade. A relação “eu” e “tu” é dialógica. Instaura-se, assim, uma instância única e irrepetível, que se constitui pelas categorias de pessoa, tempo e espaço.

Para Benveniste (1988), “eu” e “tu” são as formas linguísticas que indicam as pessoas do discurso, e uma não se concebe sem a outra. Elas funcionam numa relação de alteridade e ao mesmo tempo são reversíveis, pois o “Locutor” é um “eu” que fala para o “tu” e o “tu” pode se tornar um “eu”, colocando o outro como “tu”. Essa relação dialógica, nos remete ao modo de como as conversas e as interações ocorrem no contato entre as culturas, propiciados pela travessia da balsa, onde locutor e alocutário são agenciados pela condição sócio-histórica do espaço de enunciação da fronteira. O alocutário é projetado a partir de uma percepção que o “eu” tem sobre o “tu”, pois por meio da língua o sujeito também se significa como fronteiro, porque o contato entre as línguas, costumes e modos de viver e habitar é constitutivo da fronteira e marca essa relação, que é da ordem do político, do subjetivo e do histórico.

Tomando a língua pelo seu uso, o enunciado é a unidade da língua, é pela manifestação da enunciação, que a língua é colocada em funcionamento e é convertida em discurso, porque “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua”. (BENVENISTE, 1989, p. 83), assim, enunciar é se apropriar da língua e se expressar numa relação temporal com o mundo, tendo em vista que para Benveniste (1989), “o presente é propriamente a origem do tempo” e esta presença no mundo existe somente com o ato de enunciar, que se renova a cada produção de discurso numa relação “aqui-agora”.

Quando tratamos da enunciação, não nos limitamos apenas ao discurso oral. Incluímos o discurso escrito, pois segundo o autor “o que se escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (BENVENISTE, 1989, p. 90). Assim, a língua é o instrumento da enunciação, e numa relação com o outro ela produz discurso, marcando a pessoa, o espaço e o tempo, que trazem sentidos funcionando nas relações entre sujeitos e história, tal como propõe a “Semântica do Acontecimento”, concebida por Guimarães (2002).

A “Semântica do Acontecimento” toma “a enunciação como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 8), considerando que a “linguagem fala de algo” e não “há como pensar uma semântica linguística sem levar em conta que o que se diz é incontornavelmente construído na linguagem” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Desse modo, Guimarães dialoga com Benveniste ao afirmar que uma semântica do acontecimento é “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). O autor segue seu raciocínio, pautando que:

[...] considerando a própria operação de análise, tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o enunciado. Deste modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado [...] é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto. Desse modo, procuro utilizar aqui o que Benveniste (1966) considerou como o movimento integrativo de uma unidade linguística. Para ele esta relação (integrativa) dá o sentido da unidade. (GUIMARÃES, 2002, p. 7)

Guimarães, a partir de Benveniste, traz outros elementos para discussão, como a historicidade no acontecimento, indo além do limite do enunciado, ao propor a passagem do enunciado para o texto, “para o acontecimento, que não é segmental. E esta é a relação de sentido.” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Sendo assim, a enunciação é um acontecimento de linguagem, que ocorre quando colocamos a língua para funcionar, produzindo sentidos por sujeitos agenciados pela história, num determinado espaço. Para ele, há elementos decisivos para a “conceituação desse acontecimento de linguagem”, sendo:

[...] a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual enuncia-se algo. Por outro lado, um terceiro elemento decisivo [...] na constituição do acontecimento, é sua temporalidade. Um quarto elemento ainda é o real a que o dizer se expõe ao falar dele. Não se trata aqui do contexto, da situação, tal como pensada na pragmática, por exemplo. Trata-se de uma materialidade histórica do real. Ou seja, não se enuncia enquanto ser físico, nem meramente no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico. (GUIMARÃES, 2002, p. 11).

Na perspectiva de Benveniste, o “Locutor” se constitui como sujeito ao enunciar. Isso caracteriza um acontecimento, que instala uma temporalidade. Neste sentido Guimarães diverge de Benveniste ao evidenciar que o tempo da enunciação não “se constitui pelo locutor ao enunciar”. Para Guimarães (2022) “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento”. Desse modo, “o sujeito é tomado pela temporalidade do acontecimento”. Ademais, cabe destacar a exterioridade ao qual o dizer se apresenta, se significa.

Entendemos o real/exterioridade da língua constitutiva do enunciado, afetado pela história na temporalidade do acontecimento, permeado pelo “simbólico”, que para Guimarães é a representatividade, a simbologia de algo que significa por estar inscrito na história. A língua, a pintura, uma fotografia são elementos simbólicos que produzem sentidos.

Guimarães (2002) considera que o acontecimento temporaliza, discorrendo que “ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade” (GUIMARÃES, 2002, p.11-12), sobremaneira que o sujeito é “tomado na temporalidade do acontecimento” e não é o responsável por temporalizá-lo. Segundo Guimarães (2002), o acontecimento é uma “conviviabilidade de tempos”:

[...] ele se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento na linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. [...] A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Assim, o acontecimento é tido sempre como uma nova temporalização, responsável pela produção de sentidos que afeta os sujeitos. Guimarães (2002) considera ainda, que “enunciar é uma prática política”, que é pensada “historicamente e não como uma ação particular e numa situação particular” (GUIMARÃES, 2002, p. 8). O autor define sua concepção de político “como algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem” (GUIMARÃES, 2002, p. 15). Sua reflexão dialoga com as considerações de Orlandi (1990), a qual pontua que “este modo de tratar o

político vem da formulação que lhe dá a autora. O político é definido como ‘relação de confronto’” (GUIMARÃES, 2014, p. 51), como já mencionamos, redividindo os sujeitos ao tomarem a palavra.

Ao observar a fronteira pelo viés da língua, percebemos uma relação de confronto e de convivência, pois as línguas em contato geram uma disputa política, que ao mesmo tempo é negociada, ora falando as línguas dominantes (português e espanhol) de forma alternada, ora falando o portunhol, uma mistura das línguas dominantes. Desse modo, os sujeitos se significam como fronteiriços, e isso se materializa na sua prática linguística, carregada de história e representatividade, peculiar deste espaço em que o contato é constante.

Segundo Sturza (2019) a mistura das línguas portuguesa e espanhola é “potencializada pela intercompreensão construída a partir da proximidade linguística entre as duas línguas” (STURZA, 2019, p. 99). Ela ocorre pela necessidade imediata de comunicação, fomentada pela proximidade das duas línguas românicas, que são o português e o espanhol.

Quanto à intercompreensão, Capucho (2010) destaca que:

A noção de intercompreensão não constitui uma invenção artificial no campo da linguística aplicada ou da didáctica das línguas; ela corresponde aos processos naturais e espontâneos postos em prática por indivíduos “comuns”, em situações de contactos exolingues. De facto, alguns indivíduos são capazes de realizar espontaneamente (diríamos mesmo « naturalmente ») processos de intercompreensão, quando se encontram perante uma língua estrangeira desconhecida ou pouco conhecida. (CAPUCHO, 2010, p. 103)

Capucho (2010) e Sturza (2019) convergem que a “intercompreensão” é uma “prática comunicativa de regiões limítrofes”, em que o funcionamento das línguas decorre da intensidade das interações entre falantes de zonas de fronteiras geopolíticas.

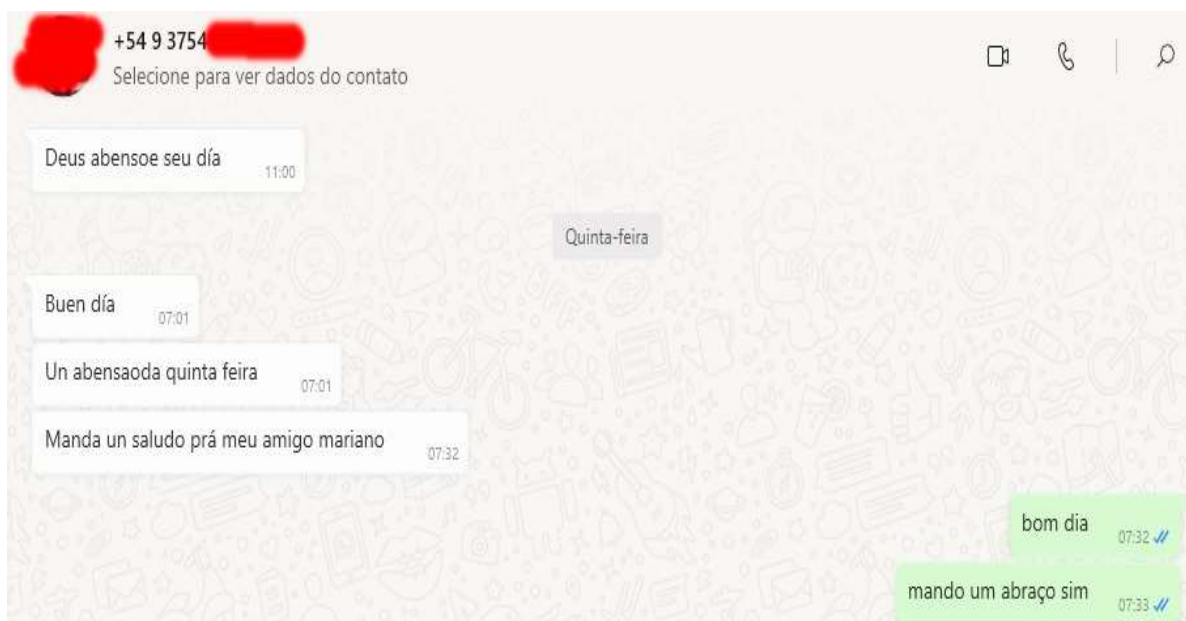
Para Sturza (2019), “a intercompreensão ocorre nas identificações e semelhanças que línguas aparentadas possuem e que servem para alavancar a aprendizagem de uma delas”. (STURZA, 2019, p. 108). A autora apresenta um exemplo onde “um falante brasileiro pode ter como ponto de partida um grau de intercompreensão do espanhol que o leve a aperfeiçoar sua proficiência na língua espanhola.” (STURZA, 2019, p. 108). Em entrevista, o historiador Eduardo Palermo, sintetiza a funcionalidade do portunhol uruguaio dizendo que se perguntar para um

Uruguaio, em Rivera, qual língua ele fala, ele responderá português ou espanhol, e não portunhol, embora, nas relações cotidianas, o mais falado seja o portunhol. “As pessoas falam da melhor maneira possível, sem que se pense nisso” finaliza o historiador” (STURZA, 2019, p. 108). Este processo natural se dá pela necessidade de entender e se fazer entender nas relações sociais cotidianas. Mesmo que o sujeito não tenha domínio da língua, pela semelhança, ele busca avançar nas situações de diálogo.

Segundo a autora, as práticas linguísticas resultantes desse cruzamento de línguas, ou seja, dessa mistura entre o português e o espanhol pela necessidade de comunicação “funcionam no mesmo espaço de enunciação das línguas nacionais dominantes”. (STURZA, 2006, p. 65), caracterizando um modo particular de falar, típico das regiões fronteiriças, como já destacado. Esse modo de falar também passa a disputar espaço no embate político ao qual as línguas e os sujeitos estão expostos.

Um exemplo dessa mistura de línguas pode ser observado na interação de ouvintes argentinos, via WhatsApp, com a rádio brasileira, como destacado na Figura 11:

Figura 11 - Pedido musical de ouvinte argentino feito via WhatsApp para a rádio brasileira



Fonte: Rádio Amizade FM, 2023.

Observamos que o ouvinte argentino, ao buscar interação com o locutor da rádio brasileira, mistura a língua portuguesa e espanhola no mesmo enunciado para

que sua mensagem seja compreendida. Destacamos que o rádio é um meio eficiente de interação entre brasileiros e argentinos na fronteira ora estudada, pois o sinal da emissora não pode ser contido. Ele vai além dos marcos divisórios da fronteira. Assim, a rádio Amizade FM, instalada em Porto Xavier, é ouvida no Brasil e na Argentina, e ouvintes de ambos os países participam da programação por meio de ligação telefônica e por mensagens de texto, mandando recados, fazendo homenagens e pedindo músicas. Nesse processo de interação, mistura-se a língua portuguesa e a língua espanhola.

Diante do exposto, reiteramos o que Guimarães (2002) aponta ao teorizar que os espaços de enunciação distribuem as línguas de modo desigual, e os sujeitos, ao serem tomados por elas, instalam o conflito no centro de seu dizer. Portanto, os espaços de enunciação são espaços políticos de divisão. Para o autor, os falantes não são simplesmente os indivíduos, figuras empíricas, mas sim uma “figura política constituída pelos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 18).

Guimarães (2003) reafirma que o Brasil é um país multilíngue e que “as línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas” (GUIMARÃES, 2003, p. 47). Um dos aspectos históricos “do funcionamento das línguas é que elas funcionam sempre em relação a outras línguas” (GUIMARÃES, 2003, p. 47). Elas são “sempre divididas e é por isso que se tornam, historicamente, outras” (GUIMARÃES, 2003, p. 47). Entendemos que as línguas funcionam segundo o modo de distribuição dos falantes, sendo objetos históricos intimamente relacionadas com aqueles que a falam, e é por isso que cada espaço de enunciação possui uma regulação específica, que sempre é desigual e gera o conflito, caracterizando o funcionamento do político nestes espaços.

O fato de o sujeito estar nesse embate político, que suscita a divisão, determina que o sujeito-locutor poderá dizer “certas coisas e não outras” e poderá falar de “certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros” (GUIMARÃES, 2002, p. 21), desse modo, a enunciação é tida como uma prática política não individualizada, onde falar é tomar a palavra e “estar na língua em funcionamento”, como bem observa Guimarães:

[...] a língua não funciona no tempo, mas pelas relações semiológicas que tem. A língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento, e não pela assunção de um indivíduo. Neste sentido diríamos que a enunciação se dá por agenciamentos específicos na língua. No acontecimento o que se dá é

um agenciamento político da enunciação. Neste embate entre línguas e falantes, próprio dos espaços de enunciação, os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos, configurados politicamente. (GUIMARÃES, 2002, p. 22)

Para Guimarães (2009), o sujeito é agenciado a dizer pelo modo como “(...) as formas linguísticas se constituíram sócio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas, e os modos de dizer e o que dizer, para seus falantes” (GUIMARÃES, 2009, p. 50), podemos ponderar, em outras palavras, que o espaço de enunciação vai influenciar no que pode e deve ser dito em determinada cena enunciativa.

Diante do agenciamento do locutor na cena enunciativa, Guimarães (2002) esclarece que uma cena enunciativa “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Para o autor, cenas são “especificações locais de enunciação”:

Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa, “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer. [...] Essa distribuição de lugares se faz pela temporalização própria do acontecimento. Neste sentido a temporalidade específica do acontecimento é fundamento da cena enunciativa. (GUIMARÃES, 2002, p. 23)

Para a Semântica Histórica da Enunciação, o que interessa “é saber, no que diz respeito à relação da linguagem com as coisas, como ao dizer algo fala-se das coisas” (GUIMARÃES, 2002, p. 9), e como isso significa nos “textos que se produzem pelo funcionamento da língua nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2014, p. 49). Entender como o sentido foi construído numa rede de relações está no cerne dos estudos semânticos, que busca compreender a relação das palavras com o mundo, num acontecimento em que o sujeito toma a palavra e faz a língua funcionar.

Em **Língua e Enunciação**, Guimarães (1996) esclarece que no campo ao qual filia seus trabalhos, os estudos enunciativos, enunciar é colocar a língua em funcionamento, mas não se pode tratar da linguagem sem considerar sua exterioridade, pois a língua só funciona por estar afetada pela exterioridade. Para o

autor “há uma alteridade constitutiva do sentido que faz a língua funcionar. Esta alteridade é uma memória dos sentidos, é a interdiscursividade.” (GUIMARÃES, 1996, p. 101).

Guimarães toma o conceito de “interdiscurso” da Análise de Discurso - AD. Para o autor o “interdiscurso” se define “como uma relação entre discursos enquanto uma relação que constitui e particulariza os discursos” (GUIMARÃES, 1996, p. 101). Nesse sentido, Orlandi (2009), elucida que “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (ORLANDI, 2009, p. 33). Entra em jogo, na produção dos sentidos, a “memória discursiva”, apresentada por Orlandi (2009) como “interdiscurso”.

Para essa autora, a “memória discursiva” “retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. (ORLANDI, 2009, p. 31). Diante dessas definições, acreditamos que o “interdiscurso” funciona como um mecanismo que retoma, acessa, o que é anterior para a construção de um discurso no agora, afetado pela exterioridade. O “interdiscurso” faz o movimento para a língua funcionar quando alguém ocupa uma posição de sujeito. É nessa perspectiva que entendemos que o “interdiscurso” instala uma memória do dizer. Guimarães (2002) esclarece que “o sujeito que enuncia é sujeito porque fala de uma região do interdiscurso, entendendo este como uma memória de sentidos” (GUIMARÃES, 2002, p. 14). O sujeito supõe saber sobre si, entretanto, é agenciado ao tomar a palavra pela exterioridade que faz a língua funcionar e produzir sentidos.

Observamos que a “memória discursiva”, na AD, entendida como “interdiscurso”, é diferente do que Guimarães aponta como “memorável” no acontecimento. Na obra **Semântica do Acontecimento** (2002), o passado é um “memorável” de enunciações recortado pela temporalização do acontecimento, conforme observa Guimarães:

[...] o acontecimento de linguagem não se dá no tempo, nem no tempo do locutor, mas é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturado pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. (GUIMARÃES, 2002, p.14)

Entendemos o “interdiscurso” como aquilo que já foi dito e esquecido e faz o sujeito enunciar de sua posição de sujeito. O “interdiscurso” vai disponibilizar os dizeres que afetarão o modo como o sujeito vai se significar. Portanto, o “interdiscurso” é um conjunto de formulações, uma memória de sentidos, enquanto o passado no acontecimento, é um “memorável” de enunciações por ele recortado como fragmentos de passado. O “memorável” é uma enunciação recortada a partir de outra enunciação. Esse recorte de enunciações anteriores nos serve também para demonstrar como o espanhol está dentro do português e como o português está dentro do espanhol, pois essa convivência das línguas é constitutiva do modo de dizer dos fronteirões.

Diante da elucidação de conceitos que nortearão nossa análise, apresentaremos, a seguir, a metodologia utilizada para compor nosso *corpus*, organizado em “Paisagens Linguísticas”, materializadas em fotografias que registram os enunciados (formas nominais³⁹). Assim, as “formas nominais” analisadas serão recortadas das “Paisagens Linguísticas”.

Para Guimarães (2014) o “recorte” “é fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2014, p.50). O autor toma este conceito da Análise do Discurso – AD, que vê o “recorte” como um fragmento da situação discursiva. Tais fragmentos são de acesso público e estão estampados em placas de locais públicos e privados nas cidades de Porto Xavier e *San Javier*, contemplando elementos decisivos para nossa análise, já que constituem um modo muito específico de constituição dos espaços de enunciação nas “Paisagens Linguísticas” registradas nas duas cidades.

3.1 O ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO NA E DA FRONTEIRA

A fronteira entre os territórios é um espaço carregado de representatividade social. Representa o início e o fim, a divisão e a integração de culturas, costumes e línguas. Isso nos remete à concepção de espaço de enunciação, como espaço regulado pelas disputas entre as línguas. Sturza (2006) o denomina de “Espaço de

³⁹ Para Dias (2013), as Formações Nominais (FNs) são consideradas na sua condição de processo, não de produto. A articulação entre o núcleo e os determinantes não é explicada em função das propriedades, mas em função das condições enunciativas que dão suporte a um domínio referencial histórico.

Enunciação Fronteiriço”. Um espaço determinado pelas relações econômicas, sociais e históricas, que influencia na distribuição das línguas e como consequência, no modo de falar dos fronteiriços.

Segundo Weber (2011) a fronteira do Rio Grande do Sul apresenta um “significativo grau de integração com os países vizinhos, como atestam as próprias cidades-gêmeas, devido à sua história de posse e colonização a qual envolveu tanto portugueses como espanhóis” (WEBER, 2011, p. 220). Essa aproximação entre as culturas também se reflete no uso das línguas, pois para que a integração funcione de modo efetivo, a comunicação é imprescindível e como consequência, o sujeito “coloca a língua para funcionar” nesse espaço “entre línguas”, onde convivem o português, o espanhol e o portunhol.

Sturza (2006) relaciona o conceito de espaço de enunciação ao contexto de fronteira, levando em conta as condições sócio-históricas e econômicas, peculiares destes espaços geopolíticos, pois o falante possui relação com a língua nacional, com a língua produzida no contato linguístico e com a outra língua nacional do país vizinho, constituindo um espaço de enunciação diferenciado, denominado pela autora como “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, conforme exemplifica:

Se tomarmos aqui, por exemplo, o sujeito enunciador de práticas lingüísticas fronteiriças, ele funciona como figura política que se move entre o eu e o outro. Ou seja, um falante de uma língua nacional frente ao falante de uma outra língua nacional é afetado pelo imaginário da fronteira como limite entre dois mundos, onde começam, mas também terminam, os domínios de uma outra prática lingüística, nem sempre da outra língua nacional. Há, portanto, outras relações entre línguas, outros sentidos políticos que as significam enquanto línguas de fronteira. (STURZA, 2006, p. 69)

Neste espaço de confronto político, Sturza “considera os enunciados produzidos por falantes fronteiriços que vão constituir um espaço de enunciação particular” (STURZA, 2010, p. 84), que ocorre nas fronteiras territoriais. Por meio do viés enunciativo, a autora toma como “categoria de análise as designações atribuídas pelos falantes às línguas que praticam” (STURZA, 2010, p. 84).

Observamos que entre as designações dos sujeitos da fronteira em relação à língua que falam está o “portunhol”, a “fala entreverada”, a “fala mesclada”, entre outras, as quais já mencionamos anteriormente. As cenas enunciativas em que os sujeitos colocam a língua para funcionar, e que constituem espaços de circulação

dessas línguas nas zonas fronteiriças, marcam a identidade desses sujeitos, afetados por esta forma particular de enunciar, que se reflete no modo como os fronteiriços veem a língua em relação ao seu uso. Segundo Sturza (2019), a língua designada é uma identificação:

A língua designada é uma identificação, não uma classificação. Ela existe porque existem falantes, que a reconhecem como tal e a tomam como símbolo de reconhecimento coletivo. Nesse sentido, também a comunidade de fala reconhece o seu território por meio da língua nomeada, através dela os falantes estabelecem seu vínculo de pertença com o grupo e não apenas com o lugar. (STURZA, 2019, p. 97)

Desse modo, o enunciar na e da fronteira, identifica os falantes, que expressam um sentimento de pertencimento ao local, ao seu modo de viver nessa região limítrofe e às relações sociais de contato entre culturas, propiciadas pela travessia da balsa, que é protagonista da mobilidade entre Porto Xavier e *San Javier*. Para Sturza (2019) isso “faz com que o nome de uma língua, segundo os próprios falantes, esteja relacionado ao modo de existência neste território fronteiriço”. (STURZA, 2019, p. 99). Portanto, o modo de falar marca a identidade dos sujeitos e os significa como fronteiriços.

Alvarez (2009), que pesquisou o “falar apaisanado”, mais uma forma de designar como é o modo de falar na fronteira entre Brasil e Uruguai, afirma que “o espaço de enunciação fronteiriço é compartilhado pelas línguas de fronteira, as quais são postas em situação de convivência e, por isso mesmo, de confronto”. (ALVAREZ, 2009, p. 51). É nessa convivência que elas são divididas ao adentrar uma em território da outra, e o sujeito fronteiriço se marca na língua, significando estar entre línguas:

Ao dizer as/nas línguas de fronteira, o sujeito representa-se como uma figura política, significando estar dividido entre as línguas, já que em que sua língua de enunciar, evidencia materialmente um espaço de enunciação fronteiriço, cujas línguas afetam de maneira singular os falantes. (ALVAREZ, 2009, p. 51)

Mota (2010), em sua dissertação de mestrado, também realizou pesquisas na fronteira entre Brasil e Uruguai, analisando a interferência do contato linguístico entre o português e o espanhol em enunciados de jornais. A autora destaca que “(...) os sujeitos da fronteira, ao enunciarem, estão afetados pela(s) relação(s) que estabelecem com e no território fronteiriço” (MOTA, 2010, p. 41). Assim, os sujeitos

enunciam “nas e sobre as línguas que o compõem” e se significam como fronteiriços na sua relação com a língua.

Em se tratando da fronteira entre Brasil e Argentina, Bär (2016), em sua dissertação de mestrado, pesquisou a presença do espanhol nas designações dos estabelecimentos comerciais na cidade de Uruguaiana (Brasil), que faz divisa com *Paso de los Libres* (Argentina). Foram encontrados vários enunciados em espanhol, bem como enunciados onde havia a mistura das línguas portuguesa e espanhola circulando na cidade brasileira. Segundo a autora, comprova-se que nas zonas de fronteira o espanhol está presente no Espaço de Enunciação Fronteiriço há muitos séculos, e que “(...) a distribuição das línguas, no Espaço de Enunciação Fronteiriço, se dá por meio do seu funcionamento ao serem praticadas pelos falantes da fronteira” (BÄR, 2016, p. 49)

Entretanto, destacamos que os falantes fronteiriços não apresentam uma linearidade em seu modo de enunciar. As línguas podem sofrer mais ou menos interferência umas sobre as outras, pois como já destacamos, cada fronteira tem sua configuração própria, representada pelo modo particular de habitar essa zona limítrofe, o que interfere na distribuição das línguas pelos falantes e no modo de como se constitui, portanto, o espaço de enunciação fronteiriço.

O espaço geográfico onde estão localizadas as cidades de Porto Xavier (BR) e *San Javier* (AR), favorece os contatos cotidianos entre as línguas nacionais portuguesa e espanhola, que segundo Sturza (2010) é um espaço diferenciado, que “permite focalizar os efeitos do dizer dos falantes e não as formas empregadas, usadas por eles. Nesse sentido, o contato é concebido como constitutivo da língua do fronteiriço” (STURZA, 2010, p. 86), pois nas cidades gêmeas, como é o caso de Porto Xavier e *San Javier*, os sujeitos mantêm contato pelas mais diversas necessidades, seja comercial, institucional ou afetiva, estabelecendo inter-relações cotidianas, que são reguladas por agentes locais, criando modos de enunciar onde são usadas duas línguas (portuguesa e espanhola), para que a comunicação seja fluente.

Quando falamos de espaço diferenciado, onde o enunciar tem suas particularidades, não estamos tratando de analisar uma estrutura gramatical recorrente neste enunciar fronteiriço, mas sim, um modo de enunciar onde sujeitos

são tomados pelas línguas, e elas dão conta de funcionar de modo distinto para contemplar as necessidades sociais, como observa Sturza (2010):

Desse modo, não tratamos de gramáticas de línguas em contato, porém de um modo de enunciar particular, o de quem habita a fronteira, que é tomado pelas línguas, pelas condições nas quais essas línguas vão funcionando, onde elas circulam mais ou menos, em que espaços elas têm maior domínio de circulação e o que isso representa para a constituição de um espaço de enunciação que não se repete e que não vai se reproduzir em outros espaços de enunciar do português ou do espanhol. (STURZA, 2010, p. 86)

Para Sturza (2010), o contato é constitutivo das línguas de fronteira, e tal qual aponta Guimarães (2002) isso cria um enunciar novo, irrepitível em cada cena enunciativa, pois a inter-relação e a mobilidade da fronteira promovem o deslocamento dos falantes e das línguas pelas necessidades que cada instância de fala exige, refletindo na distribuição das línguas que dão sentido ao espaço social fronteiriço:

O contato enunciativo, aquele em latência na enunciação do fronteiriço, é o que marca o irrepitível do espaço de enunciação fronteiriço, revelador do modo de circulação das línguas e suas relações com os sujeitos falantes. Falantes esses que se movem em vários lugares, em diferentes cenas, inclusive em instâncias nas quais as exigências se dão invariavelmente no quadro da língua nacional, deixando de fora essa língua da fronteira, como a da escola. Logo, a língua da fronteira é essa que se enuncia nesse espaço de circular e nesse espaço de habitar. (STURZA, 2010, p. 86)

Observa-se que uma das línguas faladas na fronteira, o portunhol, é a língua que não possui instrumentos linguísticos. Ela é uma mistura, uma *mezcla*, que independente do grau de compreensão de um ou outro falante, é eficaz para o contexto fronteiriço, que exige rapidez e mobilidade na comunicação. Compreender e fazer-se compreender é o objetivo. Misturar duas línguas faz parte deste jogo.

Outro aspecto a ser considerado na fronteira é a cena enunciativa. Sturza (2010) relaciona as cenas enunciativas da fronteira com a cena enunciativa proposta por Guimarães (2002). A autora define como cena enunciativa aquela “em que os elementos condicionantes constituem os sentidos dos enunciados que a compõem. A cena em que os sujeitos se enunciam, significando-se no espaço de enunciação fronteiriço” (STURZA, 2010, p. 87).

Para a autora, as cenas “organizam o funcionamento dos sentidos segundo os espaços de circulação dessas línguas” (STURZA, 2010, p. 87), ou seja, o sujeito se

significa na e pela língua que fala. Dessa maneira, as cenas enunciativas funcionam de modo que a língua pode ser analisada em seu próprio funcionamento, no cotidiano dos espaços sociais da fronteira, onde, em nosso caso, serão observadas as tendências enunciativas do contato entre o português e o espanhol em recortes enunciativos presentes nas “Paisagens Linguísticas”.

Ao observar o modo de falar diferenciado que ocorre na fronteira, constituinte da dinâmica do dia a dia do local, constata-se que os sujeitos não só designam o modo de falar como portunhol, mas também se marcam como fronteiriços, num processo de constituição e designação dessa identidade. Ademais, ao relacionar as línguas nacionais portuguesa e espanhola, fica evidente que esse modo de falar, visto como próprio do lugar, constitui uma terceira via, sendo a mistura de duas línguas nacionais, que gera uma “língua de fronteira”, conforme nos propõe Sturza (2010):

Essa *língua de* é compreendida como própria do lugar, ou seja, da fronteira, marcando a nova territorialidade, o terceiro território, nem lá nem cá. Neste nem lá e nem cá cabe a mistura. O entrelínguas que remete ao processo identitário de sujeitos que estão entre espaços e línguas. (STURZA, 2010, p. 89)

Evidencia-se que este “terceiro território” é imaginário, ele só existe de forma representativa para o sujeito que enuncia nesse espaço entre línguas, onde a mistura se faz presente devido às condições sócio-históricas e políticas que permeiam a fronteira e suas inter-relações.

Alvarez (2009) destaca que o fronteiriço toma posição de um sujeito “binário”:

Esse sujeito falante na especificidade do espaço de enunciação fronteiriço é aqui tomado também no seu sentido político, uma vez que tanto pelas características geopolíticas quanto pelas características sociais ele está em uma situação de entre-lugar, em posição de sujeito binário: entre duas línguas, entre duas nações, entre o ‘interno’ e o ‘externo’, o ‘de dentro’ e o ‘de fora’.” (ALVAREZ, 2009, p. 55)

Essa mistura de línguas é instável, ela divide e une espaços, culturas, identidades e laços comerciais. É essa divisão “binária” que marca o conflito e a distribuição das línguas. Assim, misturar duas línguas é se marcar como fronteiriço, numa “escolha” determinada sócio historicamente, carregada de representatividade no imaginário dos sujeitos fronteiriços sobre o que é habitar a fronteira, num

sentimento de pertencimento a este espaço social, que é marcado também na e pela língua na enunciação:

Nesses enunciados, o que se explicita é uma posição política do sujeito sobre suas relações com o outro. Dizer na língua é significar essa relação identitária, inclusive, designando a língua do contato. Língua que é constitutiva desse sujeito nas suas relações sociais, porque na e pela língua os fronteiriços enunciam o que os identifica como tal. (STURZA, 2010, p. 91)

Se pensarmos que na fronteira não se usa somente a língua portuguesa e espanhola, mas uma mistura delas, observamos uma terceira via. Um modo de falar que não cabe em nenhum lugar, mas ao mesmo tempo cabe entre os lugares, está em ambos, numa necessidade social de “ir e vir”, que é constitutiva da mobilidade na fronteira, como viemos destacando, o que faz com que este espaço de enunciação crie uma dinâmica para as línguas na fronteira, que é essa mistura, para fins de intercompreensão, como argumenta Sturza (2010):

Se tomarmos o espaço de enunciação fronteiriço como definição válida no campo dos estudos enunciativos, poderemos pensar que os contatos linguísticos nas fronteiras — sem determo-nos apenas na descrição das formas e das suas mudanças — têm subjacente um contato social que se estrutura muito mais pelas funções pragmáticas da linguagem e que, portanto, qualquer língua em contato, consideradas as condições sócio-históricas da situação que as produziu, tem por constitutivo uma função primeira, qual seja, a de projetar a intercompreensão; acima, inclusive, de termos ou não domínio dos códigos linguísticos. (STURZA, 2010, p. 92)

Este é o espaço de enunciação que buscamos apresentar e analisar em cenas enunciativas, por meio de “Paisagens Linguísticas”: o espaço de enunciação fronteiriço. Onde os falantes estão “entre línguas” e são determinados por aquelas nas quais enunciam. Segundo Mota (2010), “ao manifestar-se nesse espaço enunciativo, o falante da fronteira enuncia nas e sobre as línguas que o compõem, significando as relações vividas na fronteira em sua enunciação.” (MOTA, 2010, p. 61)

É no “Espaço de Enunciação Fronteiriço” que os sujeitos são tomados pelas línguas, marcam sua identidade e seu território, e enunciam de um modo particular, com o objetivo de manter a comunicação num intercâmbio contínuo, agenciados pelas condições sócio-históricas, já que compartilham de uma mesma história, e pelas condições políticas, pois encontram-se divididos pelas línguas que falam. Assim, o Rio Uruguai e a balsa são os protagonistas do espaço de enunciação fronteiriço no qual

estão inseridas as cidades de Porto Xavier e *San Javier*, pois é por meio deles que as interações acontecem.

3.2 PAISAGENS LINGUÍSTICAS: O ENUNCIAR EM IMAGENS

Quando nos deparamos com a palavra “paisagem”, geralmente nos vem à mente uma imagem bonita, pois imagens bonitas sempre deixam marcas em nossa memória. Assim, percebemos o funcionamento da memória e da história, relacionadas às imagens que temos de tudo que passa aos nossos olhos. O dicionário Aurélio traz a definição de paisagem como “espaço de terreno que abrange um lance de vista; pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem”. Ao tratar das “Paisagens Linguísticas”, relacionamos imagens e línguas.

Desse modo, os enunciados estão materializados por meio da língua escrita em paisagens. As referidas paisagens ocupam um lugar, que no nosso caso é a cidade. A cidade tem se tornado um espaço cada vez mais carregado de imagens e dizeres. São placas de sinalização, cartazes com publicidade, nomes e logotipos de lojas, tornando-se um local com dizeres múltiplos, caracterizando nelas a materialização do funcionamento de um espaço de enunciação.

As “Paisagens Linguísticas” estão constituídas de dizeres que enunciam, ou seja, constituem-se de espaços de enunciação, partindo da tomada de fotografias dos espaços públicos e privados onde circulam as línguas. Segundo Lecheta e Berger (2019), este campo de estudo visa analisar as relações de poder das línguas em determinado território:

O campo da Paisagem Linguística (doravante PL) visa analisar a forma como as línguas se fazem presentes nos espaços de convívio social, sejam públicos ou privados, com vistas a depreender como se manifestam as relações de poder entre elas (ecologia das línguas) em espaços de visibilidade, bem como identificar políticas linguísticas (implícitas ou explícitas) que culminam na exposição ou marginalização de línguas (e mensagens nessas línguas) em dado território. (LECHETA; BERGER, 2019, p. 397)

No que se refere ao território, nosso campo de pesquisa é o território fronteiro, em ambos os lados do rio Uruguai, onde estão localizadas as cidades de Porto Xavier e *San Javier*. Buscaremos analisar a presença de enunciados e sua significação nas

fachadas e placas de estabelecimentos comerciais e públicos, localizados no centro das cidades, constituindo-se como espaços de visibilidade das línguas.

Lecheta e Berger (2019) destacam que o objeto de análise do campo de estudos em “Paisagem Linguística” são os elementos linguísticos que estão dispostos em “placas de trânsito, propagandas em *outdoors*, letreiros dos estabelecimentos comerciais, intervenções artísticas em muros e paredes, *totens* informativos entre outras formas de apresentação das línguas no meio público e privado” (LECHETA; BERGER, 2019, p. 399). As autoras embasam suas pesquisas em Spolsky (2009), apontando que os estudos em “Paisagem Linguística” - PL - são um campo que “emerge a partir da Sociolinguística e Política Linguística visando compreender as escolhas linguísticas em sinais públicos localizados em ambientes urbanos mono/bi/multilíngues, em sua relação com a sociedade” (LECHETA; BERGER, 2019, p. 400).

Em seus estudos, Lecheta e Berger (2019) observam que a primeira definição para o conceito de PL foi proposta por Landry e Bourhis, no ano de 1997. Nessa mesma linha, as autoras esclarecem que os estudos de PL possibilitam “identificar o status e poder de determinadas línguas e grupos sociais, bem como territórios linguísticos”, além de revelarem a “invisibilização de determinadas línguas ou a superexposição de outras na paisagem pública urbana”. (LECHETA; BERGER, 2019, p. 397). Para elas, a preocupação de como as línguas são veiculadas aos espaços urbanos é crescente, e a PL se apresenta como uma área de estudo de recente desenvolvimento. O fundamento primordial da pesquisa “se dá pela delimitação de uma região geográfica que se deseja analisar e pela tomada de fotografia da PL que ali se insere” (LECHETA; BERGER, 2019, p. 402).

Segundo Gonçalves (2021), o estudo por meio de PL - “está aí para dar um outro olhar às línguas minoritárias, um olhar dedicado à escrita dessas línguas em espaços públicos” (GONÇALVES, 2021, p. 42). Para a autora, as “Paisagens Linguísticas” dizem muito sobre a relação que os moradores de determinada região têm com sua língua:

Vivemos em um mundo de telas digitais publicitárias, nas quais textos e imagens se fundem e transformam-se em um novo anúncio, de mensagens em camisetas, carros, ônibus e trens que dizem muito sobre as pessoas que circulam na região estudada. As inovações tecnológicas e outros fatores externos, incluindo a globalização, a imigração, a revitalização das línguas

minoritárias e o turismo, influenciaram o desenvolvimento de estudos de paisagem linguística em relação ao multilinguismo. (GONÇALVES, 2021, p. 43)

Nesta direção, podemos observar as línguas funcionando nos espaços de enunciação da fronteira e produzindo sentidos aos seus falantes. O uso das línguas portuguesa e espanhola e do portunhol, característica da fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*, possibilita, por exemplo, que haja graus de intercompreensão na comunicação cotidiana entre os sujeitos, que transitam entre línguas, afetados pelas condições sócio-históricas e pelo imaginário que constitui sua identidade, o que se reflete na materialidade textual dos enunciados que configuram as “Paisagens Linguísticas” fronteiriças.

Mobilizaremos, a seguir, os conceitos advindos da “Semântica do Acontecimento”, de Guimarães (2002), que nos auxiliarão, num gesto de interpretação, a ilustrar o funcionamento semântico que afeta os falantes e o modo de enunciar na fronteira ora estudada.

4. PAISAGENS LINGUÍSTICAS: A SIGNIFICAÇÃO NO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO DA FRONTEIRA

No presente capítulo, discutiremos as categorias analíticas que darão suporte para a análise dos enunciados presentes nas PLs. A seguir, serão apresentadas as PLs identificadas por cidade e divididas em categorias. Após apresentá-las, num gesto de interpretação, buscaremos elucidar e descrever o funcionamento semântico dos enunciados presentes nas cenas enunciativas de cada PL que compõe o “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, nas cidades de Porto Xavier e *San Javier*.

Nosso objetivo é compreender a constituição política e identitária do sujeito fronteiriço-missionário e sua relação com a língua na enunciação, influenciada pela dinâmica local, que possibilita interações sociais diversas entre brasileiros e argentinos, por meio da travessia da balsa no rio Uruguai, que protagoniza essa mobilidade. Pretendemos analisar e descrever como a língua é regulada nesse espaço de enunciação e como as relações sócio-históricas e políticas distribuem as línguas neste espaço geográfico, onde os sujeitos se significam como fronteiriços ao tomarem a palavra.

Para exemplificar a língua em funcionamento, significando neste espaço de enunciação fronteiriço, recorreremos ao nosso *corpus*, constituído de dezesseis “Paisagens Linguísticas”. Desse modo, analisaremos as “Formas Nominais” (FNs) presentes nos enunciados que estão dispostos em espaços públicos e privados, por meio de fotografias realizadas nas cidades, onde observaremos dizeres com os nomes de estabelecimentos comerciais e públicos, bem como o nome de eventos culturais.

Dias (2013) esclarece que desenvolveu o conceito de “formação nominal”, como alternativa para o conceito de sintagma nominal, no sentido de compreender as construções nominais do ponto de vista de uma semântica da enunciação. Uma FN “(...) é uma formação das condições em que a construção nominal baliza um domínio referencial.” (DIAS, 2013, p. 15). Para o autor, a FN congrega nomes, designações, afirmações, mas concebidos não em termos informativos das entidades, mas a partir do campo da emergência das entidades nomeadas. Dias (2013) se inspira em Foucault para defender a tese de que o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo da emergência, a instância da diferenciação dos indivíduos ou dos

objetos: “o compromisso de uma FN não é com a entidade em si (...) mas com o campo de emergência de entidade recortado da exterioridade” (DIAS, 2013, p. 15). Desse modo, trata-se de um recorte enunciativo. É a enunciação que irá tornar uma FN pertinente ao acontecimento linguístico, sempre ancorada nas possibilidades históricas que a faz emergir. Assim, “(...) a articulação entre núcleo e os determinantes é explicada não em função das propriedades, mas em função das condições enunciativas que dão suporte a um domínio referencial”. (DIAS, 2013, p. 21)

Reiteramos que o acontecimento do enunciado sempre adquire novos sentidos porque todo enunciar é único. Entretanto, sempre possui relação com a história e a memória, que vão influenciar no modo de nomear uma entidade. Entendemos, neste trabalho, que o modo de “nomear”⁴⁰, está intimamente ligado ao imaginário do que é ser da e viver na fronteira: um lugar representativo, de integração, de mistura, de contato de toda ordem, sobretudo linguístico. Assim, pretendemos ilustrar a presença das línguas portuguesa e espanhola no mesmo espaço de circulação (STURZA, 2010), e do portunhol como a língua minoritária utilizada para a comunicação entre os fronteiriços.

O espaço geográfico, somado aos fatores históricos e políticos, contribui para que as “Paisagens Linguísticas” da fronteira entre Porto Xavier e *San Javier* tenham características particulares em seus enunciados, como veremos nos registros fotográficos. Gonçalves (2021) destaca que o contato entre as línguas revela o quão estas são heterogêneas, em especial na fronteira, onde os territórios não tem “aramados” e as línguas convivem no mesmo espaço de enunciação:

Em uma fronteira em que línguas diversas compartilham um espaço de interação e contato linguístico constante, cai por terra o mito de “um estado, uma língua”, como se acredita muitas vezes, no senso comum, assim como também na própria pesquisa, quando se faz generalizações ou se simplifica a complexidade que a “babel” da diversidade linguística impõe ao pesquisador. Vivemos em um mundo plurilíngue. Basta olhar para o lado e verificar a paisagem linguística ao seu redor. (GONÇALVES, 2021, p. 43)

Desse modo, ao olhar para as “Paisagens Linguísticas” que nos rodeiam, apreendemos que vivemos em um espaço multilíngue, com falantes plurilíngues. Nossa pesquisa centra-se apenas na influência do português e do espanhol em contato, mas como já evidenciado nas seções anteriores, as condições históricas de

⁴⁰ Discutiremos sobre este conceito na sequência do texto.

povoação da região estudada apontam para uma fronteira multilíngue. É por meio da enunciação que os falantes marcam as influências de uma língua sobre a outra, pois compartilham muitos aspectos em comum, sobretudo, sócio-históricos e culturais.

A paisagem da cidade, como Guimarães (2003) observa “é um espaço cada vez mais habitado por palavras”. Estas palavras estão dispostas em “placas sinalizadoras de direção, de nomes de rua, outdoors, folhetos distribuídos por toda parte, anúncios de alto-falantes, música de variado tipo, luminosos de estabelecimentos comerciais de toda espécie”. (GUIMARÃES, 2003, p. 53). Para o autor, este “conjunto tão heteróclito de materiais de linguagem tem lugar decisivo, o que chamamos de designação (...) este fato de significação que costumamos associar aos nomes (...)” (GUIMARÃES, 2003, p. 53). Nesse sentido, Guimarães (2003) apresenta uma distinção entre “nomeação”, “designação” e “referência”.

Para Guimarães (2002), a “nomeação” é “o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”. O autor explica: “(...) se numa situação dada e adequada o dono de um barco escreve sobre ele o nome Brisa, ele lhe está dando este nome, está nomeando o barco (...)” (GUIMARÃES, 2003, p. 54). Acreditamos que o processo de nomeação dá existência às pessoas e às coisas no mundo. Este processo também está ligado à história, inclusive a história de como o nome surgiu como nome, que é marcada pela memória que agencia a enunciação e produz os sentidos, contribuindo para entender, inclusive, como o processo de significação foi construído.

Quanto à “designação,” Guimarães (2003) elucida que é a significação de um nome em relação aos outros nomes na história:

A designação é o que considero a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real. Por isso um nome não é uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Para mim, tal como considera Rancière (1992), os nomes identificam objetos. (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

Observamos que a “designação” é vinculada à “nomeação”, pois vai identificar o que é tomado como existente no mundo real em relação às outras coisas. Isso ocorre em um processo histórico de significação, que produz sentido no acontecimento da enunciação, nas cenas enunciativas em que o sujeito é agenciado, toma a palavra e se coloca como “Locutor”.

Guimarães (2002) também faz a distinção de “referência”. Para o autor, a “referência” é vista como a “particularização de algo na e pela enunciação”: Não é algo genérico, indefinido. É definido, particularizado e apontado entre as outras coisas:

A referência é um procedimento linguístico pelo qual se particulariza algo na enunciação e pela enunciação. Por exemplo, se alguém diz **O jogador está sentado na segunda mesa à esquerda**. O sintagma nominal “o jogador” particulariza uma pessoa, indica-a. (GUIMARÃES, 2003, p. 53 – grifos do autor).

Assim, fica evidente a distinção que o autor faz entre “nomeação”, “designação” e “referência”. A “referência” tem como objetivo indicar, apontar o que já é nomeado. A “nomeação”, neste trabalho, nos é muito cara, pois “um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte” (GUIMARÃES, 2014, p. 54). Desse modo, o processo de “nomeação” dá existência a algo novo, enquanto a “designação” especifica o que já tem nome, particularizando-o. Ambas produzem sentidos por meio do agenciamento histórico na enunciação.

Os nomes de lojas, ruas, entre outros, têm uma importância ímpar para analisar o funcionamento da língua. Segundo Guimarães (2003), “os nomes de espaços nas cidades, e o que os acompanha, não só ocupam lugar neste espaço de vida, como lhe dão sentidos e constroem de algum modo esta geografia. Identificam-na.” (GUIMARÃES, 2003, p. 54). Diante disso, tal como o autor (2002) definiu “nomeação”, dar nome a algo significa “dar-lhe existência histórica”.

Podemos observar que as “Paisagens Linguísticas”, como já citamos, constituem todos os textos verbais ou não verbais produzidos nos espaços sociais públicos e privados, que estão em constantes mudanças, sempre recebendo atualizações. Os referidos enunciados, que constituem nosso *corpus* para análise, estão estampando fachadas e placas no centro das cidades gêmeas de Porto Xavier e *San Javier*, dando nome a estes estabelecimentos e eventos artísticos, produzindo cenas enunciativas, por meio dos acontecimentos de enunciação. A “nomeação” não ocorre por acaso. Ela possui relação com o espaço de enunciação fronteiriço, que é atravessado pela história, pela representação social de um imaginário peculiar de um território em relação ao outro, que também se materializa na língua por meio dos falantes.

Tal qual Guimarães (2003) enfatiza, entendemos que quando consideramos a linguagem pela análise do acontecimento de enunciação, colocamos “no centro das atenções, a relação entre a língua e o falante, pois só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas” (GUIMARÃES, 2003, p. 55). Por outro lado, observamos que a “relação entre falantes e línguas interessa enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto” (GUIMARÃES, 2003, p. 55). Desse modo, o fronteiro só é fronteiro, porque faz uso dessa língua e entra nessa disputa que distribui, desloca e toma os sujeitos significando-os na enunciação.

No espaço de disputa entre as línguas, os falantes são determinados pelas línguas que falam. Eles são constituídos por este espaço fronteiro. Entretanto, na fronteira, temos um conflito ainda maior instaurado, um paradoxo, pois ao mesmo tempo que ele (o conflito) divide e distribui, ele também une línguas e territórios, num sentimento de pertencimento ao espaço particular habitado.

As “Paisagens Linguísticas”, materializadas em fotografias, nos propiciam observar o processo de “nomeação” dos estabelecimentos comerciais, bem como a nomeação de eventos culturais, nas cidades de Porto Xavier e *San Javier*, a fim de analisar como esses nomes produzem sentidos, inscritos na história e nas relações de contato entre as culturas. Segundo Guimarães (2003), os nomes de estabelecimentos comerciais “(...) são um modo de nomear os estabelecimentos para que possam ser referidos tanto por seus proprietários quanto por seus fregueses ou pessoas em geral” (GUIMARÃES, 2003, p. 59).

Os enunciados que compõe os textos presentes nas fachadas e placas contêm nossa unidade de análise, dentro de um movimento integrativo mais amplo, como aponta Guimarães (2003):

Nossa unidade de análise são os enunciados. Para analisar o sentido das expressões linguísticas nos enunciados, utilizo o que Benveniste (1966) considerou como o movimento integrativo de uma unidade lingüística. Para ele, esta relação (integrativa) dá o sentido da unidade. Ou seja, o sentido de um elemento lingüístico tem a ver com o modo como este elemento faz parte de uma unidade maior ou mais ampla. (GUIMARÃES, 2003, p. 56)

Nesse sentido, a unidade mais ampla é a constituição da própria cidade, sua história, localização, colonização, o modo de habitar e sua relação com a outra cidade

gêmea. É o real funcionando por meio do recorte, que torna essa significação ímpar no espaço de enunciação fronteira, pois os modos de significar os estabelecimentos, são afetados pelo político e pelo histórico. As “nomeações” constituem uma identificação dos espaços, configurados na cena enunciativa:

Vê-se como o conjunto de nomes indica que o espaço de enunciação, a partir do qual se nomeia, é um espaço enunciativo linguisticamente internacionalizado. Ou seja, a relação língua/falantes constitui aqui falantes afetados por esta internacionalização linguística. Nomear, no Brasil, estes estabelecimentos é uma cena enunciativa que se dá num espaço de enunciação e que o falante não é simplesmente o falante de Português. (GUIMARÃES, 2003, p. 58)

De fato, os espaços de enunciação fronteira são internacionalizados, e não só isso, são espaços híbridos, de mistura, de mescla, numa relação de contato que é constitutiva das línguas na fronteira, sobremaneira que se misturam e dividem-se, tornando-se outras, ressignificando seu funcionamento e produzindo sentidos que se materializam nos acontecimentos de enunciação.

Ademais, os nomes de lojas em *outdoors*, por estarem em locais públicos, sofrem uma amplificação material do dizer, ao serem reproduzidos mais de uma vez, em outros locais da cidade, a fim de fazer referência ao mesmo nome. Guimarães (2003) cita o exemplo de que uma propaganda em vias públicas se dá pela ampliação da imagem nos *outdoors* que se repetem em diversos pontos de uma cidade ou estrada. Para o autor, o modo de exposição material do nome à leitura é constitutivo de sentido desse nome, em outras palavras, é constitutivo de interpretação.

Desse modo, podemos dizer que o que constitui o sentido deste nome é o que ele significa na história, porque somente neste espaço de enunciação, por exemplo, tal nome produz um efeito de sentido que dialoga com os sujeitos que habitam a fronteira. Em outro lugar, que não essa fronteira, o funcionamento da “nomeação” não teria o mesmo efeito de sentido quando exposto ao real, ao público. É o agenciamento do falante dentro do espaço de enunciação fronteira que faz funcionar a “nomeação” e a “designação”, constituindo sentidos. Guimarães (2002), reitera que a linguagem funciona exposta ao real e construída pela história:

O que um nome designa é construído simbolicamente. Essa construção se dá porque a linguagem funciona por estar exposta ao real enquanto constituído materialmente pela história. O que uma expressão designa não é assim nem um modo de apresentação do objeto, nem uma significação reduzida a um valor no interior de um sistema simbólico. Designar é constituir

significação como uma apreensão do real, que significa na linguagem na medida em que o dizer identifica este real para sujeitos” (GUIMARÃES, 2002, p. 91)

O dizer dos sujeitos fronteiriços está intrinsecamente ligado ao imaginário de representação social do que é viver, ser e estar na fronteira. Este imaginário está conectado com a memória, e se reflete em cada enunciação, que compõe o acontecimento, pois a linguagem está atravessada pela história. Assim, analisaremos enunciados, que são novas temporalizações nos dizeres que significam a história na e da fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*.

4.1 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E POSSÍVEIS GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Nesta seção, apresentaremos e descreveremos nosso *corpus*, bem como mobilizaremos conceitos teóricos que contribuem para uma possível análise interpretativa do funcionamento semântico-enunciativo das línguas em circulação nos enunciados das “Paisagens Linguísticas”, nas cidades de Porto Xavier e *San Javier*. As PLs constituem um arquivo elaborado pelo autor por meio de fotografias realizadas no espaço de enunciação da referida fronteira. As fotografias foram realizadas com auxílio de um celular e buscou-se captar as imagens e enunciados nas fachadas, placas e *outdoors* de estabelecimentos comerciais e públicos, localizadas no centro de ambas as cidades gêmeas.

Dividiremos as PLs em duas categorias: a) as que se referem às condições geográficas e históricas do território. Estas serão chamadas de “históricas-geopolíticas”⁴¹; b) as que sinalizam/referem à circulação das línguas portuguesa e espanhola no mesmo espaço de enunciação. Estas serão chamadas de “linguístico-fronterizas”⁴².

⁴¹ Nomeação dada pelo autor para ilustrar as marcas linguísticas que remetem ao espaço geográfico, no enunciar que é afetado pelas condições históricas e políticas.

⁴² Nomeação dada pelo autor para ilustrar as marcas linguísticas onde está evidente a mistura do português e do espanhol na forma nominal do enunciado, no espaço de enunciação fronteiriço. O próprio nome dado à categoria ilustra a mistura das línguas.

As fotografias serão enumeradas de forma crescente e será descrita a cidade em que cada uma foi realizada.

Abaixo, observaremos as PLs “históricas-geo-políticas”, que marcam principalmente as condições geográficas e históricas do território estudado:

PL 01 – Mercado Integração (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 02 – Farmácia Internacional (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 03 – Metalporto Ferragem (Porto Xavier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 04 – Farmácia Integração (Porto Xavier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 05 – Instituto Estadual de Educação São Francisco Xavier (Porto Xavier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 06 – San Francisco Pizzas y Empanadas (San Javier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 07 – EPI Missões (Porto Xavier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 08 – Loteria do Porto (Porto Xavier)

Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 09 – Eu amo Natal sem Fronteiras (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 10 – CTG Corredor Missioneiro (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 11 – Bem-vindo a Porto Xavier (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 12 – Jornal Fronteira em Notícia – da fronteira para o mundo (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 13 – A Missioneira Importação e Exportação LTDA (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

Abaixo estão as PL de “linguístico-fronterizas”, que sinalizam/referem à circulação das línguas portuguesa e espanhola no mesmo espaço de enunciação:

PL 14 – Açougue La Fronteira (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 15 – El Barba Barbearia (Porto Xavier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

PL 16 – Bela Casa Muebles y Cerámicas (San Javier)



Fonte: arquivo pessoal do autor

Apresentado nosso *corpus*, observamos que o universo da fronteira entre Porto Xavier e *San Javier* é significado nos dizeres que estampam placas, fachadas e *outdoors*, e fazem parte da “Paisagem Linguística” das cidades, revelando possíveis gestos de interpretação de como está configurado o “Espaço de Enunciação Fronteiriço”.

Na Tabela abaixo, apresentamos de forma sistematizada as “Formas Nominais” e o ramo ou finalidade, bem como o suporte do enunciado e a cidade em que se encontra cada PL.

Tabela 1 - formas nominais presentes nas PLs das cidades de Porto Xavier e *San Javier*

Forma nominal	Ramo de atuação/ finalidade	Suporte do enunciado	Cidade
Mercado Integração	Mercado	Fachada	Porto Xavier
Farmácia Internacional	Farmácia	Fachada	Porto Xavier
Metalporto Ferragem	Loja de ferragens	Fachada	Porto Xavier
Farmácia Integração	Farmácia	Fachada	Porto Xavier
Instituto Estadual de Educação São Francisco Xavier	Escola	Fachada	Porto Xavier
<i>San Francisco Pizzas y Empanadas</i>	Restaurante	Fachada	<i>San Javier</i>
EPI Missões	Segurança do trabalho e placas solares	Fachada	Porto Xavier
Loteria do Porto	Casa lotérica	Fachada	Porto Xavier
Eu amo Natal sem Fronteiras	Evento cultural	Placa	Porto Xavier
CTG Corredor Missioneiro	Centro de tradições gaúchas	Fachada	Porto Xavier
Bem-vindo a Porto Xavier	Boas-vindas	Placa	Porto Xavier
Jornal Fronteira em Notícia	Jornal digital	Site	Porto Xavier
A Missioneira Importação e Exportação LTDA	Importação e exportação	Placa	Porto Xavier
Açougue La Fronteira	Açougue	Fachada	Porto Xavier
El Barba Barbearia	Barbearia	Fachada/ <i>outdoor</i>	Porto Xavier
Bela Casa Muebles y Cerámicas	Loja de móveis e cerâmicas	Fachada	<i>San Javier</i>

Adotando a perspectiva das FN's, conforme discorre Dias (2013), observamos que estas estão inseridas no acontecimento de produção do enunciado. Segundo o autor, a produção do enunciado "(...) adquire sentido na medida em que uma atualidade motivadora da formulação adquire pertinência na relação com outras enunciações, concebidas como traços de memória discursiva." (DIAS, 2013, p. 15). Desse modo, observamos que as determinações contraídas pelo nome na FN, agrega uma atualidade a uma memória, que é recortada da exterioridade e atribui identidade a este referencial, pois a entidade passa a ser constituída por uma ordem do próprio enunciado, do pertinente na enunciação histórica, como teoriza Dias (2013).

Assim, podemos dizer que as FNs apresentadas nas PLs emergem de uma enunciação histórica, onde a memória as atualiza, numa rede de significação que reporta ao universo fronteiro e à representação social do que é ser, estar e habitar esta fronteira, fazendo referência ao espaço geográfico, à história, ao político e aos modos de falar dos sujeitos. Os referenciais históricos de significação, a memória do dizer, vai direcionar a enunciação no presente, de acordo com a necessidade do que o novo acontecimento pretende significar.

Aprofundaremos nossa análise em cada uma dessas FNs, mobilizando conceitos teóricos que explicitam o funcionamento da língua no "Espaço de Enunciação Fronteiro". Nosso objetivo é trazer possíveis gestos de interpretação que auxiliem a compreender o funcionamento das "nomeações", "designações" e "referências", nas "cenas enunciativas", que compõem os espaços públicos e privados, onde estão expostos sujeitos e línguas.

Um dos primeiros aspectos a ser analisado em qualquer PL que tem como objetivo publicizar uma marca ou uma ideia, é o relacionado à sua apresentação. Observamos o tamanho e forma das letras, que são em sua maioria grandes, para que sejam vistas de longe, possuindo sempre uma forma única, exclusiva, que as diferencia das letras de outra fachada, placa, *outdoor*, etc. A forma gráfica própria de cada nome tem o intuito de chamar a atenção do público que circula nesses espaços públicos e privados. Além disso, os símbolos e as cores integram o *design* que sempre remeterá à loja. É sua identidade visual. Isso particulariza tal loja no mundo, a partir do visual (letras, imagem e cores).

Observamos também que o não verbal é parte constitutiva do acontecimento da linguagem. Tomamos como exemplo a “PL 09 – Eu amo Natal sem Fronteiras” e a “PL 11 – Bem-vindo a Porto Xavier”. Na PL 09, a imagem de um coração significa e substitui a forma verbal “amo”. É convencional que o coração representa amor, amar. Já na PL 11, temos a imagem da cana-de-açúcar, da cebola e de uma ponte. Estamos diante de um “memorável” recortado pelo próprio acontecimento, que revisita enunciações anteriores, onde a cebola, a cana-de-açúcar e a ponte remetem a um universo de significações sócio-históricas da cidade, que tem como “marca registrada” a exportação de cebola, a produção de cana-de-açúcar e o sonho da construção da ponte internacional. Ademais, a figura da tocha acesa na “PL 05 - Instituto Estadual de Educação São Francisco Xavier” (Porto Xavier), rememora a representação da chama do conhecimento que ilumina o mundo, o que vem ao encontro dos objetivos de uma instituição de ensino.

A importância do *design* que envolve letras e símbolos também se dá na medida em que ela acessa o “memorável”, ao observar a mesma forma em outros espaços da cidade, que não são a fachada do estabelecimento, mas sim em anúncios amplificados em *outdoors* e placas espalhadas pelos espaços públicos, por exemplo. Para Guimarães (2003), “a forma gráfica do nome é um predicado do nome, ao lado de outros predicados que o nome posto na entrada da loja reúne. A forma gráfica é parte do que faz o nome significar (...)”. (GUIMARÃES, 2003, p. 61). Para o autor, os nomes “desenhados graficamente” são modos de identificar, não referir.

É assim que estes nomes, enquanto marca, estão nas lojas correspondentes para identificá-las e não para referi-las. Não há como pensar o nome sem sua configuração gráfica e o que ela aí significa enquanto nome público. Neste sentido, os nomes de estabelecimentos comerciais, enquanto elementos de marketing, são modos de identificar *lugares* comerciais”. (GUIMARÃES, 2003, p. 61 – grifo do autor)

Esse modo de identificar traz para discussão outro aspecto importante na contemporaneidade, que é a cidade como espaço onde circulam consumidores e como o marketing intervém na enunciação, afetando de forma direta estes sujeitos, que são “lembrados” em mais de um momento sobre a loja ao visualizar seu nome em diversos espaços da cidade. Mas o que está em jogo aqui é a identificação destes lugares num espaço ímpar, que é a fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*, onde os sentidos sócio-históricos-políticos deixam marcas nas cenas enunciativas.

A seguir, buscaremos explicitar o funcionamento da “nomeação”, da “designação” e da “referência” em cada PL que forma nosso arquivo, em ordem cronológica, como foram apresentadas:

Na “PL 01 – Mercado Integração” (Porto Xavier), o letreiro está em vermelho para chamar a atenção. Não há símbolos, mas o nome produz significado para o contexto da fronteira. Historicamente, argentinos e brasileiros fazem compras do outro lado quando o câmbio é favorecido. Esse movimento de atravessar o rio Uruguai indo e vindo, caracteriza uma integração entre os países. Nomear um mercado de “Integração” é uma forma de marcar, pela palavra, que nesta fronteira a integração é algo comum, é algo que acontece na vida cotidiana. O “memorável” acessa enunciações anteriores onde o intercâmbio e a integração estão presentes no imaginário do fronteiriço, e esse recorte histórico se ressignifica em novas enunciações. Nessa zona limítrofe, a integração se dá principalmente pela compra e venda de produtos, pela importação e exportação.

Na “PL 2 – Farmácia Internacional” (Porto Xavier) temos uma farmácia que pertence a rede de farmácias Associadas, entretanto, antes de pertencer à rede, já possuía um nome, que segue grafado em sua fachada: “Internacional”. Estamos diante de uma cena enunciativa onde a “nomeação” leva em conta o “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, um espaço “internacionalizado”. O nome marca e particulariza esta farmácia num espaço de enunciação significado como internacional, onde são vendidos medicamentos para brasileiros e argentinos. Isso evidencia a circulação de sujeitos de ambos os países. Observamos também que o letreiro e as cores da fachada da farmácia seguem as regras ditadas pela rede. Essa estratégia de marketing busca amplificar a marca da rede de farmácias, presente em várias cidades. Entretanto, em Porto Xavier, ela não só pertence a uma rede, como ela possui um nome particular, que produz sentidos no espaço fronteiriço.

Na “PL 03 - Metalporto Ferragem” (Porto Xavier), temos uma loja de ferragens. O nome é grafado com a letra “M” servindo de suporte para o restante da palavra, em letras grandes, para boa visualização. Tem-se um nome composto (Metal), que pode ser associado às ferragens, ao ferro; e o nome (Porto), relacionado à Porto Xavier. Essa nomeação particulariza uma loja de ferragens localizada na fronteira, onde o rio serve de travessia, onde se localiza um porto internacional, com trânsito de cargas e pessoas. O funcionamento da significação caracteriza a PL como “histórica-geo-

política”, tal como a concebemos neste trabalho, marcando a enunciação no determinado espaço geográfico, permeado pelo político e inscrito na história, mantendo uma relação com a história de constituição do nome da cidade. O nome “porto” faz parte de uma história de designações que é acessado pela memória. Guimarães (2002) elucida que “o passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representadas como seu passado” (GUIMARÃES, 2002, p.15). Esse “memorável” de enunciações é recortado pela temporalização do acontecimento.

Na “PL 4 - Farmácia Integração” (Porto Xavier), o funcionamento semântico enunciativo propõe o mesmo gesto de interpretação da “PL - 01 - Mercado Integração”. Em ambos o sujeito enuncia de sua posição de uma região do “interdiscurso”, pois ser fronteiro, na sua posição de sujeito, é viver a representação da integração que constitui o habitar a fronteira. Ademais, o rio Uruguai e a balsa entram como protagonistas da integração, pois é por meio deles que é possível “se integrar”, manter contato.

Observando a “PL 5 - Instituto Estadual de Educação São Francisco Xavier” (Porto Xavier), a marca da instituição de ensino é uma tocha com uma chama acesa, simbolizando que a educação “ilumina os caminhos”, como já citamos. Esse símbolo em si já carrega uma representação social na história: a sabedoria é luz para a escuridão da ignorância. A nomeação da escola rememora outras enunciações inscritas na história da cidade, para significar no presente. São Francisco Xavier foi o nome dado à vila, antes de Porto Xavier ser distrito e, posteriormente município. Além disso, o padroeiro do município de Porto Xavier é São Francisco Xavier, que compartilha uma história com o município vizinho de *San Javier*, na época em que este espaço era um só território e pertencia à coroa espanhola. Portanto, fica explícito que o funcionamento semântico-enunciativo é agenciado pela história, que marca o presente do acontecimento. Ambos os municípios, num conflito político, tomam o santo para si. Por outro lado, também podemos pensar na integração, onde ambos possuem uma história compartilhada, que é marcada nas cenas enunciativas, que são recortadas em novas temporalizações. Tem-se assim um paradoxo, como já mencionamos, e entendemos ser característico da fronteira, pois o que marca a divisão, também marca a integração no imaginário dos sujeitos.

Na mesma direção, a “PL 06 - *San Francisco Pizzas y Empanadas*” (*San Javier*), possui uma “nomeação” recortada pelo “memorável” de um passado de cunho religioso, que se materializa em um novo acontecimento enunciativo, pois São Francisco faz parte da história. Esse passado compartilhado influencia no modo como os sujeitos se marcam na fronteira e como veem a integração ou divisão entre os países.

O “PL 07 - EPI Missões” (Porto Xavier), estampa a fachada de uma loja de equipamentos de proteção individual para o trabalho, e de projetos e instalação de placas solares, como mencionado no slogan “promovendo eficiência e sustentabilidade”. Nos interessa a referência ‘histórica-geo-política’, que marca a empresa nas “Missões”. O agenciamento do sujeito, permite que este fale de uma região do “interdiscurso” onde ele se coloca como missioneiro. Ser fronteiro é também ser missioneiro. O “memorável” também funciona inscrito na história de lutas das missões jesuíticas por suas terras e pelo seu povo, motivo de orgulho para a região que vende esta marca e compartilha essa história com a Argentina. Porto Xavier inscreve-se como “rota das missões internacionais - Brasil - Argentina - Paraguai”. Estar nesta rota, justifica a construção da ponte internacional, facilitando o acesso aos turistas e ao comércio internacional. Assim, Porto Xavier se consolida como “o corredor” das Missões.

Ao analisarmos a “PL 08 - Loteria do Porto” (Porto Xavier), deparamo-nos com uma casa lotérica, que se marca na nomeação, no mesmo viés semântico-enunciativo da “PL 03 - Metalporto” (Porto Xavier), onde a palavra “porto” funciona na enunciação como um “memorável” das características “históricas-geo-políticas”, marcando a geografia e a história da constituição do nome da cidade.

A “PL 09 - Eu amo Natal sem Fronteiras” (Porto Xavier), nomeia o evento de Natal promovido pela administração pública municipal de Porto Xavier, no mês de dezembro, onde são promovidas atrações culturais com música, teatro e danças. O nome do evento já foi “Natal em família”. Observamos o desejo de designar o Natal de Porto Xavier, perante os demais eventos natalinos da região. O “Natal sem fronteiras”, remetido ao real, se significa perante os outros eventos de Natal da região, nomeados de “Natal Show” e “Natal Luz”, por exemplo. O funcionamento da preposição “sem”, na Formação Nominal “Natal sem fronteiras”, indica que o Natal de Porto Xavier é desprovido de fronteiras, não há barreiras. Desse modo, ele é

internacionalizado. Não há limites. É um evento pensado para todos: brasileiros e argentinos. Retomam-se enunciações anteriores onde a integração é recortada pela temporalidade. O “Natal sem fronteiras” é um Natal de integração.

Na “PL 10 - CTG Corredor Missioneiro” (Porto Xavier), temos uma placa de madeira, com um desenho feito à mão, onde observamos um gaúcho cavalgando em direção ao horizonte. Também optamos por fotografar o lema, que diz: “No corredor do passado, reportamos a tradição.” A vestimenta gaúcha e o cavaleiro andando em uma estrada entre os cercados da estância, representa um cenário típico do sul, representando o tradicionalismo. O processo de “nomeação”, particulariza o centro de tradições de Porto Xavier. O passado é um “memorável” recortado pelo acontecimento, onde as missões são marcadas e significam o que o município foi no passado: um corredor que dava acesso ao outro lado do rio Uruguai. O próprio lema aponta que foi “um corredor no passado”, ressignificando a “rememoração” de enunciações inscrita na história. Ademais, o lema incita uma valorização do passado, fazendo referência às tradições.

Na “PL 11 - Bem-vindo a Porto Xavier” (Porto Xavier), o texto verbal não produz nada de especial, entretanto, as imagens significam o agenciamento sócio-histórico. A cana-de-açúcar e a cebola, significam historicamente a produção de álcool na destilaria do município de Porto Xavier e o comércio de importação e exportação, num acontecimento que temporaliza e ressignifica como é movida a economia do município. Observa-se ainda a imagem de uma ponte. É uma ponte qualquer, pois a travessia para *San Javier* ainda é feita pela balsa, todavia, o “memorável” recortado pelo próprio acontecimento projeta uma latência de futuro. A construção da ponte é uma “rememoração” na medida em que o discurso circula há mais de 40 anos, mas abre espaço para o futuro, onde muitos sujeitos esperam vê-la concretizada.

A “PL 12 - Jornal Fronteira em Notícia” (Porto Xavier) nomeia um meio de comunicação na e da fronteira. As imagens entre as iniciais “F” e “N”, simbolizam um sinal de wi-fi, de rede, que se significam representando que as informações partem “da fronteira para o mundo”, como observado no slogan. A enunciação marca o “interdiscurso”, onde o sujeito, na sua posição de sujeito, significa-se como internacionalizado, partindo da fronteira para o mundo, na tentativa de dar visibilidade para este espaço que também precisa ser visto.

A “PL 13 - A Missioneira Importação e Exportação LTDA” (Porto Xavier), possui uma placa com um letreiro simples e nomeia uma empresa do ramo de importação e exportação, projetando também uma “designação”. Observamos a mesma produção de sentido descrita em outras PL’s onde tem-se a marcação do território “histórico-geo-político”. Elucida-se que o artigo “A”, que acompanha o nome “Missioneira”, determina, particulariza o nome próprio que também designa uma região: a região missioneira. O mesmo nome dado a região, agora designa uma empresa específica. Desse modo, a “designação” trabalha a memória das Missões, predicando a empresa com o “memorável” de que ela é como o povo missioneiro: aguerrido e forte.

A seguir, buscaremos analisar as PLs as quais nomeamos como “linguístico-fronterizas”. Na composição de sua formação nominal, as PLs possuem a língua portuguesa e espanhola, significando o “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, onde as línguas se misturam pela necessidade de comunicação e se marcam na enunciação, produzindo sentidos ao modo de falar e habitar a fronteira.

Na “PL 14 - Açogue La Fronteira” (Porto Xavier), temos a imagem de um bovino e de uma galinha, que significam a finalidade do estabelecimento comercial: vender carnes. O nome do estabelecimento é composto por um artigo em espanhol. (artigo determinante feminino) e pelo substantivo “fronteira”. Observamos que a PL é “linguístico-fronteriza”, mas não deixa de ser “histórica-geo-política”. Entretanto, o que nos chama a atenção é o uso do artigo em espanhol. Além de marcar a mistura das duas línguas na mesma cena enunciativa, ela também marca o agenciamento do sujeito num “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, que tomando pelas línguas, faz o político funcionar e se divide ao fazer uso de ambas. Ademais, o artigo tem uma função de significar que não é qualquer fronteira é “la fronteira”. O artigo “La” destaca o substantivo fronteira. Tem-se uma “nomeação” que se projeta como “designação” ao trazer esta função do artigo, comum nos títulos de identificação, por exemplo, dos imperadores, bispos, príncipes e monarcas, que destacavam um acontecimento, um fato histórico, uma característica física, um defeito ou virtude de caráter. Ao estarem lado a lado, português e espanhol, também interpretamos que tanto a língua portuguesa como a língua espanhola possuem o mesmo grau de importância na fronteira, pois a empresa atende brasileiros e argentinos.

Do ponto de vista morfológico, da função dos artigos, a Real Academia - RAE, define o artigo como: “*clase de palabras cuyos elementos especifican si lo designado*”

por el sustantivo o el grupo nominal al que este determina constituye o no información consabida". Ou seja, a função do artigo é determinar, caracterizar. "La Fronteira" é um açougue que se particulariza pelo território e pela mistura de duas línguas. Em outro local que não fosse a fronteira, a significação não seria a mesma. A particularidade da empresa é ser da fronteira, todavia não é qualquer fronteira. É uma fronteira de interação entre o português e o espanhol, onde as línguas entram em conflito pelo político e o sensível é dividido pelos sujeitos e significado no modo de dizer. Ser fronteiriço se materializa na língua quando o sujeito usa tanto o português como o espanhol no mesmo enunciado, marcando sua identidade "mesclada".

A "PL 15 - El Barba Barbearia" (Porto Xavier) é constituída de imagens e texto. Antes de analisar o nome, vamos analisar as imagens. Observamos um homem com barba grande e a predominância da cor azul, representada no senso comum como a cor do sexo masculino. Quanto ao nome, "El Barba" nomeia uma barbearia localizada na fronteira entre Brasil e Argentina. Em sua enunciação está presente o português e o espanhol. Essa mescla significa o que é ser fronteiriço. É estar dividido, é integrar-se, misturar-se, mesclar-se. É habitar este "entremeio" de línguas e culturas. Ademais, também destacamos a função do artigo "El", que possui a mesma função do artigo "La", já discutido na PL anterior.

Também entendemos que o fato de a barbearia possuir um *outdoor* na entrada da cidade, produz o efeito de "referência". Para Guimarães (2003) "a referência é um procedimento linguístico pelo qual se particulariza algo na enunciação e pela enunciação" (GUIMARÃES, 2003, p. 53). Assim, por estar em outro lugar da cidade e indicar o endereço de algo que já está nomeado, a barbearia é particularizada e referida entre os demais nomes.

Na "PL 16 - Bela Casa – Muebles y cerámicas" (San Javier). Os letreiros são grandes com o intuito de dar visibilidade. Também observamos imagens de cerâmicas, que é o produto vendido. Como a loja é situada em *San Javier*, destacamos o português ocupando o espaço de enunciação do espanhol. A grafia em espanhol seria "*Bella casa*". Segundo a RAE, *bella* é um adjetivo que remete à beleza: "*adj. Que, por la perfección de sus formas, complace a la vista o al oído y, por ext., al espíritu.*". A grafia "bela", na língua portuguesa, também significa perfeição. Já a palavra "casa" significa local para habitar, em ambas as línguas. O fato de o nome da

loja estar em português e o que a específica estar em espanhol, ilustra a divisão política no uso das línguas.

Assim como na “PL 15 - El Barba Barbearia”, a “nomeação” e o “memorável” significam a enunciação do fronteiriço. Ser fronteiriço é estar “entre línguas”. Isso fica explícito no modo de grafar o nome. A mistura, a inter-relação e a integração fazem parte da dinâmica local promovida pela travessia da balsa, que põe em contato sujeitos e línguas. Isso se reflete nos modos de falar e habitar a fronteira, marcando também a identidade do fronteiriço, como já mencionamos. Portanto, o agenciamento histórico e político do sujeito traça um caminho para o modo de “nomear” o que está relacionado ao universo da fronteira.

5. APORTANDO⁴³ O IR E VIR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ora, ao cessar este “ir e vir”, observamos, neste percurso de mobilidade, que estamos ancorados numa dinâmica local que possui aspectos ímpares no modo de habitar a fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*. O político marca a disputa que atravessa esse espaço limítrofe, dividindo e integrando, paradoxalmente, línguas e sujeitos, que se movem em cenas enunciativas, produzindo novos sentidos a cada tomada de palavra.

Para Guimarães (2014), os espaços de enunciação “são espaços que distribuem desigualmente as línguas para seus falantes, e assim redividem o sensível, ao identificarem os indivíduos ao serem tomados pelas línguas” (GUIMARÃES, 2014, p. 51). É nesse embate que os sentidos são constituídos, pois as línguas existem em decorrência de seus falantes.

O espaço de enunciação da fronteira entre Porto Xavier e *San Javier* significa os sujeitos que compartilham de uma história em comum, desde as disputas pelas terras entre portugueses e espanhóis, até a fundação das atuais cidades. Identificar-se como fronteiriço é marcar-se no modo de habitar e enunciar, agenciado pelo político e pelo histórico, afetado por duas línguas: o português e o espanhol. Neste espaço geográfico, a travessia da balsa através rio Uruguai propicia os contatos, onde os sujeitos movem-se entre línguas e culturas e se marcam na enunciação.

Respondemos, deste modo, nossa pergunta de pesquisa: quais são os sentidos políticos no uso do português, do espanhol e do portunhol por falantes fronteiriços, na zona de fronteira Porto Xavier/San Javier? Os sentidos são construídos a partir do conflito entre as línguas, que redividem o sensível, afetadas pelo histórico, marcando a enunciação e a identidade do fronteiriço, que se reconhece como tal, pelo modo de habitar e conviver entre línguas e culturas. Ademais, o território missioneiro foi, no passado, um só, num projeto missionário que deixou um legado histórico em comum nos dois lados do rio, emergindo, deste modo, a identidade do fronteiriço-missioneiro, que carrega as marcas em sua memória e as materializa na enunciação.

⁴³ Aportar, nesta fronteira, significa ancorar, atracar, chegar no porto.

Nosso suporte teórico e metodológico contribui para compreender que a enunciação se dá numa relação do “eu” com um “tu”. O “eu”, locutor, projeta quem é este “tu”, interlocutor, agenciado pelo político e pelo histórico, caracterizando um acontecimento, que instala uma nova temporalização, numa cena enunciativa, onde o “memorável” age no presente e abre espaço para uma latência de futuro, que significa e produz sentidos em cada nova enunciação. Este “eu”, se coloca como sujeito, porque fala de uma região do “interdiscurso”, que determina o que pode e deve ser dito, por meio de uma memória de sentidos sobre o que é ser fronteiro e habitar a fronteira.

É a circulação dos sujeitos e línguas que regula o funcionamento do “Espaço de Enunciação Fronteiro”. Um espaço onde a geografia e a história são elementos fortes de identificação e ligação entre os sujeitos que habitam esta zona limítrofe. Desse modo, nosso estudo contribui para elucidar como se configura este espaço de enunciação na fronteira entre Porto Xavier e *San Javier*, pois é evidente que cada fronteira possui uma dinâmica própria de funcionamento.

Ao utilizar “Paisagens Linguísticas”, pretendemos ilustrar como são apresentadas as línguas nos espaços de circulação públicos e privados, pois a cidade cada vez mais é um local habitado por palavras, que sinalizam como se dá a distribuição das línguas em circulação.

Fazendo uma análise semântico-enunciativa, e utilizando as categorias “nomeação”, “designação” e “referência”, observamos como os sujeitos estão afetados pelo português e pelo espanhol, que convivem no mesmo espaço de enunciação, pois ambos estão materializados nas PLs analisadas, o que significa politicamente o que é ser da e viver na fronteira. Além disso, ao organizarmos nosso *corpus* em PLs “político-geo-históricas” e “linguístico-fronterizas”, conforme já discutiremos, pretendemos ilustrar como a geografia, o político e a história afetam as representações sociais da fronteira. Isso se materializa na língua, pois o “memorável” age nos processos de “nomeação” e “designação”, produzindo sentidos em cada nova enunciação.

Identificamos, em nosso trabalho, que o “Espaço de Enunciação Fronteiro” entre Porto Xavier e *San Javier* sofre influências de um passado e de um presente que marca a língua pela enunciação. Nomear um mercado e uma farmácia de

“Integração”, aponta os possíveis sentidos de como a fronteira é imaginada por quem a habita: um local de integração social. Ademais, ter uma ponte sobre o Rio Uruguai ilustrando a placa de entrada da cidade, onde sequer há uma ponte construída, demonstra a representatividade do que significa essa integração: ter uma ponte para estreitar ainda mais os laços com o país vizinho. Essa integração é reforçada pelo nome do evento de Natal promovido pela prefeitura de Porto Xavier: “Natal sem Fronteiras”. Não ter fronteiras significa estar integrado, estar unido e não servir de barreira. De certa forma, isso remete ao passado, onde Porto Xavier e *San Javier* eram um só território.

A enunciação do fronteiroço também marca o espaço geográfico. A palavra “porto”, presente nas nomeações de “Metalporto”, “Loteia do Porto”, além da palavra “internacional”, presente na nomeação de “Farmácia internacional” e “Missões”, presente em “EPI Missões”, “CTG Corredor Missioneiro” e em “A Missioneira” remetem à localização geográfica da região das Missões, ao mesmo tempo que marcam a história das missões jesuíticas, onde Porto Xavier servia de “corredor” para a ligação entre as reduções, e hoje é um espaço que dá acesso aos outros países por meio do Porto Internacional.

A “nomeação” de “São Francisco Xavier” e “*San Francisco*”, marca a memória de uma história de ocupação territorial sobre um mesmo projeto de pátria missioneira, unindo os países por uma mesma história, onde um missionário que virou santo e padroeiro serve de “memorável”, para um recorte que carrega novas significações. A palavra “fronteira” presente nas nomeações de “Jornal Fronteira em Notícias” e “Açougue La Fronteira”, marca o espaço geográfico, carregado de significações do que é ser e viver na fronteira e assumir a identidade de fronteiroço. Não obstante, as “nomeações” “Açougue La Fronteira”, “El Barba Barbearia” e “Bela Casa”, ilustram o espaço de enunciação onde as línguas se tocam e se misturam nos dois territórios, significando um espaço integrado e internacionalizado, onde o português e o espanhol ocupam lugar de destaque por serem línguas nacionais, e oportunhol aparece como fenômeno, que possibilita uma melhor comunicação entre os fronteiroços.

Este olhar semântico-enunciativo sobre as “Paisagens Linguísticas” que ilustram o espaço estudado nos faz refletir sobre como os sujeitos se significam politicamente e como isso está marcado na enunciação, que é influenciada pela história e pela vivência de quem habita a fronteira.

Estudar o contato entre o português e o espanhol nesta fronteira, também nos faz refletir sobre nossa identidade latino-americana, onde muitas vezes a língua do país vizinho é excluída e se privilegia o inglês como “língua franca”. Segundo Guimarães (2002) “(...) trabalhar o ensino do Português do Brasil nos países vizinhos e do espanhol no Brasil é um modo de redividir o espaço para torná-lo cada vez mais sul-americano e cada vez menos norte-americano ou europeu (...)” (GUIMARÃES, 2002, p. 20). Diante disso, também ponderamos sobre o papel que a linguística tem para contribuir com a implementação de políticas públicas que valorizem as línguas em circulação nos territórios.

Portanto, este trabalho buscou propiciar uma reflexão sobre a presença e o contato do português e do espanhol na fronteira entre Brasil e Argentina, especificamente entre Porto Xavier e *San Javier*, pelo viés da enunciação, contribuindo para futuros estudos sobre a linguística fronteiriça.

BIBLIOGRAFIA

Albuquerque, J. L. (2014). **As fronteiras do Portunhol selvagem**. Revista TB, 196, 89-108. Disponível em: < <https://abrir.link/NFmQs> >. Acesso em: 25 de maio. 2022.

ALVAREZ, Isaphi Marlene Jardim. **Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9804> . Acesso em: 01 fev. 2023.

BARRIOS, G. **Minorías lingüísticas y globalización: el caso de la Unión Europea y el Mercosur**. Letras, [S. l.], n. 27, p. 11–26, 2003. DOI: 10.5902/2176148511894. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11894> >. Acesso em: 25 maio. 2022.

_____. **La denominación de variedades lingüísticas en situaciones de contacto: dialecto fronterizo, DPU, portugués uruguayo, portugués fronterizo o portuñol**. Em: ACEVEDO, Fernando; NOSSAR, Karina (org). Educación y Sociolingüística. Rivera, UY. Universidad de la República, 2018, p. 193-2016. Disponível em: < <http://repositorio.cfe.edu.uy/bitstream/handle/123456789/1146/Acevedo,F.Educacion.pdf?sequence=2#page=193> >. Acesso em: 25 maio. 2022.

BÄR, Emmanuelle Coutinho Ribeiro. **A designação dos estabelecimentos comerciais na cidade fronteiriça de Uruguaiiana: interface português e espanhol**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria.

BENEDETTI, Alejandro. **Lugares de Frontera y Movilidades Comerciales en el Sur Sudamericano: una aproximación multiescalar**. In: COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Vilela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (org.). Fronteiras em foco. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011, p. 33-55.

BENVENISTE, E. **O aparelho formal da enunciação**. In: Problemas de Lingüística Geral II. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.

_____. **Da subjetividade na linguagem**. In: Problemas de Lingüística Geral I. 2. Ed. – Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. cap. 21. p. 284-293.

CAPUCHO, M. F. (2010). **Ciência, ideologia, intervenção: a Intercompreensão para além das utopias**. Synergies Europe, 5, 101-103. Disponível em: < <https://gerflint.fr/Base/Europe5/capucho.pdf> >. Acesso em: 18 ago. 2022.

CATAIA, Márcio. **Uso do Território e Fronteiras Políticas no Período de Globalização**. In: COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Vilela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (org.). Fronteiras em foco. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011, p. 13-32.

CERNO, Leonardo. **Portugués, Español, Alemán y brasileiro. Lenguas y variedades en contacto en el Alto Uruguay (Misiones, Argentina)**. Universidad Nacional de Misiones, Avá. Revista de Antropología, vol. 34, pp. 131-153, 2019. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/1690/169062780006/html/> > Acesso em 18 ago. 2022.

DIAS, Luiz Francisco. **Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa**. Letras, [S. l.], n. 46, p. 11–22, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11723> . Acesso em: 26 mar. 2023.

DORFMAN, Adriana. **A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória**. Estudios Históricos, nº. 1, 2009. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3010815> >. Acesso em: 18 ago. 2022.

_____. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. 2009. Tese (Programa de Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis. Disponível em: < <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92493> >. Acesso em: 18 ago. 2022.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. **Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação?**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 43, n. 01, p. 489–499, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/454> . Acesso em: 15 maio. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**; coordenação de edição de Marina Baird Ferreira. – 8. Ed., Curitiba: Positivo, 2010.

GOLIN, Tau. **A guerra guaranítica: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

_____. **A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: L & PM Editores, 2002

GONÇALVES, Dania Pinto. **Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. Disponível em < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233742> > Acesso em: 13 jul. 2022.

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras, estados e identificaciones en el Cono Sur**. In: Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP, Pontes, 2002.

_____. **Enunciação e política de línguas no Brasil**. Letras, (27), 47–53. 2003. Disponível em < <https://doi.org/10.5902/2176148511897> > Acesso em: 16 fev. 2022.

_____. **Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação.** Laboratório Corpus: UFSM, Jan./Mar, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/17264/10431> > . Acesso em: 08 abril. 2021.

_____. **Política de línguas na América Latina. História das Idéias Lingüísticas no Brasil.** Relato nº 07, Campinas, 2001. Disponível em < https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_07.html#apresenta > Acesso em: 16 fev. 2022.

_____. **Língua e Enunciação.** Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 30, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637044> . Acesso em: 12 fev. 2023.

_____. **Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano.** Letras, (26), 53–62, 2003. Disponível em: < <https://doi.org/10.5902/2176148511880> > Acesso em: 26 de maio. 2022.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Território e Multiterritorialidade: um Debate.** GEOgraphia, n. 17, 2007b. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731> > Acesso em: 25 jan. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil/Rio Grande do Sul/ Porto Xavier.** Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-xavier/panorama> >. Acesso em: 03 març. 2022.

LECHETA, Michelle; BERGER, Isis Ribeiro. **A paisagem linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva.** Entrepalavras, [S.I.], v. 9, n. 2, p. 396-414, maio 2019. ISSN 2237-6321. Disponível em: < <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1486>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

LIPSKI, JOHN M. **La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas.** Estud. filol., Valdivia, n. 60, p. 169-190, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17132017000200008&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 26 mai. 2022.

MAIA, Ivone Carissini da; MÉNDEZ, Silvina Cecilia. **Falantes de Português Missioneiro de Fronteiras em Posadas PMF: O Caso Do Bairro San Lorenzo.** Web Revista SOCIODIALETO, [S.I.], v. 7, n. 21 SER. 1, p. 152 - 162, mar. 2018. ISSN 2178-1486. Disponível em: < <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/59> >. Acesso em: 22 ago. 2022.

MARCHESAN, Andressa. **A História e o sentido das designações relativas à pessoa com deficiência em documentos oficiais**. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria.

MARI, Marilce Auxiliadora Palaoro. **Identidade e memória fronteiriça: o chibo, trabalho de subsistência ou prática cultural?** Revista X, volume 12, nº 1. p.138-159, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/49779/33104> >. Acesso em: 06 jan. 2023.

MERCOTUR TURISMO E NEGÓCIOS. **O roteiro do Mercosul**. 41 p.

MOTA, Sara dos Santos. **Línguas, sujeitos e sentidos: o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9815> . Acesso em: 23 fev.2023.

MULTIRIO. **Para curar a pobreza": índios e mamelucos na expansão bandeirante**. Disponível em: < http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/curar_pobreza.html >. Acesso em: 05 març. 2022.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil**. Revista GeoPantanal. UFMS/AGB, Corumbá/MS. N. 21, 59-72. Jul./Dez. 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/2573> >. Acesso em: 25 maio. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Língua brasileira e outras histórias – Discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas, Editora RG, 2009.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas: Ed. Pontes, 2009, 100 p.

_____. **A língua imaginária e a lingual fluida: dos métodos de trabalho com a linguagem**. Eni Pulcinelli Orlandi (org.) Políticas lingüísticas na América Latina, Campinas, SP, Pontes, 1988.

OVIEDO, Norma [et al.] **Memorias fronterizas e historias de azúcar para hacer dulces: San Javier a través de los lugares, las instituciones y los protagonistas**. Posadas: Universidad Nacional de Misiones, 2022. Disponível em: < <https://edicionesfhycs.fhycs.unam.edu.ar/index.php/mfehdaphd> >. Acesso em: 20 dez. 2022.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 9. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943. Disponível em < <http://ufdc.ufl.edu/AA00011461/00001> > Acesso em: 14 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO XAVIER. **Dados históricos e estatísticos do município de Porto Xavier**. Gestão 1993/1996,13 p. 1995.

_____. **Região das Missões – Histórico; Município de Porto Xavier - Histórico.** Gestão 1989/1992, 9 p.

_____. **Porto Internacional.** Disponível em: < <https://portoxavier.rs.gov.br/site/conteudos/3568-porto-internacional> >. Acesso em: 06 març. 2022.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española.** Disponível em: <https://dle.rae.es/art%C3%ADculo> . Acesso em: 06 fev. 2023.

SAN JAVIER MUNICIPALIDAD. **Historia de San Javier Misiones.** Disponível em: < <http://www.sanjavier.misiones.gob.ar/index.php/municipio/historia#> >. Acesso em: 05 de març. 2022.

SÊGA, Rafael A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici.** Anos 90 [on line], Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, 2000. Disponível em: www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf >. Acesso em: 27 març. 2023.

STURZA, Eliana R. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas.** 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

_____. **Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras.** São Paulo: In Cienc. Cult.vol.57 no.2 Apr.June 2005. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200021&script=sci_arttext >. Acesso em: 16 fev. 2022.

_____. **Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários.** Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, set./dez., 2010.

_____. **Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira.** Revista Ibero-americana de Educação, vol. 81 núm 1 [(2019), pp. 97- 113]. Disponível em: < <https://rieoei.org/RIE/article/view/3568/4055> >. Acesso em: 16 fev. 2022.

_____. **Portunhol: língua, história e política.** Gragoatá, Niterói, v.24, nº 48, p. 95-116, jan.-abr.2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.22409/gragoata.2019n48a33621> >. Acesso em: 16 fev. 2022.

STURZA, E. R.; TATSCH, Juliane. **A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem.** Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Línguas e culturas em contato nº 53, p. 83-98. Niterói/UFF, 2016.

WEBER, Andréa F.. (2011). **A circulação do português e do espanhol na fronteira: o global e o local no espaço entre-línguas.** Raído, 5(9), 217–229. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/991> . Acesso em: 06 fev. 2023.